



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MOISÉS SILVA RODRIGUES FILHO

FUTEBOL E IDENTIDADE REGIONAL: O TORCER PARA O “TIME DE FORA”
NO NORDESTE BRASILEIRO

FORTALEZA

2023

MOISÉS SILVA RODRIGUES FILHO

FUTEBOL E IDENTIDADE REGIONAL: O TORCER PARA O “TIME DE FORA” NO
NORDESTE BRASILEIRO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Geografia do Centro
de Ciências da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Queiroz
Pereira.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R614f Rodrigues Filho, Moisés Silva.
Futebol e identidade regional : o torcer para o “time de fora” no Nordeste brasileiro / Moisés Silva Rodrigues Filho. – 2023.
108 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira.
1. Futebol. 2. Identidade. 3. Integração nacional. 4. Meios de comunicação. 5. Reconhecimento. I. Título.
CDD 910
-

MOISÉS SILVA RODRIGUES FILHO

FUTEBOL E IDENTIDADE REGIONAL: O TORCER PARA O “TIME DE FORA” NO
NORDESTE BRASILEIRO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Graduação em Geografia do Centro
de Ciências da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Aprovado em: 02/10/2023

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Frederico do Nascimento Rodrigues
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Tiago da Silva Castro
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minha avó, Maria Luzanira do Santos. Para
sempre na minha memória e no meu coração.

AGRADECIMENTOS

Sou um devedor de muitos “Obrigados” a muitas pessoas. Tenho a consciência de que o meu reconhecimento e a minha gratidão para com todos serão para sempre insuficientes.

Ao meu Deus, rendo todo louvor e glória. Para Aquele detentor de toda ciência, que em sua infinita misericórdia e graça aprovou conceder a mim o conhecimento, a força e as energias necessárias para a construção deste trabalho, afinal, “o Senhor é quem dá sabedoria; de sua boca procedem o conhecimento e o discernimento.” (Pv 2.6).

À minha mãe, Luziane do Santos Santos, muito obrigado. Nenhuma palavra seria capaz de descrever sua importância para mim. Criou-me com todo amor e carinho, fornecendo-me a melhor educação possível. Essa formação é nossa, querida mãe.

À minha deslumbrante e admirável namorada (em breve, esposa), Giulia Lara Frota Lima, minha perpétua gratidão. Ter você comigo é algo infinitamente imerecido. Na dosagem certa, seu amor direciona-se a mim em tantos conselhos e consolos. Para além disso, sem dúvida alguma, esta pesquisa só não consta de mais erros gramaticais e ortográficos graças ao seu brilhante conhecimento na área.

À toda minha família, principalmente, nas pessoas de Jenifer Santos e Alerhandra Santos (irmãs), Josué Rodrigues (irmão), Manuel Ferreira (meu querido avô) e Luzanira Santos (minha saudosa avó).

Ao Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira, pela excelente orientação. Sua contribuição e paciência do início ao fim foram fundamentais em todo o processo de construção do trabalho.

Aos professores e doutores participantes da Banca examinadora, Tiago da Silva Castro e Frederico do Nascimento Rodrigues, pelo auxílio e colaborações com valiosas sugestões.

Ao Prof. Dr. Jader de Oliveira Santos, pois, enquanto seu bolsista, através de seu exemplo, vi o quanto é valoroso a dedicação consistente naquilo que se proponho a fazer.

Aos meus irmãos (já que colegas de graduação seria muito pouco para descrevê-los) Breno Costa, Italo Carvalho (Wilsu), José Luiz, Kildere Maia, Samuel Franco (Margerá) e Victor Lima. Cada um desses possui fundamental importância na minha vida e na construção deste trabalho, afinal, o futebol - e todos os esportes em geral - sempre esteve associado às nossas conversas. E digo mais, jamais existirá time de futebol melhor que o “Sem Floresta” em nosso departamento.

Aos meus irmãos em Cristo, da Segunda Igreja Congregacional em Fortaleza. Caminhar com vocês é um sinal de que sou um bem-aventurado.

Mas através do “jogo de futebol”, as massas brasileiras podem experimentar vencer com os seus times favoritos. Sentem, então, que o seu desempenho no estádio como torcida - como platéia sofredora que se dá sem reservas ao seu clube e heróis - produz resultados palpáveis e vitórias completas. Essa vitória que a massa, perpetuamente iludida por governantes desonestos, efetivamente desconhece no campo da educação, da saúde e, acima de tudo, da política. (DAMATTA, 1994, p.17)

RESUMO

O futebol, desde seu advento em meio ao acelerado ritmo urbano-industrial e inserção nas redes e fluxos do imperialismo inglês, apresenta-se como objeto capaz de fomentar sentimentos identitários diversos. Desde então, tal esporte, de modo singular, tem captado grandes volumes de amantes ao redor do globo, de tal forma que a prática do futebol está diretamente interligada à torcida. O torcer resulta em pertencimento, logo, por meio do futebol, o indivíduo aproxima-se de modo leal ao seu “clube do coração”. No entanto, o futebol também se apresenta ao indivíduo como objeto de projeção de desejos de sucesso, prestígios e reconhecimento. Em face do exposto, existe uma propensão do ser humano que aprecia o futebol em torcer para determinado clube que possua mais status e reconhecimento, ou seja, times mais vitoriosos e que, ao longo dos anos, arrebataram mais triunfos notáveis, justamente com o objetivo de satisfazer esse anseio vitorioso por intermédio do futebol. Diante disso, inúmeras pessoas da região Nordeste optam por torcerem para Flamengo, Corinthians, Vasco, entre outros - sendo os mesmos denominados pejorativamente de “torcedor misto” por outros torcedores do seu Estado que não concordam com essa torcida para times de fora - evidenciando-se que os times do Sudeste e do Sul do Brasil se apresentam ao torcedor nordestino como capazes de satisfazê-los com os níveis mais altos de reconhecimento no campo do futebol, em detrimento dos times de sua região, em razão das múltiplas conquistas nacionais e grandes títulos internacionais que obtiveram ao longo de suas histórias. Todavia, em meio à correlação entre a integração nacional e a confirmação do futebol como esporte nacional ao longo do século XX, observa-se que os clubes do Sul e, principalmente, do Sudeste são aqueles que mais se posicionam em situações de maiores prestígios, capazes de alcançarem tais status mais elevados, em razão das condições econômicas, sociais, políticas e culturais nas quais foram historicamente inseridos que introduziu as bases para consolidação de tais clubes. Soma-se a isso o fato de que os referidos clubes estão fixados em regiões detentoras em maior escala dos meios de comunicação que levavam para as outras regiões do país a informação do futebol por estes praticado através da imprensa escrita, do rádio, da televisão e da internet.

Palavras-chave: Futebol; Identidade; Integração nacional; Meios de comunicação; Reconhecimento.

ABSTRACT

Football, since its advent in the midst of the accelerated urban-industrial rhythm and insertion in the networks and flows of English imperialism, presents itself as an object capable of fostering different identity feelings. Since then, this sport, in a unique way, has captured large volumes of lovers around the globe, in such a way that the practice of football is directly interconnected with the fans. Cheering results in belonging, therefore, through football, the individual loyally approaches his “heart club”. However, football is also presented to the individual as an object of projection of desires for success, prestige and recognition. In view of the above, there is a propensity for human beings who enjoy football to support a certain club that has more status and recognition, that is, more successful teams that over the years have won more notable triumphs, precisely with the aim of satisfying this victorious yearning through football. In view of this, countless people from the northeast region choose to support Flamengo, Corinthians, Vasco, among others - being pejoratively called "mixed supporters" by other supporters in their state who do not agree with this support for teams from abroad - showing that It is clear that teams from the southeast and south of Brazil present themselves to northeastern fans as capable of satisfying them with the highest levels of recognition in the field of football, to the detriment of teams from their region, due to the multiple national and great achievements international titles that they obtained throughout their histories. However, in the midst of the correlation between national integration and the confirmation of football as a national sport throughout the 20th century, it is observed that clubs from the south and, mainly, from the southeast are those that are most positioned in situations of greater prestige, capable of reaching such higher statuses, due to the economic, social, political and cultural conditions in which they were historically inserted, which introduced the bases for the consolidation of such clubs. Added to this is the fact that the aforementioned clubs are located in regions that have a larger scale of the means of communication that take to other regions of the country information about the football practiced by them through the written press, radio, television and the internet.

Keywords: Soccer; Identity; National integration; Media; Recognition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mosaico 3D intitulado “Tenho time para torcer” apresentado pela torcida do Fortaleza, no Ceará.....	18
Figura 2 - Primeiro registro fotográfico do Ferroviário Atlético Clube, 1937...	37
Figura 3 - Time do Flamengo - RJ, 1981.....	65
Figura 4 - Time do São Paulo-SP, 1992.....	66
Figura 5 - Time do Gremio-RS, 1996.....	67
Figura 6 - Time do Cruzeiro-MG, 1997.....	68
Figura 7 - <i>Ranking</i> Nacional das Federações, 2022.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - PORCENTAGEM DAS 10 MAIORES TORCIDAS, 2023.....	25
Tabela 2 - PORCENTAGEM DAS CINCO TORCIDAS MAIS PRESENTES EM CADA REGIÃO.....	26
Tabela 3 - <i>RANKING</i> DIGITAL - OS 10 MAIORES CLUBES DO BRASIL.....	60
Tabela 4 - <i>RANKING</i> DIGITAL - OS 10 MAIORES CLUBES DO NORDESTE.....	61
Tabela 5 - NÚMERO DE CLUBES PARTICIPANTES POR REGIÃO NA SÉRIE A DO CAMPEONATO BRASILEIRO (2013-2023).....	88
Tabela 6 - NÚMERO DE CLUBES PARTICIPANTES POR REGIÃO NA SÉRIE B DO CAMPEONATO BRASILEIRO (2013-2023).....	90
Tabela 7 - NÚMERO DE CLUBES PARTICIPANTES POR REGIÃO NA SÉRIE C DO CAMPEONATO BRASILEIRO (2013-2023).....	92
Tabela 8 - NÚMERO DE CLUBES PARTICIPANTES POR REGIÃO NA SÉRIE D DO CAMPEONATO BRASILEIRO (2013-2023).....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - CAMPEÕES DA PRIMEIRA DIVISÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO (1959-2022).....	70
Quadro 2 - CAMPEÕES DA COPA DO BRASIL (1989-2022).....	71
Quadro 3 - OS CAMPEÕES BRASILEIROS DA COPA LIBERTADORES..	73
Quadro 4 - OS CAMPEÕES BRASILEIROS DE TÍTULOS MUNDIAIS.....	74
Quadro 5 - CAMPEÕES E VICES DA TAÇA BRASIL (1959-1968).....	79
Quadro 6 - CAMPEÕES E VICES DO ROBERTÃO (1967-1970).....	80
Quadro 7 - ORDENAÇÃO DE TÍTULOS DO CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A POR ESTADO (1971-2022).....	86

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 -	TÍTULOS DOS CLUBES TRADICIONAIS DO NORDESTE.....	76
Mapa 2 -	ESTADOS COM CLUBES CAMPEÕES NACIONAIS DA TAÇA BRASIL E ROBERTÃO (1959-1970).....	81
Mapa 3 -	TÍTULOS DO CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO DA SÉRIE A POR ESTADO (1971-2022).....	87
Mapa 4 -	MÉDIA DE REPRESENTANTES POR REGIÃO NA SÉRIE A (2013-2023).....	89
Mapa 5 -	MÉDIA DE REPRESENTANTES POR REGIÃO NA SÉRIE B (2013-2023).....	91
Mapa 6 -	MÉDIA DE REPRESENTANTES POR REGIÃO NA SÉRIE C (2013-2023).....	93
Mapa 7 -	MÉDIA DE REPRESENTANTES POR REGIÃO NA SÉRIE D (2013-2023).....	98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 O ADVENTO DO FUTEBOL E IDENTIFICAÇÃO.....	23
2.1 O esporte inglês e seus diferentes agentes de propagação.....	28
2.2 O futebol no acelerado ritmo urbano-industrial.....	32
3 FUTEBOL E INTEGRAÇÃO NACIONAL: “OS DONOS DA BOLA”.....	39
3.1 Estabelecendo as bases dos “times de fora”.....	42
4 CONSOLIDANDO A CENTRALIDADE FUTEBOLÍSTICA: O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÕES.....	48
4.1 O papel da imprensa escrita.....	50
4.2 O papel das transmissões de rádio.....	52
4.3 O papel da televisão.....	55
4.4 Consolidação e visibilidade: o papel da internet para clubes de diferentes regiões.....	59
5 FUTEBOL E RECONHECIMENTO.....	63
5.1 Uma leitura dos campeões.....	65
5.2 O campeonato brasileiro de futebol: o poderio permanece.....	78
5.3 Uma análise dos participantes por região da série A, B, C e D do campeonato brasileiro (2013-2023).....	88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102
APÊNDICE A - TÍTULOS DOS CLUBES TRADICIONAIS DO NORDESTE.....	108

1 INTRODUÇÃO

Torcer para um clube de futebol envolve derrotas, frustrações, misturadas com algumas vitórias em pelepas que dão um gosto agridoce à vida. Como certa vez disse Carlos Drummond de Andrade (1974), poeta brasileiro e precursor da segunda geração modernista (1930-1945): “Bem-aventurados os que não têm paixão clubista, pois não sofrem de janeiro a janeiro, com apenas umas colherinhas de alegria a título de bálsamos, ou nem insto”.

De fato, essas poucas “colherinhas de alegria”, em certo sentido, são experimentadas no torcer para clubes de todas as regiões do Brasil, mas existem alguns clubes brasileiros que tradicionalmente oferecem maiores “porções de alegrias futebolísticas”. E aqui reside o argumento central desta pesquisa, a saber, mostrar que há uma predisposição do torcedor em torcer para determinado clube que possua mais status e reconhecimento nacional e internacional, isto é, times mais vitoriosos e que, ao longo dos anos, arrebataram mais triunfos notáveis. Dessa forma, será observado que os clubes do Sul e, principalmente, do Sudeste são aqueles que mais se posicionam em situações de maiores prestígios - em razão das condições econômicas, sociais, políticas e culturais nas quais foram historicamente constituídos e, para além disso, dos mesmos estarem inseridos em regiões detentoras em maior escala dos meios de comunicações que levavam para as outras regiões do país a informação do futebol por estes praticado.

É claro, nem tudo gira em torno de taças levantadas. Os relacionamentos pessoais, por exemplo, exercem grande influência na escolha do time de uma pessoa (BARBOSA e FAGUNDES, 2016). Dessa forma, provavelmente, a criança desde cedo estará ambientada com tudo o que envolve o time dos seus familiares - e, talvez, até estes tenham recebido como herança o time dos seus antepassados. Todavia, de modo exemplificativo e como afirmações gerais, tem-se narrativas, tais como: “Eu torço para o São Paulo por causa do meu irmão mais velho que se encantou com aquele grande time do São Paulo do começo da década de 90”; ou também “Sou flamengo desde criancinha por causa do meu pai. Ele passou a torcer para o Flamengo na época que o Zico jogava por lá”; ou até mesmo “Meu avô passava muito tempo viajando a trabalho. Nos anos 60, ele passou um tempo morando no Rio de Janeiro. Na época, o Botafogo de Garrincha era um dos melhores times e era a base da seleção brasileira e meu avô virou torcedor. Meu pai nasceu nessa época e a paixão pelo Fogão passou para ele e depois para mim.”

Perceba o ponto aqui, em algum momento houve um encantamento pela história vencedora de tais clubes por esses parentes. Eles levaram o amor ao clube adiante difundido por outras gerações e assim por diante. Assim, tem-se, pelo menos indiretamente, o sentimento de prestígio, de reconhecimento triunfante marcando o torcer para o “time de fora”. Talvez como único time, ou talvez com um amor dividido entre um clube local e um time das regiões Sul e Sudeste.

Nesta conjuntura, define-se neste trabalho o torcer como pertencer. Este pertencimento deve ser demonstrado com lealdade e fidelidade nas vitórias e derrotas. Uma vez feita a opção, ela não deve ser alterada, pois o torcedor passa a pertencer ao clube, seu “time do coração”. (DAMO, 2002). Diante dessa perspectiva, vale frisar que o vigente trabalho não buscará em momento algum questionar ou contestar o real pertencimento ao time daquele torcedor que reside no Nordeste brasileiro, mas que torce genuinamente para clubes da região Sudeste ou Sul. Dessa forma, afirma-se desde já que, por exemplo, ninguém é “mais ou menos” Flamengo (ou qualquer outro clube) pelo logradouro em que nasceu ou em que mora. O magnetismo do futebol se cristaliza em sua capacidade de conectar gente de todos os lugares. Visa-se nesta pesquisa apenas apontar para possibilidades de condicionantes que os levaram a optar por tais escolhas.

Fato é que ninguém está imune ao futebol, goste da prática esportiva ou não, ele está presente; no Brasil, essa realidade é ainda mais acentuada. Está entranhado efetivamente na vida das pessoas. É manifesto nos vizinhos que esperam avidamente a vitória do seu time sobre o rival para gracejar, implicar, festejar sobre o outro; se perde, trabalhos, escolas e outros compromissos são sacrificados para evitar os falatórios contrários. É manifesto nas transferências milionárias de jogadores entre clubes. Apresenta-se nos jogos televisionados, nas transmissões de rádio e na internet e nas redes sociais. Exterioriza-se nos pequenos e grandes equipamentos urbanos que permitem a prática esportiva. O futebol se difunde tanto na mais alta performance futebolística de um Liverpool x Manchester City, como também no “racha”, “baba”, “pelada” do time “sem camisa” x “com camisa”. O futebol é arte, técnica, esquemas e jogadas. Futebol é mercado, negócio, consumo. Futebol é paixão, rivalidade, identidades. Futebol é isso e muito mais.

O escritor, jornalista e cronista de destaque acerca do futebol brasileiro e suas múltiplas faces, Nelson Rodrigues, em 1993, reuniu uma série de crônicas em seu livro *A sombra das chuteiras imortais* e, especificamente, na crônica *O Divino delinquente*, escrito

em 1963, onde o referido apresenta sua célebre frase que ressalta a profundidade e magnitude da grande invenção do homem, a saber, o futebol. Nelson Rodrigues diz:

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que ‘futebol é a bola’. Não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealístico. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito: retira do futebol tudo o que ele tem de misterioso e de patético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num corner mal ou bem batido, há um toque evidentíssimo do sobrenatural. Eu diria ao ilustre confrade ainda o seguinte: — em futebol, o pior cego é o que só vê a bola... Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: — a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão.

Logo, para compreender o futebol para além do jogo de regras estabelecidas, ou do “Futebol é bola”, faz-se necessário uma aproximação do mesmo para perceber “o ser humano por trás da bola”. Dessa forma, será possível observar seus paradoxos e conflitos sociais e econômicos, lutas de todos os tipos, violência, corrupção, sofrimento, paixão e envolvimento popular, em suma, as relações humanas que são impactadas através do futebol, a “paixão brasileira”. Destarte, o futebol está em toda parte, permeado em todas as esferas; sua bola está rodando a grande área e o geógrafo atento estará apto a marcar um golão.

Dessa maneira, o presente trabalho apresentará uma série de discussões sobre identidade e o futebol, mais especificamente, investigando razões para a existência de tantos torcedores na região Nordeste para os “times de fora”, isto é, clubes que não estão inseridos dentro dos limites territoriais nordestinos. Tais torcedores são chamados pejorativamente de “mistos”

Em face do exposto, faz-se necessário uma breve conceituação do termo “misto” relatado acima para uma maior solidificação da proposta temática deste trabalho. Logo, como caracterizar os denominados torcedores “mistos”? Sobre isso, o sociólogo Arthur Alves de Vasconcelos (2011) estabelece uma definição em sua dissertação intitulada *Identidade futebolística: os torcedores “mistos” e “não mistos” no nordeste*. A partir do futebol nordestino, Vasconcelos (2011, p. 63) diz sobre os torcedores mistos que:

A expressão “misto” traz à mente a idéia de (falta de) pureza. Misto, misturado, é o contrário do único, do puro [...] Chama-se de “misto” “aquele que se reconhece como torcedor legítimo de uma equipe de fora, sendo ela seu único time ou não [...] O torcedor misto nordestino é criticado, sobretudo, por torcer por um time de fora da sua região. Daí as frases como “vergonha do Nordeste”, “manipulado pela mídia do Sul”, dentre outras.

O autor complementa enfatizando que o torcer, mesmo que exclusivamente para clubes pertencentes à outra região - leia-se região Sudeste e Sul - em detrimento dos times nordestinos também é alvo dos torcedores “anti-mistos”, visto que o mesmo escolhe deliberadamente torcer para um time “de fora”. (VASCONCELOS, 2011).

Nesta lógica, aquele que torce para Ceará e Flamengo ao mesmo tempo é denominado pejorativamente pelos “puros no torcer” como misto, assim como aquele que deliberadamente opta por torcer apenas para um único time externo ao da sua região de origem, um torcedor do Vasco da Gama, por exemplo.

Em contrapartida, em oposição a estes, estão os torcedores “não mistos”, aqueles caracterizados por torcerem apenas para os clubes do Nordeste, aqueles que torcem apenas para Fortaleza, Náutico ou Bahia, por exemplo. Vasconcelos (2011, p.64) também relata que “Muitos dos que torcem para um único time, de seu próprio estado, se organizam a fim de mostrar seu descontentamento com os “mistos”.

Um exemplo desta demonstração de descontentamento foi realizado no dia 16 de Outubro de 2019, no jogo entre Fortaleza-CE x Flamengo-RJ, em jogo válido pela 34ª rodada do Brasileirão. Ver figura abaixo.

Figura 1 - Mosaico “Tenho time para torcer” apresentado pela torcida do Fortaleza



Fonte: Diário do Nordeste, 2019.

Na ocasião, a torcida do Fortaleza organizou um mosaico 3D que, em um primeiro plano, apresenta o Cristo Redentor - monumento simbólico do Rio de Janeiro - com vestes do time rubro negro, mas, seguidamente, o traje foi substituído por uma camisa do tricolor do Pici, finalizando o momento com uma faixa com a seguinte frase: "tenho time para torcer".

Em face do exposto, o presente trabalho buscará explicar e responder aos seguintes questionamentos: “O sucesso futebolístico dos clubes do Sul e Sudeste em detrimento dos clubes nordestinos tem contribuído para o continuado crescimento de adeptos dos referidos na região Nordeste?”; “Quais fatores políticos, sociais e econômicos contribuíram para a consolidação dos times do Sudeste e do Sul no cenário do futebol brasileiro?”; “Como os diferentes veículos de informação e comunicação contribuíram para o fortalecimento dos clubes do centro Sul-Sudeste para além de suas regiões?” e “De que forma os anos de hegemonias de alguns clubes colaboram para o crescimento de torcedores dos “times de fora?”.

Neste trabalho, diversas tabelas foram confeccionadas para um maior entendimento do conteúdo pesquisado. Para além disso, toda a base cartográfica utilizada e produzida no trabalho foi processada utilizando o Sistema de Referência de Coordenadas em projeção Universal Transversa de Mercator (UTM), DATUM SIRGAS 2000 Zona 24S (EPSG: 31984) e o software QGIS, versão 3.28.5, para impressão dos mapas.

O mapa referente aos “títulos dos clubes tradicionais do Nordeste”, concernente à contagem total de títulos dos principais clubes tradicionais de cada estado da região Nordeste, foi elaborado a partir da catalogação destes referidos dados através da Confederação Brasileira de Futebol que, posteriormente, foram tratados e vinculados ao *shapefile* das unidades federativas do Brasil (IBGE, 2021).

O mapa de “Estados com clubes Campeões Nacionais da Taça Brasil e Robertão (1959-1970)” fazem referência aos campeões, por Unidade da Federação, das duas competições nacionais - tidas como embrionárias daquilo que viria a se tornar o Brasileirão - foi construído por meio dos dados de títulos dos clubes obtidos através da mesma entidade máxima do futebol nacional, CBF, e, seguidamente, foram tratados e vinculados ao *shapefile* das unidades federativas do Brasil (IBGE, 2021).

A representação cartográfica por meio de anamorfose geográfica, mapa de distorção, referente ao “número de títulos do campeonato brasileiro Série A, por estado, (1971-2022)” foi elaborada através dos referidos dados obtidos na pesquisa de Fonseca (2014) e por meio da Confederação Brasileira de Futebol. Tais dados foram tratados e vinculados ao *shapefile* das

unidades federativas do Brasil (IBGE, 2021). Posteriormente, foi utilizado o complemento *cartogram3*, do QGIS, para criar distorções de área com base nos números de títulos utilizando os parâmetros “*max. number of iterations: 10*” e “*max. average error: 10,00%*”. Assim, foi criado um arquivo vetorial para o Brasil. A construção do *layout* do mapa foi realizada no QGIS.

Para a confecção cartográfica (mapas 4-7) foram coletados dados referentes aos números de clubes participantes por região da Série A, B, C e D do campeonato brasileiro, entre 2013-2023, obtidos através da Confederação Brasileira de Futebol e, posteriormente, tratados e vinculados ao *shapefile* das regiões do Brasil (IBGE, 2021). Em seguida, foi utilizado o complemento *cartogram3*, do QGIS, para criar distorções com base nos números médios de clubes utilizando os parâmetros “*max. number of iterations: 10*” e “*max. average error: 10,00%*” das áreas das cinco regiões do Brasil de acordo com a divisão regional de 1989 adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que permanece até os dias atuais.

No primeiro capítulo desta pesquisa, “O advento do futebol e identificação”, serão analisadas as razões e motivos que levam o futebol a ser um esporte agregador de tantas identidades. Para tanto, será necessário um retorno à gênese do futebol moderno, ou seja, um regresso ao advento deste, mostrando como esse esporte inglês enfrentou diversos entraves condicionantes estabelecidos pelo lugar para se consolidar e fixar como prática “aceitável”. Somando-se a isso, será apresentado como o surgimento do futebol, em meio a uma sociedade inglesa marcada pelo ritmo urbano industrial acelerado, proporcionou ao futebol campo aberto para sua popularização e difusão entre as massas - sendo este motor vital para assimilação e incorporação deste como um esporte capaz de construir identidades. Em face do exposto, para embasamento teórico dos pontos elucidados acima serão utilizados autores como Gilmar Mascarenhas (2001; 2014; 2017), Nicolau Sevcenko (1994), Franklin Foer (2005), Ary Junior (2005), Raimundo Girão (1970), Rodrigo Pinto (2007), entre outras fontes.

No segundo capítulo, “Futebol e integração nacional: os ‘donos da bola’”, será examinado uma série de fatores econômicos, políticos, sociais e culturais ocorridos, principalmente, durante o século XIX e XX que proporcionaram melhores bases para consolidação dos “donos da bola”, isto é, daqueles que exerceram e exercem domínio no futebol nacional., em detrimento de clubes de outras regiões do Brasil, em especial do Nordeste brasileiro. Para tanto, os trabalhos de Venilson Fonseca (2014), Gilmar Mascarenhas

(1999; 2002), Sandra Lencioni (2010), Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001), Clélio Diniz (2001) servirão como fundamentos conceituais.

No terceiro capítulo, “A bola em redes: um sucinto panorama do papel da imprensa escrita, rádio, televisão e da internet para a consolidação de uma centralidade futebolística”, será investigado como tais regiões privilegiadas exerceram o controle por intermédio dos diferentes meios de comunicação da informação sobre futebol que chegava em outros territórios, mostrando como tal feito é vital para o crescimento de torcedores de tais clubes nos estados do Nordeste. Tais meios de comunicação foram escolhidos pois a consolidação do futebol no Brasil, desde o século XX até os dias atuais, foi amplamente difundida pelos tais em diferentes épocas e contextos, de modo autônomo, mas também simultâneo, caracterizado por amplo e privilegiado domínio das regiões Sul e, principalmente, Sudeste destes referidos veículos de informação. Para tal propósito, será utilizado os pressupostos levantados por Artur Vasconcelos (2011), Venilson Fonseca (2014), Patricia Schatz (2015), Luiz Henrique de Toledo (2012), Eduardo Galeano (2012), Daniel Damasceno Crepaldi (2009), Vera Camargo (2001), Fernando Santos da Silva (2018), Richard Giulianotti (2012), entre outros.

No quarto e último capítulo, “Futebol e reconhecimento”, será estudado como o maior prestígio futebolístico dos clubes do Sudeste e do Sul no cenário nacional e internacional, alcançado através de conquistas, triunfos e campanhas de maior peso, em comparação com os times do Nordeste, é fundamental para o rompimento dos limites regionais daqueles clubes, conquistando, assim, milhares de torcedores de outras regiões. Autores como Roberto DaMatta (1994), Artur Vasconcelos (2011) e Guilherme Diniz (2012) serviram como base, além de consultas em *sites* oficiais de clubes e da Confederação Brasileira de Futebol, jornais e revistas especializadas em futebol, entre outras fontes. Para alcançar tal objetivo, será realizado uma investigação de quatro grandes clubes que se inserem nesse quadro prestigioso a partir de incríveis campanhas realizadas que representaram momentos de hegemonia dos mesmos. Trata-se do Flamengo-RJ (1980-1983), São Paulo-SP (1991-1994), Grêmio-RS (1994-1997) e o Cruzeiro-MG (1996-2000). Somando-se a isso, será realizado, neste capítulo, uma exploração no que tange aos títulos - Campeonatos Brasileiro, Copa do Brasil, Libertadores da América, Mundial de clubes - conquistados em profusão e de modo “vicioso” por uma minoria de clubes. Tal exploração será comparada com os títulos dos principais e tradicionais clubes do Nordeste brasileiro para, a partir dessas leituras, mostrar que as grandes hegemonias, os excelentes times e os notáveis títulos internacionais e nacionais que giram em torno dos times do Sul e Sudeste são fundamentais para a elevada escolha destes, com seu

rompimento dos limites regionais, como “time do coração”. Uma análise da história do Campeonato Brasileiro, desde seu período embrionário, caracterizado pela Taça Brasil (1959-1968) e do Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1967-1970), até os moldes atuais de pontos corridos reforçará a permanência do poderio e domínio dos clubes do Sul e Sudeste do Campeonato Brasileiro da Série A em detrimento dos demais. Por fim, uma análise dos participantes por região da Série A, B, C e D do Campeonato Brasileiro, por um período de 10 anos, entre 2013-2023, reforçará o objetivo central deste capítulo.

2 O ADVENTO DO FUTEBOL E IDENTIFICAÇÃO

Desde o advento do futebol moderno, nota-se a incrível capacidade e poder desse esporte em captar os sentimentos e noções de pertencimento. Com o surgimento do futebol, surge também uma nova forma de materialização do pertencer, atrelada agora a um clube de futebol composto por 11 jogadores.

Em *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*, Franklin Foer (2005) mostra como tal esporte é capaz de despertar, estabelecer e consolidar vínculos de identidades elevados, seja uma identidade nacional com o nacionalismo servido do FK Estrela Vermelha e do FK Partizan, seja uma identidade religiosa arraigada na Escócia demonstrada no embate entre os protestantes do Rangers Football Club, e católicos do Celtic Football Club. Um dos casos relatados pelo autor é o do SC Hakoah, no qual foi um clube de futebol austríaco da cidade de Viena, fundado em 1909. Foi um dos principais clubes de futebol na década de 1920, chegando a vencer uma edição do Campeonato Austríaco de Futebol, em 1925. Tinha a sua formação marcada exclusivamente por jogadores judeus causando furor, inveja e buscando derrubar o mito do judeu fraco e incapaz¹. Como aponta Foer (2005), o Hakoah - e outros times de origem semítica - utilizavam-se do futebol como forma de fortalecimento de uma identidade judaica. Nas palavras dele (p.66):

Os times judeus se cobriam com o manto do nacionalismo judaico, e não húngaro, austríaco ou alemão, literalmente vestindo a camisa do sionismo [...] alguns desses clubes jogavam com o símbolo do rei Davi costurado no peito. Usavam uniformes em tons de azul e branco, as cores de Israel. Seus nomes inegavelmente hebraicos - Hagibor (“O herói”), Bar Kochba (em homenagem ao líder da revolta contra os romanos no século II) e Hakoah (“Resistência”) - ostentava matrizes claramente nacionalistas [...] Todo um segmento do movimento judaico acreditava que o futebol, e o esporte de maneira mais geral, os libertaria da violência e tirania do anti-semitismo.

Como evidenciado por Baumeister, RF e Leary, MR (1995) há uma forte necessidade de pertencimento pelo ser humano, tornando-se uma poderosa motivação humana,

¹ “O polemista Max Nordau, um dos pais do sionismo da virada do século, criou uma doutrina intitulada *muskeljudentum*, ou judaísmo musculoso. Nordau afirmava que as vítimas do antissemitismo padeciam de uma doença própria, chamada *judendot*, ou angústia judaica. A vida nos guetos sujos provocara nos judeus a efeminação e o nervosismo. “Nas estreitas ruas judaicas”, escreveu ele, “nossos pobres membros esqueceram como é caminhar com alegria. Na escuridão de casas sem a luz do sol, nossos olhos se acostumam a piscar com nervosismo. Por medo da perseguição constante, o timbre de nossas vozes se reduz a um suspiro ansioso.” Para derrotar o antissemitismo e erradicar a *Judendot*, os judeus precisavam não apenas reinventar sua política corporal, tinham de reinventar os próprios corpos. Nordau escreveu: “Desejamos devolver ao flácido corpo judeu o tônus perdido, torná-lo forte e vigoroso, ágil e potente.” Os judeus, exortava em artigos e palestras, deviam investir em ginásios e pistas de atletismo, pois o esporte “vai reforçar-nos no corpo e no caráter.” (FOER, 2005, p. 66-67).

fundamental e extremamente difundida. De fato, observa-se nos esportes, especialmente no futebol, o poder de captar os sentimentos identitários e de pertencimento de modo extraordinário.

Arlei Damo (2002) ressalta que o futebol funciona através de um sistema de lealdades, no qual participar do mundo do futebol significa escolher um “clube do coração” e, uma vez feita a opção, ela não deve ser alterada, pois o torcedor passa a pertencer lealmente ao clube. Opiniões políticas podem ser alteradas, credos religiosos distintos podem ser deixados de lado, mas a torcida por um time, diante desse quadro de fidelidade e retidão, deve se manter inalterada perpetuamente, afinal, caso contrário, grande revelia e contestações será experimentada por aquele que ousar romper com a fidelidade do casamento entre torcedor e time de futebol.

O futebol atrai um vasto número de indivíduos, de diferentes segmentos da sociedade que passam a se identificar com o futebol e a torcer por um time. E, no futebol, a torcida é essencial, sendo outro elemento que torna o futebol tão fascinante. Sobre isso, Sevcenko (1994, p.36) afirma que:

São duas situações diferentes mas indissociáveis. Jogar futebol exige um imenso desempenho físico e forte controle nervoso. Torcer implica uma tremenda descarga nervosa, com grande controle físico. No campo, o jogador se alimenta dessa descarga para aumentar a eficácia do seu dispêndio físico. Na platéia, o torcedor frui o desempenho físico do jogador para levar ao clímax a sua descarga nervosa: gooooooooooooool!!! Na língua portuguesa, aliás, esse elemento de tensão fica claramente evidenciado pela denominação dada à criatura: o torcedor, aquele que se torce, se retorce, se contorce, como se seu corpo fosse uma caixa de ressonância reproduzindo e ampliando cada movimento, gesto, esforço, violência ou façanha desempenhada no campo diante de si, de tal maneira que esse efeito de ampliação realizado pelo seu corpo retorne e multiplique as energias dos times no campo. Tanto os jogadores como os torcedores sabem disso e o sentem, mantendo-se numa cumplicidade de correspondência durante toda a disputa, como se ao fim e ao cabo fossem todos uma única criatura de proporções gigantescas.

Ary José Rocco Junior (2005, p.1), em *Bola na rede: o ciberespaço, as torcidas virtuais e a cultura do futebol no século XXI*, ao falar sobre o ato de torcer, mostra que o torcedor está imerso em um labirinto de relações humanas “que vai desde a vivência momentânea da catarse, à poderosa força ritualística, passando pela relação de dimensões religiosas com o ídolo e o time, até a identidade que se cria entre os torcedores.”

Diante de tamanha magnitude, pode-se pensar nas torcidas presentes no atual cenário do futebol brasileiro. Em dados recentes, realizados através do levantamento do Instituto AtlasIntel, publicados pelo Globo Esporte, sobre tamanho de torcidas no Brasil, com 1.600

peessoas respondendo em 640 municípios do país, o Flamengo segue com a maior torcida do Brasil, com 21,9% da preferência (GE, 2023). A tabela a seguir apresenta as dez maiores torcidas do futebol brasileiro.

TABELA 1 - PORCENTAGEM DAS 10 MAIORES TORCIDAS, 2023	
Times	%
1º - Flamengo	21,9
2º - Corinthians	14,2
3º - São Paulo	9,9
4º - Palmeiras	7,7
5º - Vasco	6,2
6º - Cruzeiro	6,1
7º - Grêmio	4,6
8º - Atlético Mineiro	4,3
9º - Bahia	3,6
10º - Internacional	3,5

Fonte: Pesquisa Atlas. 2023 / Elaboração: Autoria própria.

Nota-se que os clubes do Eixo Rio-São Paulo permanecem exercendo preferência entre os amantes de futebol no Brasil, visto que cinco clubes desta região ocupam os cinco primeiros lugares. Apenas a partir da sexta colocação observa-se a inserção de clubes de outros estados, tendo o Cruzeiro diminuído a diferença para o quinto colocado, a saber, Vasco da Gama - o clube carioca leva vantagem de apenas 0,1%. O Bahia, por seu turno, é o único representante da região Nordeste no Top-10 entre as maiores torcidas - outros representantes da região, como Sport (14º), Fortaleza (16º), Ceará (19º), CRB (21º), Vitória (22º) e ABC (25º) inserem-se mais abaixo na preferência, segundo a pesquisa.

A pesquisa ainda apresenta dados das torcidas por região. Através disso, percebe-se a presença que os clubes do Sudeste possuem nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, ocupando a preferência em relação aos clubes destas regiões. O Flamengo, por exemplo, é o clube que lidera nestas três regiões brasileiras. (GE, 2023). Tal clube, assim como os demais

times do Sudeste, são alvos do amor de sua fiel torcida espalhadas pelo território brasileiro, todavia, tais torcedores são alvos de críticas contundentes e até mesmo ofensivas por optarem por torcerem para um clube de fora da sua região. Confira a tabela a seguir.

TABELA 2 - PORCENTAGEM DAS CINCO TORCIDAS MAIS PRESENTES EM CADA REGIÃO				
Região Norte				
1ª - Flamengo (18,7%)	2ª - Corinthians (16,6%)	3ª - Vasco (10,1%)	4ª - São Paulo (9,1%)	5ª - Palmeiras (5,4%)
Região Nordeste				
1ª - Flamengo (27,5%)	2ª - São Paulo (13,3%)	3ª - Bahia (12,4%)	4ª - Corinthians (9,3%)	5ª - Vasco (5,9%)
Região Centro-Oeste				
1ª - Flamengo (42,6%)	2ª - Corinthians (29,3%)	3ª - Palmeiras (9,2%)	4ª - São Paulo (4,7%)	5ª - Vasco (4,3%)
Região Sudeste				
1ª - Corinthians (16,5%)	2ª - Flamengo (14,9%)	3ª - Cruzeiro (14,3%)	4ª - Palmeiras (12,0%)	5ª - São Paulo/Vasco (8,0%)
Região Sul				
1ª - Grêmio (29,1%)	2ª - Internacional (21,4%)	3ª - São Paulo (11,9%)	4ª - Corinthians (7,6%)	5ª - Palmeiras (6,0%)

Fonte: Pesquisa Atlas. 2023 / Elaboração: Autoria própria.

Observa-se, a partir dos dados elencados, a proeminência exercida pelo Flamengo no cenário do futebol brasileiro, visto que, das cinco regiões brasileiras, o mesmo só não se encontra no Top 5 da região Sul, ocupando o primeiro lugar no Nordeste, Centro-Oeste - aqui obtendo a preferência de quase metade dos respondentes - e Norte e, segunda posição na região Sudeste, somente atrás do Corinthians. Este, por sua vez, merece destaque por se posicionar no Top 5 em cada região entre as maiores torcidas.

Enfatizando a região Nordeste, verifica-se a força colossal que o Flamengo tem manifestado no gigantismo de sua torcida presente nesta região (até mesmo em relação aos demais clubes do Sudeste tão populares nesta região). O Nordeste simboliza muita coisa para

o Flamengo. Em tempos nos quais a fama do clube carioca se espalhava de modo massivo para o território brasileiro pelas ondas do rádio e televisão e, somando-se a isso, o grande volume de migrantes nordestinos que desembarcavam no Rio de Janeiro ao longo do século XX, fez com que muitos destes abraçassem a equipe rubro-negra como “time de coração”.

Como demonstração da forte presença de torcedores do Flamengo no Nordeste, tem-se, em 2022, o jogo entre Ceará e Flamengo - jogo válido pela sexta rodada do Brasileirão Série A - na Arena Castelão (CE) na qual terminou empatado no placar de 2x2. A torcida do Flamengo compareceu em peso ao estádio. Ao todo, o clube cearense - mandante - arrecadou R\$2.446.271,00 (sem despesas), e desse montante, 62,6% do total, ou seja, R\$1.531.640,00, foi graças ao setores destinados aos flamenguistas. (LANCE, 2022).

Torcedores nordestinos do Flamengo (e dos demais “clubes do eixo”) são alvos de variados ataques quando seu clube vem jogar nesta região por indivíduos que torcem exclusivamente para clubes locais. O opróbrio é manifesto desde comentários como: “a mídia escolheu seu time” ou “sou nordestino e tenho time pra torcer”, até faixas e bandeiras em direção a estes com frases como “vergonha do Nordeste”, passando para cânticos como “Misto, misto, misto, misto, misto. Tu nasceu no Ceará. Vira lata, traidor.”. Para tais torcedores, em um pensamento determinista entre o local e a torcida é inadmissível que a lealdade e pertencimento que marca o torcer ultrapassem os limites geográficos da região de nascimento.

Para os referidos, é como se tais torcedores do Flamengo, Corinthians, Vasco, São Paulo, etc. que habitam no Nordeste sofressem de uma espécie daquilo que Nelson Rodrigues (1993) denominou como “complexo de vira-lata”, originada no trauma sofrido pelos brasileiros na Copa do Mundo de 1950, quando a Seleção Brasileira foi derrotada pela Seleção Uruguaia de Futebol, na qual se resumia na inferioridade em que o brasileiro se colocava, voluntariamente, em face do resto do mundo; “um problema de fé em si mesmo”. No entanto, para os referidos é como se esse “complexo de vira-lata” fosse um comportamento à moda regional, na qual o amante de futebol olha para os times do Sul e Sudeste como superiores, colocando os times nordestinos como inferiores. Parafraseando Nelson Rodrigues ao dizer que “O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender”, tais torcedores que se consideram “puros” no torcer acreditam que cabe a eles a missão de mostrar e convencer ao torcedor “misto”, mesmo que de modo ofensivo, que os times nordestinos também tem esse futebol para dar e vender.

Em face do exposto, percebe-se como o futebol se apresenta como paixão nacional com adeptos de suas práticas em todo território capazes de manifestarem orgulho e preconceito, preferência e rejeição. Criando, estabelecendo e reforçando laços identitários dos mais variados possíveis. Torcer é pertencer, futebol é identidade.

Em meio a essa perspectiva, pode-se pensar em como tal esporte é capaz de movimentar tanto fascínio e interesse por sua prática no Brasil e no mundo, afinal, desde sua gênese, o mesmo se expande e se consolida em uma velocidade extraordinária, se tornando um fenômeno dentre as massas populares como nunca se viu.

2.1 O esporte inglês e seus diferentes agentes de propagação

Em sua crônica (poema) denominada *Sermão da planície (para não ser escutado)*, publicado antes de tudo no Jornal do Brasil, em 18/6/1974, Carlos Drummond de Andrade escreve que “Bem-aventurados os que nasceram, viveram e se foram antes de 1863, quando se codificaram as leis do futebol, pois escaparam dos tormentos da torcida, inclusive dos ataques cardíacos infligidos tanto pela derrota como pela vitória do time bem-amado.”

De fato, grandes aflições experimentam aqueles que se enveredam pelo sinuoso caminho da paixão futebolística. O gol feito ou sofrido nos acréscimos do segundo tempo, aquele gol perdido, o pênalti não marcado, o título alcançado ou arruinado, as conquistas e rebaixamentos, vitória e derrotas - tudo isso e muito mais. O futebol é essa mistura árdua e gloriosa de sofrimentos e satisfações. É nesse quadro que o futebol se apresenta como o esporte mais popular entre todos e, na esteira sociocultural do imperialismo, colonialismo e influência direta dos britânicos irrompe e se expande ao redor do globo.

Inúmeras pessoas se identificam com o futebol. No Brasil, o mesmo é descrito como uma paixão nacional. A questão que fica é: Como o futebol em suas múltiplas esferas é capaz de movimentar tão grande fascínio?

Há, nesse sentido, uma vasta bibliografia que aponta para diversos elementos responsáveis pela tão elevada popularização do futebol - alguns destes serão elencados no decorrer do texto. Por hora, vale ressaltar um dos principais, a saber, a habitual jogabilidade do futebol que faz com que o esporte seja comumente introduzido no cotidiano, sendo facilmente improvisado. Sobre isto, Mascarenhas (2014, p.88 e 89) vai dizer que:

A bola de couro pode ser substituída por bexigas, meias recheadas de trapos e outros objetos de duvidosas esfericidades, com grande variação do grau de tamanho, peso

etc. O “campo” de jogo pode ser improvisado em qualquer terreno de topografia não muito acidentada, um baldio, uma rua ou praça, na areia da praia ou em pastagens. Os limites horizontais das balizas podem ser demarcados com pedras, deixando ao limite vertical (a altura) o critério livre, de uma linha imaginária sujeita a eternas e animadas controvérsias entre os praticantes. Não existem, portanto, equipamentos insubstituíveis ou de difícil improvisação, como a cesta (em posição elevada) do basquetebol, as redes suspensas do voleibol (ambos, ademais, exigem bolas que quicam) e, menos ainda, a conjugação de raquete (e/ou bastão) e bola de tênis, do golfe e do críquete; para não mencionar modalidades que dependem de equipamentos motorizados (automobilismo, motociclismo, aerodelismo) ou deslocamentos a áreas naturais remotas com instrumentos de alta tecnologia.

Para além desse fator de acessível improvisado, Mascarenhas chama a atenção para o fato de que o futebol é um jogo simples, isto é, com apenas 17 regras e, com exceção, talvez, da regra do impedimento, seja fácil de ser praticado. Aqui há um ponto de divergência com o autor, pois por mais que sejam poucas e “claras” as regras, em comparação com outros esportes (por exemplo, o futebol americano), vê-se no futebol que a interpretação das mesmas não se fazem de modo homogêneo, ou seja, ela sofre a influência direta da compreensão humana, visto que está diretamente ligada à interpretação, abrindo espaço para as controvérsias e discussões, e um exemplo disso é a eterna discussão da “mão na bola ou bola na mão”, pois alguns interpretam que a trajetória da bola foi interrompida mesmo não havendo sido proposital (bola na mão); outros, que houve intenção do jogador (mão na bola), e por aí se vão inúmeros e permanentes casos que geram muita polêmica no futebol.

Sem dúvidas, a fácil jogabilidade e capacidade de improvisação que permeia o jogo de futebol é algo que o torna bastante popular. Soma-se a isso o fato de que o mesmo é um dos principais produtos da esteira britânica que se difundiam pelo mundo a partir do século XIX, tem assim uma conjunção primorosa que torna tal esporte conhecido amplamente e rapidamente.

Na segunda metade do século XIX, momento de difusão dos esportes modernos, a civilização britânica marcava presença de maneira intensa ao redor do globo, levando consigo sua cultura e ideias de “civilização” e “progresso”. Neste bojo, estava o futebol, evidenciando que a participação inglesa para a sua difusão é fundamental. Nas palavras de Gilmar Mascarenhas (1999, p.25), o futebol seria, rapidamente, o “mais duradouro, disseminado e bem-sucedido produto de exportação da Inglaterra vitoriana”.

Logo, a difusão espacial do futebol está intrinsecamente relacionada com o imperialismo inglês e sua vasta área de influência - na segunda metade do século XIX, uma quarta parte do mundo estava sob domínio inglês, e que das Ilhas Britânicas partiu mais de

um terço da volumosa onda migratória européia entre 1850 e 1890. (MASCARENHAS, 2001, p.78 Apud SAID, 1995; HOBBSAWM & RANGER, 1984).

Quanto à importância da influência inglesa para expansão do fenômeno futebolístico, o geógrafo Loic Ravenel (1998), citado por Gilmar Mascarenhas (2014, p.40) em seu livro *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*, apresenta três tipos básicos de propagação do futebol, a saber:

1) por transplante (ingleses vivendo em outros países criam clubes de futebol; 2) por relação (contatos privilegiados de nacionais com ingleses permitem a inovação; e 3) por imitação (quando nacionais aderem ao futebol após assistir a ingleses praticando-o seguidamente em praias, parques etc.)

De modo indubitável, nem todas as regiões nas quais o futebol se manifestou são diretamente colônias inglesas, apresentando-se também em países com os quais os ingleses mantinham relações comerciais. Tal influência inglesa evidencia-se no caso brasileiro, a saber, na existência em algumas localidades de portos, ferrovias e outros equipamentos (com presença direta dos britânicos), permitindo o contato com as práticas do futebol. O caso de Fortaleza é um dos exemplos, e inúmeros casos poderiam aqui ser citados.

Raimundo Girão (1970, p.122), em *Palestina uma Agulha e as Saudades*, diz que as primeiras práticas do futebol por terras alencarinhas se deu por intermédio de ingleses da Ceará Gás Co., da Booth Line e da Ceará Tramway Light and Power Co., em 1903, e, para além destes, por alguns cearenses que retornavam dos seus estudos pela Europa e disseminavam como verdadeiros missionários a palavra do futebol. Sobre as primeiras práticas do futebol em Fortaleza, Girão (1970, p.122-123) complementa dizendo que:

Há notícia de que naquele time local enfrentou uma seleção britânica, de passagem por Fortaleza e destinando-se ao Rio de Janeiro. O campo, pequeno e cheio de inconvenientes, era o segundo plano do Passeio Público, na Praça dos Mártires. Do primeiro plano e dos muros da velha Fortaleza podiam-se admirar bem, dado o desnível, as exibições que vez por outra se repetiam, defrontando-se elementos da terra com equipes formadas de tripulantes de navios parados em nosso então miserável ancoradouro. No ano seguinte, 1904, demonstração mais evidente da técnica de nossos footballers teve o povo da capital assistindo dali, daquelas arquibancadas, a uma partida entre os de casa e a representação de outro barco aqui aportado. Entre os nossos, relembram-se os nomes de Raul Cabral, Prisco Cruz, Marcondes Ferraz, Machado Coelho, José da Silveira, da alta sociedade fortalezense. Expandiu-se e popularizou-se o interessante desporto, agora executado por jovens reunidos em pequenos clubes e por meninos comprometidos em furiosas peladas de bolas de meia ou coisa parecida, nas calçadas, nos jardins, em toda parte.

Assim, verifica-se que a presença elementar do futebol em Fortaleza se deu em embates sociais por meio de *match*, ou melhor, partidas existentes entre trabalhadores braçais do porto ou mesmo marujos, a maioria do Reino Unido, contra os filhos da elite local. Evidencia-se a notória importância britânica para a disseminação do mesmo na capital cearense.

Todavia, Mascarenhas aponta para o fato de que, por mais que a participação inglesa seja decisiva para o alastramento da informação futebol, a contribuição de modo efetivo destes na difusão concreta do mesmo varia de um lugar para o outro, não podendo se resumir a simplicidade desta tipologia básica, ou seja, a difusão da inovação chamada futebol não pode ser tomada, a partir de uma noção evolucionista, como um processo inevitável pela mera presença inglesa. (MASCARENHAS, 2001).

Em muitos casos, os ingleses que migraram para trabalhar em minas, fábricas e ferrovias adotavam posturas reclusas e factualmente pouco socializaram a prática do futebol publicamente. Marinheiros britânicos que, por sua vez, eram os que praticavam abertamente o futebol quando atracavam em portos pelo mundo, não possuíam grande credibilidade entre a sociedade elitista, sendo apenas um bando de ingleses loucos que praticavam um jogo violento e sem sentido. (MASCARENHAS, 2014).

Até mesmo o intenso número de redes nas quais os ingleses estão inseridos é sinônimo de sucesso para o futebol. Por exemplo, tem-se os Estados Unidos da América, que possuía um demasiado volume de fluxos comerciais no Atlântico Norte que, assim, resultou na rápida disseminação da informação sobre o futebol em seu território, levando, inclusive, em 1867, a formação do Harrow School Team, considerado pelos historiadores como o mais antigo clube de futebol criado fora da Grã-Bretanha. No entanto, tão rápido como sua difusão foi a sua repulsão, tendo o futebol, o esporte britânico, sido banido oficialmente das universidades pelo movimento nacionalista americano, ressurgindo mais tarde como prática popular de imigrantes pelas ruas das cidades industriais do Nordeste do país. (MASCARENHAS, 2001).

Além disso, nem todas as regiões estavam inseridas na rede de investimentos ingleses, assim, mantiveram-se, em primeiro momento, distante do futebol e/ou conectaram-se com a informação do futebol através de outros agentes e rotas.

Sendo assim, é necessário ressaltar novos agentes na difusão do futebol, a saber, jovens bacharéis egressos de universidades europeias que retornavam às suas terras natais propagando o esporte bretão, sendo “verdadeiros missionários” que “pregavam a palavra” desta nova atividade e dos vastos benefícios deste progressivo esporte europeu, a saber, da

atividade saudável e aperfeiçoadora do caráter e outros atributos morais. (MASCARENHAS, 2001). Em João Pessoa, na Paraíba, no século XIX, a transmissão do futebol se deve em especial a estes agentes, uma vez que a presença britânica nesta localidade se deu de modo mais brando, marcados pela pouca presença de funcionários ingleses da companhia ferroviária da Great Western que, no que lhes competem, praticavam o futebol de modo pontual e isolado. Como ressalta Mascarenhas (2014), é a partir de 1908 que passa a ser dado um estímulo local mais efetivo pela adoção desse esporte, justamente quando universitários retornavam, em férias, à sua cidade natal, e exibiam em praça pública o modismo inglês chamado futebol.

Ademais (mas não representando a totalidade de agentes na difusão do futebol) tem-se a presença dos agentes religiosos que, por sua vez, propagaram-se em grande número nos demais continentes o que muito colaborou na difusão do futebol. No fim do século XIX, como nota Mascarenhas (2001, p.79), diversos segmentos da Igreja Católica já haviam incorporado “em sua pedagogia a prática esportiva [...] e tais instituições, por desfrutarem de certo prestígio social, detém peculiar capacidade de influenciar hábitos em comunidades locais.”

Logo, como aponta Mascarenhas, a grande extensão do Império Britânico propiciou a larga difusão da informação futebol, mas seu efetivo advento dependeu de diferentes agentes e de diversos fatores locais e “somente uma abordagem geograficamente fundada pode dar conta dos diferentes ritmos de adoção da inovação”. Nas palavras do autor (2001, p.80) em *Considerações Teórico-metodológicas sobre a Difusão Espacial do Futebol*:

:

Em síntese, o lugar atua como condicionador de todo o processo. Tanto no poder de atrair informações (grau de conectividade) quanto na capacidade de transformar a informação em ação concreta, quanto ainda na forma específica de incorporá-la em sua prática cotidiana. O futebol, enquanto nova informação, circulou pelo mundo com grande seletividade espacial, submetendo-se aos imperativos das redes do imperialismo britânico. E para se incorporar à vida cotidiana das diversas localidades por onde foi "anunciado", o futebol necessitou contar com condições especiais: em cada lugar, um ritmo distinto de adoção, definido por diferentes graus de rejeição e receptividade. E mesmo a forma que assumiu, variou conforme as especificidades de cada lugar.

2.2 O futebol no acelerado ritmo urbano-industrial

O gol de falta no futebol, de certa forma, se apresenta como algo “estranho” à dinâmica do jogo em si. Em outras palavras, ele vai na contramão do jogo. O jogo, tão

dinâmico e ativo, cede lugar para um momento estático, paralisado. O ritmo dos esquemas táticos realizados é interrompido e, neste momento, o jogador - e a história do futebol brasileiro sempre apresentou excelentes cobradores de faltas - posiciona a bola tendo diante de si uma barreira de jogadores adversários, além do goleiro, claro, prontos para impedir o progresso da bola. Aqueles jogadores que dominam esse fundamento são os escolhidos para a cobrança de falta, afinal, somente os melhores nessa valência são capazes de vencer tais obstáculos com maestria. As táticas para vencer a barreira podem variar de acordo com a genialidade do cobrador. Pode ser a batida clássica, curta e por cima da barreira, como a de Zico, em 1981, contra o Cobreloa na final da Libertadores; se a barreira pular, craques como Ronaldinho podem mandar por baixo dela como contra o Santos no Campeonato Brasileiro de 2011; pode até ser aqueles de longas distâncias e com chutes mais fortes, tais como, o incrível gol de Roberto Carlos, contra a França em 1997, que se tornou até objeto de estudo por físicos ao redor do mundo pela incrível parabólica realizada pela bola ao lado da barreira.

De forma análoga, o futebol precisou superar suas barreiras de aceitação até se tornar este esporte tão popular tal qual vemos hoje. E os obstáculos eram vários, como aponta Mascarenhas (2014, p.79):

Esse esporte era encarado negativamente por diversos setores, ora como diversão violenta, causadora de distúrbios, ora como atividade embrutecedora, a roubar da juventude preciosas horas que poderiam ser dedicadas às artes e à ciência; era ainda acusado pelos nacionalistas de atividade alienígena e pelos comunistas de invenção burguesa e imperialista

É diante deste contexto, a saber, de superação de barreiras, que o futebol encontra na pujante modernidade urbana capitalista o seu melhor cobrador. É o advento do futebol no intenso ritmo da industrialização capaz de superar o preconceito das elites e conquistá-las, além de se difundir extraordinariamente pelas camadas populares.

As transformações provocadas pelo processo urbano-industrial promoveu um amplo reordenamento territorial, alavancou a economia, impactou o meio ambiente com grandes usinas e meios de transmissão, gerou novos padrões de consumo na cidade. Para além disso, tal fenômeno promoveu o acirramento das desigualdades socioespaciais produzindo confrontos e mobilizações sociais. Logicamente, todo esse amplo processo de modernização não poderia deixar de impactar também o âmbito da cultura e das práticas de entretenimento, dessa forma, o futebol não estaria imune ao mesmo.

É neste ritmo da industrialização que o futebol se consolida, se tornando objeto de identificação para muitos. Neste ponto, defende-se que é no casamento entre futebol e a lógica

fábrica - em seu acelerado compasso - que se encontrou inicialmente o encantamento e fascínio pela prática desse esporte e isso é demonstrado em pelo menos duas estruturas, a saber, na transformação das cidades e na adequação e correspondência do próprio futebol com este enquadramento.

Passando à explicação das estruturas referidas, no que se refere a transformações nas cidades, Nicolau Sevcenko (1994) afirma que é a partir da revolução científico-tecnológica, propulsora da industrialização, que a expansão das cidades se dá em grande difusão, uma vez que as massas trabalhadoras passam a migrar para as metrópoles em altíssima velocidade. É nesse sentido que, nas palavras do referido (p.35):

Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições, todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de comunidade que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêm atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideias, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores

Dessa forma, observa-se que os referidos processos são basilares para que o futebol passe a se solidificar como base identitária dos indivíduos, o que leva Eric Hobsbawm dizer que “o futebol se aproveitou do vácuo deixado pelas esferas comunitárias (a aldeia, a família, o bairro, a paróquia) em desagregação na cidade industrial moderna” o que resulta na conversão do futebol como “uma espécie de ‘religião leiga da classe operária’, o tópico principal na conversa social de bar, uma ‘língua franca’ para todos os operários. (MASCARENHAS, 2017, p.191 Apud HOBBSAWM, 1991).

Assim, vê-se com o estabelecimento do futebol em meio ao fenômeno da expansão das cidades no ritmo da industrialização uma transformação no que se refere à homogeneização de hábitos e valores metropolitanos. Agora, o futebol era necessário para o pertencimento na gigantesca comunidade metropolitana. A questão não seria mais “de qual Santo você é devoto?”, mas sim “Para qual time você torce?”.

É nesta lógica que a prática esportiva do futebol se adequa perfeitamente, consolidando efetivos vínculos de identidade. É também importante ressaltar que surgia a necessidade da classe empresarial em controlar as camadas mais populares, desviando o foco do confronto de classes para confrontos no seio da própria classe trabalhadora ou entre bairros populares, cada vez mais inflamados pelos movimentos sindicais. Dessa forma, alguns parâmetros do próprio jogo se harmonizam com esta conjuntura, assim, não é difícil visualizar

no futebol os elementos ou ingredientes de, nas palavras de Mascarenhas (2017, p.198), uma eficiente “pedagogia da fábrica”.

Em face do exposto, a formação de equipes corporativas, sobretudo os chamados “times de fábrica”, significava fazer o operário “vestir a camisa da empresa”, e disputar campeonatos com outros operários de outras fábricas. Assim, o operário assumiria a empresa como se fosse sua própria instituição, em total pertencimento a mesma. Um desvio de foco bastante interessante para a reprodução social da cidade dentro dos interesses capitalistas. (MASCARENHAS, 2014).

Assim, autores como Sevcenko (1994) e Mascarenhas (2017), elencam alguns dentre os diversos componentes do futebol que se adequam a este ambiente, dentre os quais pode-se citar: i) *O trabalho em equipe*, visto que, do mesmo modo que a fábrica necessita de uma consonância entre cada trabalhador desempenhando suas funções, assim é o futebol, afinal, o melhor jogador possível é incapaz de vencer sozinho; assim, por exemplo, por mais efetivo que seja o atacante, ele necessita do conjunto, da equipe, para obter maior êxito. É o encontro da unidade fabril com a unidade do futebol.

Todavia, tal unidade não se aplica na uniformidade, mas sim na diversidade, ou seja, os envolvidos não realizam as mesmas atividades, e sim diferentes, e aqui se encontra outro elemento de conciliação entre futebol e mundo fabril, a saber, ii) *A especialização nas tarefas*. Na fábrica, cada operário é diligente na sua função, cada um executa a tarefa que está sob a sua responsabilidade para um melhor desenvolvimento do trabalho como um todo, assim, se um falhar, teremos problemas na execução do todo. Assim também é o futebol, haja visto as diferentes posições na qual cada jogador se especializa. Goleiro, zagueiros, laterais, volantes, meias, atacantes pelas pontas, centroavantes. Cada qual cobre uma porção do campo e executa a sua tarefa com talentos e reflexos específicos.

No entanto, esta execução de atividade não pode ser performada de qualquer maneira, necessitando de um condicionamento dos atletas a cada função e instrução e, neste ponto, encontra-se mais um componente da mencionada confluência, especificamente, o da iii) *Disciplina e obediência a um comando e a regras e táticas*. No mundo fabril, os funcionários devem seguir rigorosamente e de modo obediente uma linha de produção pré-estabelecida, o que garantiria um melhor cumprimento de modo holístico da atividade, atrelado a uma subordinação a um chefe que coordenaria tais esforços. No campo de futebol é semelhante, já que os jogadores devem estar cientes do esquema tático pré-montado pelo técnico de futebol, além da ciência das regras do jogo. Logicamente, que o jogo não precisa necessariamente ser

engessado ao mero “tatiquês”, como se os jogadores fossem meros robôs. O Brasil, por exemplo, é conhecido pelo seu futebol como arte, repleto de genialidade em suas corporeidades. Todavia, tais improvisações se sucedem e se inserem dentro das múltiplas estratégias de jogo.

Sobre a subordinação ao comando e disciplinamento às táticas, Mascarenhas (2017, p.199) diz que os jogadores devem obedecer estritamente, uma vez que podem perder a vaga na equipe. “pois trata-se de um empregado empenhado em produzir ao máximo e em respeitar a hierarquia dentro do clube, para manter seu provisório posto de trabalho, por muitos disputado.”

Ademais, deve-se pontuar que toda essa unidade na diversidade, atrelada à disciplina e à obediência a comandos e regras faz-se dentro de um contexto que adota o uso racional do fator numérico. Assim, tem-se outro elemento de convergência entre o universo da fábrica e do futebol, a saber, da iv) *Subordinação ao agente numérico*. Sobre isso, Nicolau Sevcenko (1994, p.33) reforça que os esportes passaram por um efeito de potencialização de um padrão de produtividade em suas ações, por isso, complementa o autor, “o resultado tem sempre que ser numérico: Corinthians 2 X Palestra 1; 100 metros rasos em 9,89 segundos; nocaute em 2 minutos e 33 segundos do 7º assalto, etc.”

Corroborando com o citado acima, Mascarenhas (2017, p.199) diz que:

Sobre o uso racional do tempo, a velocidade é fundamental para superar o adversário e por um instante abrir valiosos “espaços” num campo ocupado estrategicamente por 22 atletas de alta mobilidade. Ainda o fator tempo se revela importante quando se sabe que, numa partida de futebol, ao contrário do basquete ou do futebol americano, os cronômetros funcionam sem interrupção, não se submetendo ao andamento do jogo. A duração de uma peleja não depende de contagem de pontos (como no voleibol, beisebol ou tênis), mas exclusivamente do frio e implacável cronômetro, tal qual na fábrica.

Dessa forma, verifica-se que do apito/sirene inicial para o trabalho até o toque final, onde as máquinas devem parar de funcionar e os operários devem cessar com seu trabalho, o rigor do tempo e produtividade dita o ritmo do expediente. São “x” peças que devem ser produzidas em um espaço “y” de tempo. Do mesmo modo é o jogo de futebol, no qual 22 jogadores se dividem em em times de 11 com o intuito de não somente produzir mais jogadas, mas sim de marcar mais gols - afinal, como canta o Vocalista Samuel Rosa, da Banda mineira Skank, “bola na trave não altera o placar” - e, se possível, não sofrer nenhum, em um intervalo de 90 minutos mais acréscimos, via de regra. (Skank, 1996).

Logo, buscou-se apresentar nos parágrafos acima um pouco dessa conjunção entre mundo fabril e o futebol. Como afirma Mascarenhas (2017, p.201) “O futebol efetivamente participa da reprodução social da cidade e mantém com a industrialização (em sentido amplo) nexos incontestáveis.”

De modo mais observável, tais nexos podem ser constatados na origem de inúmeros clubes de futebol que brotaram das fábricas, como, o Arsenal, no caso inglês, fundado em 1886, por um grupo de trabalhadores do arsenal de Woolwich, fábrica de armamentos no Sudeste de Londres. Na Alemanha, pode-se citar o time do Wolfsburg, da cidade de mesmo nome, que foi fundada em 1938 para abrigar os funcionários da fábrica da Volkswagen. No Uruguai, o Peñarol foi fundado em 1911 pelos empregados de uma companhia inglesa que administrava ferrovias.

No Brasil, verifica-se também o surgimento de inúmeros times de fábricas naquelas cidades que experimentaram com maior intensidade o processo de industrialização. A título de exemplo, o caso cearense oferece ricos exemplos. Como ressalta Rodrigo Márcio Souza Pinto (2007) em sua dissertação denominada “*Do passeio público a ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza*” o potente movimento profissionalizante permitiu a inserção dos times fabris no Campeonato Cearense de 1938, tais como Ferroviário, Tramways e Estrela do Mar, representantes das linhas férreas, da companhia de eletricidade e dos marinheiros do cais do porto, respectivamente. O Ferroviário Atlético Clube, sem dúvidas, é o mais marcante dos “clubes de fábrica”.

Figura 2 - Primeiro registro fotográfico do Ferroviário Atlético Clube, 1937.



Fonte: Ferroviário Atlético Clube, 2023.

Vigente até os dias atuais, o Ferroviário Atlético Clube - nove vezes campeão do Campeonato Cearense de Futebol - foi criado, oficialmente, em 1933, quando a direção da Rede de Viação Cearense (RVC) autorizou a execução de serviços extraordinários nas oficinas do Urubu, para a reparação de locomotivas, carros e vagões, durante um expediente noturno. Tal expediente iniciava-se às 18 horas e tinha sua conclusão às 20 horas. Como o expediente normal expirava às 16:25, os operários mais jovens que residiam longe dali - nas localidades de Barro Vermelho, Soure, Otávio Bonfim, Quilômetro 8, Parangaba, Mondubim - resolveram aproveitar a hora de folga para a prática de futebol. Dois times são improvisados, são eles: Matapasto e Jurubeba, nomes de ervas, uma homenagem irônica dos proletários aos matos que havia no terreno e que deram tanto trabalho na preparação do campo. Com o sucesso dos “Rachas”, veio a ideia de organizar “algo maior”. Em reunião na casa do mecânico José Roque (o “Gordo”) os boleiros da RVC decidiram unir Matapasto e Jurubeba para formar um time de fato, capaz de jogar pela periferia nos finais de semana e até participar de campeonatos suburbanos. (CARACAS, 1994).

Claro, convém frisar o elemento estético presente no futebol - assim como, mas também de modo superior aos demais esportes - que o constitui como elemento integrador de uma disciplina, subordinação obrigatória, presente na “pedagogia fabril” atrelada ao futebol como referida anteriormente, juntamente com prazer, encantamento e beleza que tal esporte é capaz de provocar. Tal caráter do futebol faz com que o mesmo se qualifique como um esporte tão popular, capaz de eclipsar, ao menos momentaneamente, os efeitos maçantes e laboriosos presentes no cotidiano do indivíduo. É o que aponta Roberto Damatta (1994, p.15) ao dizer que os esportes, especialmente o futebol:

reintegra intelecto e ação, mostrando como corpo e alma podem marchar lado a lado num espetáculo capaz de eventualmente produzir a mais profunda emoção estética. Tudo isso gerando lucro e atraindo aos estádios massas que, diante do evento esportivo, esquecem o seu massacrante dia-a-dia nas fábricas, nas favelas e nos bairros insalubres.

Assim, vale ressaltar que o futebol alcança as camadas mais populares, as grandes massas. Indubitavelmente, o mesmo consolidou-se como agregador de identidades em sua fase inicial em face do acelerado ritmo urbano-industrial, alcançando adeptos em larga escala. É a união entre futebol e mundo fabril no intenso compasso da industrialização o grande motor para identificação destas classe sociais e, conseqüentemente, da explosão do futebol como o maior esporte do mundo.

3 FUTEBOL E INTEGRAÇÃO NACIONAL: “OS DONOS DA BOLA”

O domínio do futebol reflete o modo como clubes poderosos dominam a organização e a produção do esporte, seja por meios legais ou extralegais, a fim de exercerem maior grau de controle. Ao refletir sobre o futebol no Brasil, de imediato, se remete à representação de duas cidades que se apresentam como hegemônicas nesse cenário, a saber, São Paulo e Rio de Janeiro. Gostando ou não, tais cidades simbolizam o futebol brasileiro. Seus clubes e suas conquistas, jogadores marcantes e heroicos, torcidas enérgicas e volumosas e etc, exerceram e exercem domínio no legado futebolístico deste país.

Como exemplo da hegemonia destas regiões, pode-se citar a concepção do advento do futebol em terras brasileiras. Pensar na existência de um “descobridor do futebol” no Brasil, como dito no capítulo anterior, é um contrassenso, uma vez que a história do futebol no Brasil é marcada por uma múltipla difusão territorial em virtude dos seus variados agentes, na qual o lugar é um condicionador deste processo. Distintos graus de adoção são manifestados nessa etapa - rejeição e receptividade diferentes são expostas em cada lugar. Portanto, a pluralidade de “portas de entrada” do futebol no Brasil e seus múltiplos agentes de difusão, impossibilita a localização precisa do momento e do lugar da primeira experiência futebolística.

No entanto, em vasta bibliografia sobre a história do futebol no Brasil, um nome surge como o primeiro desbravador do futebol no país, ele é o paulista Charles William Miller. Por exemplo, tem-se a pesquisa de Anatol Ronsfeld na qual se refere a Charles Miller como pioneiro. Em suas palavras:

O futebol foi transplantado para o Brasil por Charles W. Miller, um brasileiro de origem inglesa. Aos dez anos de idade, Miller foi enviado à terra de seus pais para freqüentar a escola. Quando voltou a São Paulo, em 1894, trouxe em sua mala uma bola de futebol. Para difundir o futebol entre os ingleses, que viviam em São Paulo e jogavam cricket, Miller entregou-se a uma fervorosa atividade de missionário. O primeiro círculo que cultivou o jogo numa forma organizada foi formado por sócios de um clube inglês — o São Paulo Athletic Club, que havia sido fundado para a prática do cricket e ao qual Miller se associou. O clube reunia altos funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway. (RONSEFELD, 1973 APUD FONSECA, 2014, p.29 e 30).

Mesmo diante da impossibilidade de estabelecimento preciso de um marco-zero do futebol no Brasil, São Paulo - “a locomotiva do Brasil” - se posiciona como a heroína fundadora principal do maior esporte nacional. Charles William Miller é eleito como “descobridor” do futebol no Brasil, o representante oficial, detentor do pioneirismo e o pai do

futebol no Brasil. Em suma, observa-se que é aquele que detém a centralidade que dita a história.

Lógico, não busca-se aqui ignorar ou excluir a importância destas duas cidades para a consolidação do futebol. Gilmar Mascarenhas de Jesus (2002) em artigo denominado *Várzeas, operários e futebol: Uma outra geografia*, vai mostrar que São Paulo foi a primeira cidade a organizar o futebol e vê-lo disseminado pelas ruas. O mesmo continua dizendo que no início do século XX, quando o futebol ainda era desconhecido pela maioria dos brasileiros e pouco praticado nas cidades no Brasil, os paulistas já o praticavam com alguma regularidade.

Como veremos a seguir, São Paulo vivenciava mais do que qualquer outro estado o delírio da modernidade, estava aberta às inovações, assim, estava pronta para o recebimento do esporte do progresso inglês: o futebol. São Paulo assumia a dianteira até mesmo em relação ao Rio de Janeiro, que, na ocasião, era capital federal, com ampla condição portuária, vasto centro industrial e demográfico do país, para explicação disto, Mascarenhas (2002, p.5) diz:

Se o Rio de Janeiro também se industrializa rapidamente, sua modernização se faz a partir de uma materialidade fundada em pesada herança colonial, expressa por exemplo no urbanismo, no ambiente dos títulos nobiliárquicos e no numeroso contingente de excluídos (a maioria ex-escravos), daí possivelmente oferecer maior resistência a determinadas inovações. Em São Paulo, o surto de crescimento se realiza sobre um território que era, em 1872, um pequeno núcleo “caipira” (o velho “burgo dos estudantes”) de 31 mil habitantes, pronto para ser inteiramente reconstruído e ampliado sob as forças hegemônicas da nova ordem ‘industrial. Acreditamos que esta cidade, embrião da metrópole frenética de que nos fala Sevckenko (1992), era naquele momento a que melhores condições possuía para assimilar inovações, e dentre elas o futebol.

Observa-se, assim, que o legado colonial e escravista altamente cristalizado, principalmente no Rio de Janeiro, se manifestou como resistência à prática de inovações, especialmente, no que consiste em inovações tão repletas de corporeidades como o futebol. Mascarenhas (1999) em outro artigo intitulado *Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro* vai apresentar esta concepção impregnada que desprezava o trabalho muscular - tido como habitual dos escravos e não da nobreza - e o desprezo pela via pública, esta tida como espaço de circulação dos negros

É diante deste cenário que o futebol vai se solidificando. Nesse processo de estabelecimento do futebol no Brasil, é nítido o valor dos paulistas e cariocas. São os paulistas os primeiros a organizarem, em 1902, um campeonato de futebol no Brasil. Seguidos pelo Rio

de Janeiro que, por seu turno, já possuíam um esporte de relativa popularidade, a saber, o remo, cuja primazia entre os cariocas só consegue ser superada pelo futebol por volta de 1910. Para exemplificar a força destas duas modalidades esportivas no cenário carioca, pode-se citar três dos maiores clubes do Rio de Janeiro que migraram do remo para o futebol, são eles: Botafogo de Futebol e Regatas (1894), Clube de Regatas do Flamengo (1895) e Clube de Regatas Vasco da Gama (1898).

Todavia, o resumo do futebol brasileiro a estes dois estados, além de não corresponder à totalidade do fenômeno futebolístico no país, acaba por reduzir a relevância de outros lugares e agentes na formação do futebol no Brasil. Além disso, e mais importante, é certo que os clubes de tais cidades possuem uma hegemonia nacional, mas o ponto deste capítulo é justamente ressaltar que condições sociais, econômicas, políticas e culturais históricas, atrelados a um quadro de conexões com o restante do território nacional através de distintos veículos de informações e comunicações permitem que os referidos clubes se assentem no trono do futebol brasileiro. Dessa forma, em outras palavras, pode-se dizer que estes historicamente se encontram de frente para um gol, sem goleiro.

É fato que, desde o início do século XX, tais cidades assumiram papéis de destaque nas questões que envolvem o futebol, sendo este manifesto em um contexto bem amplo. Não poderia ser diferente, afinal, estavam inseridas, com protagonismo, como centro econômico e político no país, detentoras das redes que levavam a informação desta região para as demais partes do território.

As redes, que também são sociais e políticas, têm como função fundamental assegurar ligações, nos seus mais diversos aspectos, tendo sua força definida pela relação entre a variedade de comunicações que o seu conteúdo técnico é capaz de permitir. (SANTOS, 1999). Sobre elas, Lencioni (2010, p.5) em *Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano* vai dizer que estas “são mediações, mas também momentos da produção, produtoras de um novo espaço”. A autora classifica ainda, tendo como referência a relação espaço/tempo, as redes em dois tipos, a saber, redes de proximidade absoluta (redes materiais) e redes de proximidade relativa (redes imateriais).

Redes imateriais correspondem a uma lógica topológica, isto é, faz referência a um conjunto de informações e comunicações que, nas palavras de Lencioni, é responsável por permitir a aproximação daquele território distante, mas também, por sua vez, é a mesma que pode proporcionar o distanciamento daqueles que são incapazes de inserir nessa rede de conexões. Já no que tange às redes materiais, que seguem uma lógica topográfica, a

pesquisadora vai dizer que as mesmas se materializam nas redes viárias e, por essa razão, o que importa é a capacidade de fluidez e conexões rápidas das mesmas.

É este fluxo gerado que acaba por promover a intensificação das relações as quais, por seu turno, são as responsáveis pelo movimento migratório de inúmeros nordestinos ao longo do século XX, por intermédio das estradas (redes materiais) para as regiões Sudeste e Sul - inserindo e integrando os mesmo a realidade de clubes. Assim, em consonância com Milton Santos (1997) o novo território e a nova cultura com que se depara o migrante nordestino o integram com os demais moradores e o faz perceber a necessidade de se solidarizar, de compartilhar suas angústias e esperanças. Desse modo, a realidade do Flamengo, Botafogo, São Paulo, Corinthians e etc passam a ser vividas pelos referidos.

Além disso, as redes imateriais são responsáveis pela propagação da informação do futebol destas regiões para o Nordeste através do rádio, televisão, internet e etc. (tópico este que será melhor observado no próximo capítulo). Em face do exposto, a informação futebol é disseminada, ou melhor, a informação futebol interpretada por estes é difundida, um futebol à moda da centralidade.

Logo, corroborando com contexto mencionado, Venilson Luciano Benigno Fonseca (2014, p.21) em sua dissertação denominada *Lugares e territórios na cultura do futebol brasileiro* vai afirmar que:

O Brasil, pois, ou um início de representação de um ideal de Brasil, resumia-se nas características daquelas duas cidades. Estas centralidades se cristalizaram ao longo da história do futebol no Brasil, movidas pelas desigualdades sociais e econômicas, pela ideologia originária dos centros econômicos e de poder que se difunde pelo país [...]

3.1 Estabelecendo as bases dos “times de fora”

O futebol no Brasil está inserido em um quadro repleto de desigualdades sociais, políticas e econômicas nas quais foram pintadas uma região dotada de centralidade em dissonância, falta de harmonia, com uma região periférica.

Até a segunda metade do século XIX, as diversas experiências exportadoras foram realizadas em regiões relativamente isoladas, período este denominado por Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001), em *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI* como “O Brasil arquipélago” na qual as zonas econômicas eram formadas a partir da demanda do exterior que, por sua vez, proporcionaram um crescimento desigual das cidades

em virtude da inconstância destas economias regionais e seu papel político. Dessa forma, o processo de ocupação do espaço geográfico brasileiro se fez segundo as possibilidades de cada região encontrar alternativa econômica que lhe permitisse inserir no mercado internacional. Formam-se assim verdadeiras economias regionais no Brasil, voltadas para fora e com rasa integração nacional, como por exemplo tem-se: o açúcar no Nordeste, o ouro em Minas Gerais, a borracha na Amazônia, o café no Sudeste, entre outros ciclos. Logo, Santos e Silveira (2001, p.33-34) ao abordar sobre este cenário vão dizer que:

Os portos, lugar de solidariedade entre navios, rotas de navegação e zonas produtivas, as ferrovias, as primeiras estradas de rodagem e usinas de eletricidade permitiram a constituição dos primeiros sistemas de engenharia no território brasileiro. Todavia em enormes pedaços do território [...] Formavam-se verdadeiros circuitos interiores, cada qual dominando uma dada extensão do território com os meios limitados de que dispunham. A inexistência de transportes interiores rápidos era responsável por um isolamento quebrado apenas pelos transportes marítimos. Como essas aglomerações viviam sobretudo do comércio, a hierarquia entre elas dependiam das relações com o estrangeiro. Mas ainda não havia uma integração. Daí a inexistência de uma rede verdadeiramente nacional. Não se podia tampouco falar de uma metrópole nacional, salvo no que diz respeito, até certo ponto, aos aspectos político e cultural.

Este quadro de ínfima integração passa a mudar a partir do início do século XX, especialmente com a progressão da atividade cafeeira em São Paulo. Clélio Campolina Diniz (2001, p.7) em *A questão regional e as políticas governamentais no Brasil*, vai apontar para uma série de fatores essenciais para o início de uma integração regional e construção de certa centralidade, a saber, a atividade da produção de café, especialmente no estado de São Paulo, a entrada do trabalho livre através da imigração européia, o desenvolvimento de uma infraestrutura de transportes e da malha energética, atrelado com o crescimento da agricultura mercantil de alimentos, do setor financeiro e de outros serviços.

Sobre a atividade cafeeira, o pesquisador Wilson Cano (2007, p.128) em sua obra chamada *Raízes da concentração industrial em São Paulo*, vai mostrar que o café possibilitou efetivamente o processo de acumulação de capital, visto que tal produto foi “o elemento diretor e indutor da dinâmica da acumulação do complexo” proporcionando a subsistência de sua mão de obra, atendendo às exigências do consumo de seus capitalistas e às necessidades de insumos e de bens de capital para a expansão da economia.

Dessa forma, com um vigoroso crescimento industrial e a formação de um mercado territorial localizado no centro-Sul, começa a se estabelecer no Brasil uma rede de cidades, com uma hierarquia nacional presente e, assim, tem-se o início da hegemonia de um polo concentrado frente a outras regiões. Sobre isso, Santos e Silveira (2001, p.46) afirmam:

A industrialização e a produção agrícola mais moderna - concentradas no Sudeste - e o consumo - mais difuso que a produção, mas também concentrado - constituem o conteúdo mais visível do novo processo territorial. Acelera-se a tendência a disparidade estrutural de um espaço nacional já diferenciado, com a produção de uma situação em que se torna mais clara a existência de uma periferia e de um pólo (a “Região Concentrada”) [...] Num período de ativa integração nacional, as desigualdades assim instaladas tendem a agravar-se cada vez mais.

Os planos de desenvolvimento industrial favorecem tais regiões em detrimento das demais. Teresa Sales e Rosana Baeninger (2000, p.35) confirmam tal fato ao mostrar que “O processo de localização e concentração industrial tendeu a implantar-se nos maiores centros urbanos da Região Sudeste, especialmente São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Como ressalta Milton Santos (1999, p.11) os espaços requalificados “atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política”.

No campo político, tal crescimento do café foi acompanhado da crise do açúcar. Sobre isso, Silveira (1987) citado por Vasconcelos (2011, p.26) afirma que a partir do declínio a classe dominante passou a reivindicar, junto ao império, o interesse das “Províncias do Norte” e, por seu turno, diziam que o governo central apenas se interessavam em privilegiar a zona cafeeira (“Províncias do Sul”), reduzindo investimentos e infra-estrutura para Norte, contribuindo assim para o agravamento da crise das províncias do açúcar.

Neste processo de integração, as desigualdades se agravam. Os autores afirmam que a expansão da rede territorial brasileira se dará em ritmo pujante, porém, até a década de 1940, é caracterizado por acentuadas diferenças regionais. Estes apresentam tal fenômeno a partir da consolidação de estradas de ferro, posto que o território brasileiro contava com apenas 16.782 quilômetros de estradas de ferro em 1905, todavia, até 1940, esse número já saltou para 108.594 quilômetros e, é na região Sudeste - sobretudo Minas Gerais e São Paulo - que se apresentam as maiores expansões e representa, nos últimos desses anos, 37,27% do total da rede nacional. (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Este quadro embrionário na qual a economia industrial brasileira se apresentava resultou em novos padrões de urbanização - rearranjos entre o rural e o urbano -, por intermédio da integração econômica, intercâmbio entre as regiões e desenvolvimento do mercado nacional. Dessa forma, passa-se a ser exigido maior unificação e integração do mercado. Nesse contexto, foram criadas e ampliadas as vias de transporte para a interligação entre os mercados regionais, propiciando a expansão da rede urbana em todas as regiões do Brasil e, conseqüentemente, propiciando as bases para os intensos movimentos migratórios internos durante o século XX. Nas cidades, o aumento populacional é significativo, marcado

por rearranjos espaciais entre o rural e o urbano, refletindo-se nas novas formas de distribuição regional da população propiciado pelas migrações internas, porém, mais uma vez, seguido de uma redistribuição desigual, não atingindo todas as regiões de forma homogênea, de modo que os contrastes socioeconômicos prevaleceram no território nacional. (SALES, T.; BAENINGER, R., 2000).

Em 1960, por exemplo, Nordeste e Norte representavam apenas 25,76% dos totais de brasileiros, mesmo que, a nível de natalidade, tais regiões se apresentassem como as maiores do país nesse período. Observa-se, então, que grande parte dos brasileiros das regiões citadas as trocaram pela cidades das regiões Sudeste e Sul em razão de uma série de fatores, entre eles: uma estrutura fundiária excludente de grande propriedades para grandes latifundiários que dificultava o acesso à propriedade rural de pequenos produtores; longos períodos de estiagem; a possibilidade de emprego nas cidades provenientes da expansão da fronteira agrícola cafeeira, do crescimento do setor de construção civil no Rio de Janeiro, etc; da melhoria no sistema viário; o intenso crescimento industrial de São Paulo, entre outras.

Santos e Silveira (2001, p.41) vão mostrar que tal deslocamento acentuado de indivíduos ocorre mediante as possibilidades de melhorias de vida buscadas por estes e, neste processo, os meios de comunicação são imprescindíveis tal advento dos meios de comunicações registram o valor das referidas redes materiais e imateriais para a consolidação desta centralidade, uma vez que:

Os novos meios de comunicação são em grande parte responsáveis por essa revolução. A estrada, o avião, aproximando as áreas de crescimento, facilitam os contatos e as propagações das novidades. O rádio teve um papel muito importante, pois o conhecimento da existência de outros lugares com melhores condições de vida fica ao alcance dos iletrados.

A metrópole paulista, já consolidada como local de destino dos mais volumosos fluxos migratórios, cresceu com o impulso proveniente da força de trabalho de outros estados. Este crescimento é representado tanto pelo contingente populacional quanto pela ocupação do espaço na cidade. Aos poucos, esses migrantes foram estabelecendo suas residências, relações sociais e reproduções culturais e também se adaptando aos seus novos hábitos e valores metropolitanos.

O Brasil se integra em virtude das necessidades provenientes dos processos de industrialização: “A rápida expansão da indústria no centro passava a exigir mais mercados, não apenas fora mas também dentro do país.” (Santos e Silveira, 2001, p.44). Todos

elementos elencados apontam para o período de integração no Brasil, com seu ritmo ditado por uma centralidade concentrada na região Sudeste, e é nesse ritmo que o futebol também se encontra.

Por essa razão, são os times desta região aqui denominados como os “donos da bola”. Eles estão inseridos em um contexto político, social e econômico que os privilegia em relação aos demais. Estão inseridos nas cidades de abundante crescimento econômico, assim tais clubes possuem mais recursos para construção de um elenco com os jogadores mais talentosos capazes de vencerem mais vezes; estão inseridos em cidades que historicamente receberam um aporte vultoso de migrantes, assim mais fontes de receitas com venda de ingressos, camisas, sócios, mais receitas em virtudes de cotas de transmissões televisivas; Estão inseridos em centros de poderes políticos que os transformam em mandatários, logo, tem-se, por exemplo, em São Paulo e no Rio de Janeiro a criação das primeiras entidades de gerência do futebol nacional, respectivamente, a Federação Brasileira de Futebol e a Federação Brasileira de Esportes.

São os clubes desta região os historicamente constituídos como “os donos da bola” - não como se houvesse uma lógica maquiavélica por trás disso tudo, mas por estarem fixados em um ambiente de centralidade dentro da integração do Brasil que os cercaram de privilégios, assim, tal fenômeno é responsável por colocá-los como senhores soberanos do futebol nacional. Como já diria um bordão famoso “futebol é bola na rede”, logo, de modo análogo, pode-se dizer que o “Futebol é bola em redes”, portanto, se tais clubes localizam-se em regiões de centralidade que detêm os maiores fluxos e conexões, não é de se estranhar que as informações sobre o futebol por estes praticados será ao longo dos anos disseminadas para todo território nacional. A imprensa escrita, o rádio, televisão e a internet exerceram (e ainda exercem) esse papel de levar o Flamengo, São Paulo, Vasco, Corinthians, entre outros, para mais perto dos amantes do futebol de outras regiões, sendo assim vital para consolidação dos “times do eixo” Sul e, principalmente, Sudeste.

Neste momento, antes de prosseguir, vale ressaltar um ponto importante: quando se fala neste trabalho sobre uma centralidade nacional que se reverbera para o campo do futebol, existe uma forte tendência de pensar o centro do futebol brasileiro a partir dos seus 12 maiores clubes que apresentaram ao longo da história excelentes desempenhos. Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo (Rio de Janeiro); São Paulo, Corinthians, Santos e Palmeiras (São Paulo); Atlético e Cruzeiro (Minas Gerais); e também, Grêmio e Internacional (Rio Grande do Sul) são clubes basilares nesse contexto. Logo, é bastante difícil pensar que os

clubes de Belo Horizonte e Porto Alegre se apresentam nas margens, todavia, em contraste com o grande poderio político, social, econômico e cultural do Rio de Janeiro e São Paulo - as duas maiores cidades do Brasil - tais cidades se encontram na periferia em relação a estas. Assim, um número superior de informações, em múltiplos veículos de informações sobre o futebol, sairá do Rio de Janeiro e São Paulo em comparação a Belo Horizonte e Porto Alegre; mas, ainda assim, o futebol praticado por estas cidades é amplamente mais divulgado em relação com os times das cidades da região Nordeste, por exemplo, o que os inserem na lógica da centralidade futebolística.

4 CONSOLIDANDO A CENTRALIDADE FUTEBOLÍSTICA: O PAPEL DOS MEIOS DE COMUNICAÇÕES

Quarenta e três, faltando dois pra acabar, Petkovic na falta prepara / Atencãooo! / Pet pra bola, bateu e guardooooou / É CAMPEÃO! É TRIIIIIIIII! / GOOOOOOOOOOOOL. DO FLAMENGAÇO / Na hora de acabar é o gol do TRI, DO TRI, DO TRI / PET, PET, PET, PETKOVIC pro Tri. Na hora de acabar É GOL DO MENGÃO. (NARRAÇÃO RÁDIO TUPI, 2001).

Frenesi, delírio e êxtase estão envolvidos naquilo que é o ápice do futebol, a saber, o gol. Este é o momento em que desconhecidos se abraçam, as diferenças são deixadas de lado por um momento, afinal, todos fazem parte de uma grande nação que pulsa em alegria contagiante e até em choro não contido ao celebrarem o lance mais bonito do jogo - não existindo gol “feio”, pois, nas palavras de Dadá Maravilha, no futebol “feio é não fazer gol”. É o anúncio do futebol adentrando aos múltiplos corações trazendo unidade em meio a diversidade.

O transcrição citada acima refere-se à narração magistral de Luiz Penido na Rádio Tupi, para o gol do sérvio Petkovic, aos 43 minutos do segundo tempo, da partida que decidiria o campeão carioca de 2001 - o gol emocionantemente e freneticamente narrado deu o tricampeonato ao Clube de Regatas do Flamengo sobre o Clube de Regatas Vasco da Gama, seu maior rival. Fruindo com as palavras, Luiz Penido vai empregando velocidade e emoção ao lance. De certa forma, essa é uma das missões do rádio, a saber, imprimir por intermédio de vários recursos da linguagem radiofônica (a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas, cortinas sonoras) levar um espetáculo dramático e eletrizante ao ouvinte.

Tal narração citada acima é um entre vários exemplos da emoção do futebol disseminado através das frequências de rádio. Fato é que este não é o único meio e, no decorrer dos anos no Brasil, o futebol encontrou em diferentes veículos de informação um modo de propagar seus múltiplos sentimentos e variadas informações. Diversos meios de comunicação ao longo da história foram responsáveis por difundir a emoção de uma partida de futebol.

Sendo assim, neste tópico, visa-se apresentar como tais meios são responsáveis pela consolidação dos times da centralidade Sul-Sudeste, carregando a emoção de seus jogos para as demais regiões que se encontravam nas margens, a periferia, e que receberam, durante anos, exclusivamente, a emoção do futebol feitos por aqueles que detinha o controle superior das redes de comunicações e, dessa forma, como ressalta Fonseca (2014) tais regiões

excluídas alternavam entre momentâneas oscilações de uma visibilidade efêmera e até com uma invisibilidade quase definitiva.

Tal processo de predomínio desta centralidade sob os veículos de informação proporciona o induzimento dos amantes do futebol do Nordeste brasileiro para com seus times, o que tem se tornado alvo de acintosas críticas dos “torcedores puros, não misturados”, isto é, aqueles que torcem exclusivamente para os times do seu estado, para com aqueles denominados como “mistos”, ou seja, pessoas que torcem exclusivamente para um time de “fora” da sua região ou que alternam entre a torcida para um time local e um time do Sul ou Sudeste. É o que aponta Vasconcelos (2011, p.50-51) quando diz que:

Os meios de comunicação como rádio, TV e jornais, e nas últimas décadas a Internet, ajudam a trazer para o torcedor informações sobre times de diversas partes do Brasil e do mundo. Desta forma é possível que, para parte desse público, esses times frequentemente citados na mídia se tornem mais próximos da realidade cotidiana desses torcedores do que equipes da sua própria cidade [...] A influência da mídia na escolha do time pelo qual torcer é um dos principais pontos discutidos pelos anti-mistos. Frases como “não deixe a mídia escolher seu time”, “nordestinos: vítimas da aculturação global” podem ser vistas tanto nas faixas e camisetas confeccionadas, quanto nos debates sobre os mistos.

“Futebol é bola em redes”. É dessa forma que aponta-se a importância dos diferentes veículos de propagação da informação na consolidação e reafirmação da importância do centro do futebol brasileiro. Vale ressaltar que a centralidade destas regiões alcança não só as questões políticas e econômicas, como também pontos culturais e simbólicos cujo futebol também está inserido. Assim sendo, vê-se que tais clubes se estabelecem em uma posição privilegiada na sociedade o que, por sua vez, acabam permitindo o controle dos meios por estes que passam a ser os responsáveis pela produção em larga escala de seus produtos, a saber, o futebol, utilizando as mídias para a difusão desses conteúdos.

A seguir, tem-se um sucinto panorama sobre a importância de diferentes veículos de informações, a saber, imprensa escrita, rádio, televisão e internet, para a consolidação e disseminação do futebol praticado pelo centro.

Todavia, vale destacar que não se propõe aqui um determinado etapismo, na qual um meio de comunicação surge e sai de cena para a entrada de outro que, por sua vez, depois dará lugar a um novo e assim por diante. É lógico que, por exemplo, por mais que meios como a imprensa escrita não possuam a mesma relevância de outrora, ainda estão presentes. Além disso, como dito, a chegada de um meio não descarta o outro. Exemplificando, mesmo com o advento da televisão, o rádio continuou exercendo relevância, não só como um modo

complementar, mas até mesmo como meio principal, posto que seu preço era mais acessível para as camadas mais populares; era também mais portátil, facilitando seu deslocamento; também atraía mais indivíduos pela emoção frenética transmitida em suas narrações; e, ademais, possuía também uma oferta maior de transmissões de partidas. Logo, os diferentes veículos de informações se complementam e se interligam.

4.1 O papel da imprensa escrita

Principalmente a partir de 1930, a imprensa escrita por intermédio dos seus cronistas esportivos foi responsável por disseminar o futebol. Através de suas folhas de jornais, tal meio de comunicação passou a imprimir não só realidade ao esporte, mas também emotividade, ou seja, o jogo era descrito de modo fantástico, não bastando apenas acompanhar a vitória do seu time, mas também nos dias seguintes ler e ver a imprensa descrevendo de modo glorioso os acontecimentos do jogo.

Dessa forma, conforme o futebol se popularizou no Brasil, os jornalistas esportivos passaram a se dedicar a descrever a prática futebolística e discutir seu lugar na cultura nacional. Neste período, um dos canais da informação sobre o futebol no Brasil mais importante era aquele difundido pela imprensa paulista e carioca, principalmente por meio das publicações da Gazeta Esportiva (São Paulo) e Jornal dos Sports (Rio de Janeiro).

Em 1928, A Gazeta criou um suplemento temático sobre esportes, chamado A Gazeta Esportiva. O sucesso das publicações da Gazeta Esportiva, principalmente pelas participações do jornalista Cásper Líbero e do cronista Thomas Mazzoni, levou à circulação autônoma do impresso a partir de 1947. No Rio de Janeiro, outro importante veículo de informação do segmento que se firmou no cenário nacional como hegemônico entre as mídias esportivas foi o Jornal dos Sports, criado em 1931, por Ozeás Mota e Argemiro Bulcão, passando ao comando do renomado escritor Mário Filho em 1936. (SCHATZ, 2015).

Sobre esta disseminação do futebol por intermédio da imprensa escrita destas duas cidades, Fonseca (2014, p.440) escreve que:

além do poder econômico e político, há outro fator fundamental para a construção de uma simbologia própria, bastante peculiar e nociva à própria ideia de nação integrada, de uma centralidade paulista e carioca na propagação dos valores culturais e simbólicos destes lugares para o restante do País: a imprensa escrita. Os grandes jornais de circulação nacional eram sediados nestas cidades e as notícias do futebol carioca e paulista também atingiam todas as cidades brasileiras aonde eles chegavam.

De pequenas notas a grandes reportagens, passando pelas crônicas esportivas repletas de simbolismo por Mário Rodrigues Filho, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, entre outros, elevaram o futebol a um patamar nunca visto antes. O futebol cristaliza-se e ganha espaços na qual até então o mesmo não possuía. Em meio a uma época em que diversos escritores buscavam refletir sobre identidade nacional, esses cronistas viam no futebol uma ferramenta para unificação da nação, para formação do que é o brasileiro, todavia, uma visão puramente regionalista daquilo que seria o nacional. Fonseca (2014) afirma que tais crônicas levaram para o restante do Brasil muito das suas próprias noções de mundo - uma noção carioca - estendida ao país como sinônimo de uma nação, e o futebol estava inserido nisso.

No artigo "A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX", Luiz Henrique de Toledo (2012) mostra como A Gazeta Esportiva, criada em 1928, em sua proposta esportivista muito contribuiu para a conformação do futebol ao ideal paulistanismo, assentado no lema "São Paulo não pode parar".

Dessa forma, percebe-se que a notícia que se propagava não era a do futebol brasileiro como um todo, mas somente destes lugares. Existia um tratamento excludente da imprensa carioca e paulista, mais propagadas em todo Brasil, para o futebol praticado em outras localidades. Um exemplo desta exclusão pode ser relatado nas diferenças de abordagens para as notícias dos clubes em suas excursões para jogos internacionais - jogos estes muito realizados por clubes brasileiros ao longo do século XX. Em 1951, o Flamengo-RJ foi convocado para realização de alguns jogos em excursões pela Europa, dessa forma, a excursão flamenguista assumia, guardada as devidas proporções, a categoria de uma missão diplomática brasileira - uma espécie de "Itamarati do football" - ao exterior - o que era publicado categoricamente nas páginas do Jornal dos Sports, do Rio de Janeiro, que relataram o entusiasmo da imprensa francesa, afirmando de modo categórico que "depois da chegada de Lindenberg e da Exposição Internacional, nada havia abalado Paris mais do que o team do Flamengo. Do que a exibição da equipe do Flamengo!" (Jornal dos Sports apud FONSECA, 2014, p. 50).

Todavia, outros clubes brasileiros não recebiam esse mesmo tratamento glamuroso e especial da imprensa ao representarem o Brasil internacionalmente. É o caso do Bahia Esporte Clube que, desde 1957, já realizavam excursões à Europa, tendo na oportunidade derrotado o Torpedo Moscou, da Rússia, em 05 de Junho de 1957, com um público de mais de 80.000

peças presente no estádio. Em 1960, outro feito, após se sagrarem campeões brasileiros em cima do Santos de Pelé, receberam o convite para fazer excursão na Europa e enfrentar diversos times, um deles, o Bayern de Munique. Em Munique, em 18 de Outubro de 1960, o “esquadrão baiano” aplicou uma goleada no time alemão, a saber, um 6 a 1 impiedoso do time do Nordeste brasileiro. Tal feito repercutiu apenas em jornais baianos e permanece, até hoje, como memória e orgulho para os torcedores do Bahia. Fonseca (2014, p.50) assim ressalta tais práticas excludentes da imprensa escrita:

o poder político e a força ideológica — que, naquele momento, são originários de Rio e de São Paulo — são propulsores da imagem de hierarquia e de desigualdade; mas não apenas disso: são propulsores das próprias hierarquias e desigualdades que se reproduzem. O que está em discussão, portanto, é o que nos ajuda a reforçar a nossa tese de construção ideológica do centro do futebol no Brasil. Essa construção teve como importante arquiteto a mídia impressa que circulava por todo o território nacional e que fazia — e ainda faz! — com que as cores, os símbolos, as crenças e ideais de mundo do centro se converta em ideais de todo o resto, inclusive do entorno deste mesmo centro que se transforma, nestes termos, praticamente invisível.

4.2 O papel das transmissões de rádio

Outro meio de comunicação crucial na difusão do futebol é o rádio. Surgindo na década de 1920, revolucionou de modo jamais visto todo o segmento, pelo menos até a chegada da televisão. A primeira transmissão oficial é datada em 07 de setembro de 1922, em ocasião do Dia da Independência, com o discurso de abertura da Exposição do Centenário do presidente Epitácio Pessoa, transmitido por intermédio dos receptores instalados em Niterói, Petrópolis e São Paulo. (ANJOS, 2011).

A primeira década de seu surgimento no Brasil é caracterizada por uma elitização da sua distribuição e conteúdo. É o que afirma Luiza Aguiar dos Anjos (2011), em *Reflexões sobre o futebol nas ondas do rádio*, ao mostrar que:

Na década de 20, o rádio não se caracterizava como um entretenimento de massa. Ele nascia como meio acessível somente à elite e com seu conteúdo voltado para esses, apesar das intenções de seus fundadores. Ouvia-se ópera, recitais de poesia, palestras culturais, enfim, uma programação bastante erudita e, de maneira geral, desinteressante à grande parcela da população.

O rádio começa a se popularizar de fato no Brasil a partir dos anos de 1930 ao passar por processo de regulamentação no governo de Getúlio Vargas - pelo decreto Federal 21.111/1932 - que definiu o rádio como ferramenta de interesse nacional e de finalidade

educativa, além de proporcionar a oportunidade de obtenção de lucros, a partir da publicidade feita por empresas, fazendo com que, inclusive, a linguagem formal e erudita de outrora fosse substituída por uma linguagem mais popular com o fim de alcançar o maior número possível de pessoas. A partir do momento em que a publicidade passou a se fazer presente, tornou-se necessário a reformulação da programação das emissoras e a criação de gêneros que atingissem o maior contingente de pessoas. O futebol se apresenta como grande produto nesta lógica consumista, passando a ser usado como ferramenta para atrair maiores níveis de audiência (BEZERRA, 2008).

No entanto, as transmissões dos jogos não agradaram em primeiro momento aos representantes de clubes. A partir da premissa - que depois também seria aplicada ao advento da televisão (BETTI, 1998) - que o público passaria a não mais frequentar os estádios em virtude do acesso a esse meio de comunicação, os dirigentes passaram a se opor ao mesmo. A título de exemplo, no caso paulista, em 1933, alguns dirigentes do São Paulo Futebol Clube, infelizes com as transmissões dos jogos, ameaçaram proibir estas pela razão de retirar pessoas dos estádios, o que implicaria perda de renda aos clubes por meio da venda de ingressos, afinal, para sustentar os novos gastos oriundos da profissionalização os clubes necessitavam de jogos com o maior público pagante possível (Bonin et al., 2016).²

Todavia, o rádio se estabeleceu e, conjugado com práticas como o futebol, transformou-se em uma significativa prática de lazer da sociedade brasileira, se apresentando como ferramenta fundamental na formação de hábitos.

Muito do sucesso da parceria entre rádio e futebol é devido ao modo no qual ele é transmitido. A narração de um jogo é o ator principal do espetáculo proporcionado pelo rádio esportivo. Desse modo, os locutores criaram códigos que facilitaram a compreensão dos lances narrados. Com essa linguagem repleta das mais variadas expressões, os locutores recriam o ambiente do jogo, e ainda acrescentaram entusiasmo e multiplicaram as emoções da partida. Neste ambiente de emoções em que o rádio é capaz de proporcionar, verifica-se que diversos torcedores ainda assistem a jogos, tanto no estádio quanto na televisão, ouvindo as narrações e comentários do rádio.

² Ainda recente, percebe-se que a gratuidade existente nas transmissões radiofônicas é objeto de grandes embates entre emissoras e dirigentes de clubes de futebol. Em 2008, o Clube Atlético Paranaense tentou cobrar o direito de transmissão das rádios e alegou que as emissoras usam a marca do clube para desenvolver o seu produto, como voz. Entretanto, o clube perdeu a causa, pois o Poder Judiciário entendeu que a Lei Pelé aborda apenas a questão da imagem na transmissão dos jogos de futebol, negligencia o áudio e a voz. O Clube Atlético Paranaense foi alvo de críticas, visto que a transmissão radiofônica é um direito adquirido por rádios há muitos anos e que garante o funcionamento de muitas emissoras. Além disso, a transmissão é defendida como uma forma de divulgação gratuita do futebol. (Bonin et al., 2016).

A popularização deste potente veículo de informação encontrou terreno fértil no Brasil em virtude dos baixíssimos índices educacionais. Grande parte da população era analfabeta, e tal fator seria assim uma limitação para a imprensa escrita; todavia, isso não era um impeditivo para a consolidação do rádio que, rapidamente, tornou-se “numa poderosa ferramenta de divulgação de ideias, de ideologias, de valores e transformação dos hábitos e da cultura.” (FONSECA, 2014, p.57).

Com o crescimento do rádio, surge, então, a necessidade de instalações de equipamento que pudessem cobrir maior gama do território e, sobre isso, Daniel Damasceno Crepaldi (2009, p. 56) em *A participação da Rádio Nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 40* diz que:

O crescimento do rádio no Brasil durante a década de 30, que ficou conhecida como a “Era de ouro do rádio”, não se deu por acaso. É sabido que esse período foi marcado pela crescente industrialização do país, e consequente chegada de novos produtos ao mercado interno. Tais empresas e produtos tinham a necessidade de abarcarem o maior número possível de consumidores, possibilitando o aparecimento de grandes grupos de rádio, com aparelhos tão potentes que, transmitidos do Rio de Janeiro ou de São Paulo, seus sinais eram recebidos em todo o país. Dentre esses grupos estavam a Farroupilha do Rio Grande do Sul, a Tupi de São Paulo e a Nacional, do Rio de Janeiro. Em 1935 foi inaugurada a estação de rádio mais potente da América Latina, a Rádio Farroupilha, de Porto Alegre. A marca de ‘rádio mais potente do continente’ foi rapidamente ultrapassada por Assis Chateaubriand quando, em 1937, lançou a Rádio Tupi de São Paulo, chamada de a ‘A mais poderosa’, com um transmissor de 26 KW que alcançava todo o país, e até o exterior, através de ondas curtas.

Utilizando como exemplo o poder da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, o jornalista e CEO do serviço de *streaming* LiveSports, João Palomino, em entrevista ao programa Esportes do Povo, da Rádio O POVO CBN (2022), vai pontuar que esta referida emissora possuía uma “força indiscutível em todo o nordeste, e como a emissão era a partir do Rio de Janeiro, criou esse volume de torcedores de clubes do Rio.”

Logo, desde sua chegada ao Brasil, seria uma questão de tempo até o casamento entre rádio e futebol, afinal, este passava a se constituir como importante veículo de ajuntamento das massas, assim, aquele se apropriaria, melhor, se ligaria ao esporte para divulgação de seus produtos. Um dos produtos fortemente divulgados por todo território nacional são os clubes das regiões Sul e, sobretudo, Sudeste - aqui, leia-se, principalmente, clubes das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, que eram aqueles que mais possuíam partidas narradas para todo o território. Dessa forma, Fonseca (2014, p.58) afirma que “quanto mais potentes eram as

rádios de Rio de Janeiro e de São Paulo, mais fortes e conhecidos Brasil afora ficavam os clubes destas cidades.” e complementa dizendo que (p.60-61):

A ligação, então, que se estabelece é de uma proximidade virtual com aquilo que está distante: ao ouvir uma partida de futebol, por exemplo, de Vasco-RJ x Flamengo-RJ, o sujeito que se conecta ao mundo através da janela do rádio passa a compreender e a vislumbrar a existência próxima desses dois clubes. Mais do que isso, da mesma maneira que incorporou hábitos culturais e de consumo advindos das notícias, das informações veiculadas pelo rádio — na maioria das vezes seu único meio de comunicação — ele acaba por incorporar a noção de que: futebol é Flamengo-RJ ou qualquer outro time do Rio. É evidente que, a partir de então, como já se observa, a ideologia hegemônica condiciona a escolha por clubes de grande divulgação.

4.3 O papel da televisão

O rádio foi um importante meio de consolidação e disseminação dos clubes inseridos na lógica da centralidade futebolística até aqui mencionada. Todavia, será a televisão, a partir de meados de 1950, o principal motor de construção e disseminação deste cenário.

O advento da televisão passa a apontar agora para uma nova realidade da conjunção entre a mídia e o futebol, uma realidade estética assimilada para os telespectadores e manifesta através de nossos olhos. É o que aponta Mauro Betti (1998, p.37), em *A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física*, quando diz que:

Para a televisão, importa tanto a forma de mostrar o esporte, como seu conteúdo. Uma consequência imediata é a fragmentação e a distorção do fenômeno esportivo, pois a televisão seleciona imagens esportivas, e as interpreta para nós, propõe um certo "modelo" do que é "esporte" e "ser esportista". Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo direto com a realidade, "como se estivesse olhando através de uma janela de vidro"

Corroborando com a passagem acima, o jornalista Eduardo Galeano (2012, p.167), em *Futebol a sol e sombra*, analisa este momento pontual em que a televisão se encontra com futebol, ao dizer que “Agora milhões de pessoas podem ver as partidas, e não apenas as milhares que cabem nos estádios. Os torcedores se multiplicaram e se transformaram em possíveis consumidores de qualquer coisa que os manipuladores de imagens queiram vender.”

No Brasil, iniciou-se em 1951 a fabricação de aparelhos receptores da marca Invictus que, por conseguinte, passaram a contar com uma campanha publicitária gigantesca por meio de jornais, rádios e revistas, incentivando a compra destes aparelhos. Contudo, este primeiro momento da chegada da televisão é marcado por ser um período extremamente elitista, o que

se manifestava nos altos custos desses aparelhos - cerca de duzentos dólares, ou seja, três vezes mais do que uma radiola e pouco menos do que um automóvel. Dessa maneira, tais equipamentos televisivos estavam longe da realidade da maioria da população, todavia, já se apresentavam como sonho de consumo da classe média, consumo este totalmente explorado por diversas campanhas publicitárias, tais como o exemplo abaixo que diz:

Você quer ou não quer a televisão? Para tornar a televisão uma realidade no Brasil, um consórcio rádio jornalístico investiu milhões de cruzeiros! Agora é a sua vez — qual será a sua contribuição para sustentar tão grandioso empreendimento? Do seu apoio dependerá o progresso, em nossa terra, dessa maravilha da ciência eletrônica. Bater palmas e aclamar admiravelmente é louvável, mas não basta — seu apoio só será efetivo quando você adquirir um televisor! (MATTOS, 2010 APUD FONSECA 2014, p. 90).

Percebe-se então que, desde os primórdios do estabelecimento da televisão no Brasil, o ideal de consumo destes equipamentos já estavam impregnados de concepções criadas de progresso e evolução, assim, aqueles que possuíssem tais aparelhos seriam os heróis vanguardistas brasileiros. Era a propaganda da modernidade atuando para o estabelecimento deste meio de comunicação em território brasileiro.

Todavia, para além da potencialidade do consumo provenientes da publicidade, Fonseca (2014) vai elencar outros fatores fundamentais para a consolidação em rede deste veículo de informação, a saber: i) A invenção do videoteipe - permitindo a produção, gravação, edição e distribuição de um programa que, mesmo sendo apresentado ao vivo, poderia agora apresentar suas reportagens editadas, manipuladas, para seguir um tempo certo, na hora certa e produzindo determinado resultado - e da transmissão do sinal por microondas, representando um avanço tecnológico; ii) A integração nacional das telecomunicações por intermédio da criação da autarquia Conselho Nacional de Telecomunicações (CONTEL) e da Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL) que, por sua vez, proporcionaram às emissoras de televisão, a partir do aluguel das faixas em sua frequência para as transmissões, a dupla possibilidade de transmitirem em rede e ainda se beneficiarem da noção de integração nacional promovida pelos militares da Ditadura Militar; e iii) A concepção de uma rede nacional integrada, uniforme, homogênea, com a mesma programação de televisão tendo como direcionamento a busca pela audiência do público, a tentativa de consolidação de um modelo e, além disso, a diminuição dos custos de produção dos programas e o aumento das receitas publicitárias, já que o anunciante seria visto praticamente em cadeia nacional.

Tal entendimento de uma rede nacional integrada se concretiza, principalmente, por meio da TV Globo, sendo a primeira a produzir um programa, a partir do Rio de Janeiro, e transmiti-lo para todo o Brasil, a saber, o Jornal Nacional, em 1969. Tal emissora, em sua origem (1965), era bastante harmonizada com os valores da ditadura militar, uma vez que, segundo o próprio proprietário das Organizações Globo, Roberto Marinho, em entrevista à Revista Veja, em 1971, diz que “é a Rede Globo de Televisão, que se estende por todo o país e que vai ao encontro dos objetivos do governo de promover o estabelecimento das redes entre todas as principais cidades [...]” e complementa dizendo que “a Rede Globo, estendendo-se cada vez mais por todo o país, cumpre esplendidamente sua patriótica missão em defesa dos mais puros interesses nacionais.” (FONSECA, 2014).

Diante dos fatores citados acima, a transmissão ao vivo em cadeia passa a se tornar uma realidade. Os obstáculos vão sendo superados, visto que a implementação das chamadas rotas terrestres - diversas torres de recepção e transmissão que seguiam intervalos de cerca de 80 a 100 km, praticamente em linha reta e com seus equipamentos perfeitamente alinhados e em sintonia, de uma cidade a outra, vão sendo implementadas - acabam por superar as grandes distâncias que tornavam as transmissões precárias, fazendo com que a televisão alcance assim um poder de penetração jamais vista até então. Para Fonseca (2014, p.97) tal advento da transmissão ao vivo em rede representa um grande marco, pois, em suas palavras:

Transmitir em rede não foi apenas uma estratégia comercial para se reduzir custos de operação: transmitir em rede possibilitava a televisão um poder de penetração no interior do País jamais alcançado pelo rádio, mesmo também tendo cobertura nacional. Enquanto o rádio levava o som, a TV levou a imagem, muito mais forte e persuasiva, apoiando-se nas figuras, por exemplo, de grandes heróis e artistas que vão sendo criados na medida em que cresce a audiência.

Em face do exposto, percebe-se que logo o futebol iria se inserir nesta programação televisiva em rede da televisão. Os heróis das chuteiras imortais antes apenas escutados nas empolgantes narrações radiofônicas, agora seriam vistos por intermédio desta caixa poderosa. Betti (1997) citado por Camargo (2001, p.95) em *O comunicador e o educador esportivo: novos paradigmas para o esporte midiático* vai dizer que a televisão funciona justamente com “a lógica de espetacularização dos acontecimentos, dessa forma, apropria-se dos elementos mais envolventes dos esportes, como por exemplo o gol no futebol [...]” e complementa dizendo que “A espetacularização através das imagens pode ser compreendida por intermédio da atuação e do desempenho de um lutador. Este cai, rola, contorce de dores. Às vezes chora na vitória ou derrota, porque a batalha foi terrível [...]”

É nesse contexto que os “clubes do eixo” passam a se apresentar sob o olhar atento de diversas pessoas em todo o Brasil. A televisão, assim, é um poderoso aliado, seja direta ou indiretamente, para que o Flamengo do Zico, por exemplo, rompesse a barreira regional. Assim, nas palavras de Fonseca (2014, p.103), “Se no rádio a interiorização desses clubes se iniciou, na televisão ela se completa.”

Vasconcelos (2011) em entrevista com o jornalista Tom Barros, um dos grandes nomes do jornalismo esportivo cearense, obtém uma série de informações que explicitam a consolidação dos referidos clubes, através da televisão, no contexto cearense. Ele diz (p.54-56):

Os programas brasileiros de TV na década de 60 eram realizados ao vivo, visto que ainda não havia o uso do videotape, que permite gravar uma atração para exibí-la posteriormente. O advento dessa tecnologia permitiu não apenas que os programas pudessem ser gravados para uma exibição posterior, mas também que eles pudessem ser vendidos. As TVs cearenses começaram, então, a importar conteúdo “de fora” [...] As emissoras de São Paulo e Rio de Janeiro eram em geral mais estruturadas, o que lhes valeu, dentro do mercado de programas de TV, a posição de produtoras, não de compradoras. Por sua vez as cearenses viam a possibilidade de adquirir produções de qualidade superior ao que elas costumavam desenvolver, em uma relação custo-benefício mais rentável [...] A partir da década de 70 popularizou-se, no Ceará, o sistema de afiliadas: emissoras locais que retransmitem a programação de emissoras de Rio de Janeiro ou São Paulo, dedicando espaço relativamente curto para atrações próprias [...] A programação das redes de Rio de Janeiro e São Paulo incluía os programas e transmissões esportivas. Competições como os Campeonatos Carioca, Paulista e Brasileiro eram já nas décadas de 70 em diante transmitidos por emissoras como Cultura, Tupi, Manchete, Bandeirantes ou Globo. Por sua vez, as TVs cearenses não transmitiam as competições de forma contínua. Apenas na década de 2000 o Campeonato Cearense, passou a ser transmitido, via TV Verdes Mares [...] É válido lembrar que, embora times cearenses pudessem eventualmente participar do Campeonato Brasileiro, exibido pelas emissoras do Sudeste, essas TVs priorizavam a transmissão dos jogos dos clubes de Rio de Janeiro e São Paulo. Parecem existir dois grandes motivos para essa prioridade. Um deles é a qualidade do produto, visto que os times desses estados eram os mais estruturados, com os melhores jogadores e que de fato disputavam o título; o outro é a questão comercial [...] Esses fatores também contribuíram para que esses estados fossem os preferidos nas transmissões.

Nota-se, neste contexto local, que durante muitos anos os clubes cearenses são preteridos em relação aos clubes do Sul e, principalmente do Sudeste, possuindo apenas espaços em noticiários locais, enquanto tais clubes do eixo, além de estarem diariamente nas notícias, ocupavam os 90 minutos mais acréscimos de transmissões continuamente. Assim, de fato, tal mídia seria fundamental para o crescimento de torcedores de times destas regiões.

4.4 Consolidação e visibilidade: o papel da internet para clubes de diferentes regiões

Há alguns anos, as únicas maneiras de acompanhar notícias do seu time ou uma partida de futebol eram por intermédio da televisão, rádio, jornais ou ao vivo no estádio. Para ver os melhores momentos do jogo precisaria aguardar a programação esportiva da televisão. Para acompanhar as estatísticas completas do campeonato, era necessário ser assinante de revistas especializadas e aguardar por seus resumos semanais.

Hoje é possível acompanhar tudo isso pela internet, logo, é notório que o advento da mesma é vital para a relação existente com o futebol, nos dias atuais. A internet promoveu profundas modificações nas relações entre clube e torcedor. Praticamente todos os clubes profissionais - e até amadores - do país têm *sites* oficiais ou estão inseridos nas redes sociais nos quais por intermédio destes disponibilizam diariamente vídeos, fotos e informações exclusivas.

Fernando Santos da Silva (2018), em sua obra de dissertação denominada *As mediações no campo digital: uma pesquisa sobre a relação entre clube de futebol e torcedor na internet*, o pesquisador vai pontuar que não é somente o torcedor que busca se aproximar do seu clube do coração, mas também o próprio clube busca se aproximar de seus adeptos. Ele diz (p.22):

A relação do futebol com a mídia vai para além das transmissões das partidas e da veiculação das notícias, perpassa pelos modos de apropriação pelos torcedores, pelas formas de aproximação que o clube desenvolve para se manter presente na vida dos seus adeptos ao mesmo tempo em que os torcedores buscam ficar mais informados e próximos ao clube.

Dessa forma, esta vigente era da relação entre futebol e internet se manifesta na aproximação. Portanto, os clubes apresentam uma nova necessidade, a saber, de manter-se presente e atuante nas mídias para que, assim, os torcedores obtenham informações sobre o que se sucede dentro do clube - contratações, coletivas, treinamentos e etc.

Como as redes sociais se apresentam como um ambiente anônimo, não é possível ter um entendimento concreto de que todos os “seguidores” do Fortaleza Esporte Clube, por exemplo, são “torcedores” do referido. Logo, o objetivo deste tópico é meramente o de apresentar a capacidade da internet em promover visibilidade para os clubes de futebol, em especial do clubes do Nordeste, sendo assim, diferentes indivíduos com distintas identificações podem “seguir” dado clube sejam eles torcedores “fanáticos” - marcados por densa solidariedade - ou fãs casuais e seguidores aleatórios - marcados por uma fina solidariedade. (GIULIANOTTI, 2012).

Em *ranking* digital dos clubes brasileiros, publicado em 10 de abril de 2023, pelo IBOPE Repucom, cujo objetivo é acompanhar o desenvolvimento das bases digitais oficiais dos 50 clubes com o maior número de seguidores do país, percebe-se a contínua relevância e influência exercida pelos clubes do Sudeste e do Sul. A tabela a seguir apresenta isso.

TABELA 3 - RANKING DIGITAL - OS 10 MAIORES CLUBES DO BRASIL						
Clube	Total	Facebook	Twitter	Instagram	Youtube	Tiktok
1 - Flamengo	53.901.044	13.352.465	10.134.533	16.854.046	6.660.000	6.900.000
2º - Corinthians	33.019.894	11.100.356	7.684.261	9.315.277	1.820.000	3.100.000
3º - São Paulo	19.658.651	6.853.822	4.857.934	5.016.895	1.730.000	1.200.000
4º - Palmeiras	17.440.282	4.846.357	3.747.874	4.636.051	1.910.000	2.300.000
5º - Vasco	11.811.034	3.127.719	2.682.322	2.330.993	1.170.000	2.500.000
6º - Santos	11.197.504	3.800.000	3.102.915	2.218.289	1;160.000	916.300
7º - Grêmio	10.825.005	3.400.000	3.096.320	2.631.785	868.000	828.900
8º - Atlético Mineiro	10.346.531	3.429.646	2.601.980	2.536.905	578.000	1.200.000
9º - Cruzeiro	9.289.978	3.000.000	2.572.173	2.319.605	541.000	857.200
10º - Internacional	7.195.159	2.597.283	1.899.211	1.773.565	349.000	576.100

Fonte: IBOPE Repucom – *Ranking* digital dos clubes brasileiros, 2023

Percebe-se, assim, que através das redes sociais a internet vem ratificar o senhorio dos clubes das regiões Sudeste e Sul no cenário do futebol nacional. Os mesmos clubes que figuram no top-05 das maiores torcidas do Brasil (ver tabela 01) são os mesmos que possuem maior número de seguidores em suas múltiplas redes sociais (tabela 03). Destaque, mais uma vez, para o Flamengo - RJ que lidera amplamente em todas as redes sociais.

Além de tais clubes apresentarem os maiores números de torcedores, outros fatores explicam essa hegemonia absoluta nas redes sociais que permitem um maior volume da exposição de suas marcas, tais como: a presença de melhores jogadores e treinadores ou, pelo menos, os mais midiáticos/estrelados destes; triunfos e conquistas recentes dos clubes também são fatores de atração de seguidores; entre outros.

Todavia, nem só dos “clubes do eixo” vive a internet. A chegada deste veículo de informação e comunicação também proporcionou visibilidade aos clubes nordestinos os quais se mantiveram ao decorrer dos anos “afastados” dos lugares de destaque. A internet, neste quadro, passa a romper paradigmas até então existentes. Jornais, emissoras de rádio e televisão perderam o monopólio exclusivo da informação. Se os denominados clubes nesta pesquisa como “donos da bola” possuíam o controle destes referidos campos (meios) de informação, a internet chega apresentando e permitindo que os outros clubes possam desbravar seus vastos e visíveis campos de comunicação. É a aproximação em grande proporção entre torcedores e clubes como marca desta nova era da internet

Agora, o acompanhamento por torcedores dos clubes do Nordeste ocorre em tempo real, seja por veículos oficiais do clube - *sites* e, principalmente, pelas redes sociais - seja por denominadas mídias alternativas - canais extraoficiais na qual a informação do clube é transmitida de torcedor para torcedor. Para citar como exemplo só o caso cearense, esta atual conjuntura proporciona que, de modo simultâneo e diário, o torcedor do Ceará conheça a nova contratação do alvinegro de Porangabussu e que acompanhe o treinamento dos atletas; que o torcedor do Fortaleza acompanhe a entrevista coletiva do treinador e jogadores do Leão do Pici; que o torcedor do Ferroviário acompanhe em tempo real as estatísticas do campeonato.

Portanto, observa-se que a internet promoveu maior destaque e proeminência para os times do Nordeste. Isso pode ser observado através da tabela a seguir a qual apresenta a classificação dos 10 maiores clubes nordestinos segundo o referido levantamento do IBOPE.

TABELA 4 - RANKING DIGITAL - OS 10 MAIORES CLUBES DO NORDESTE						
Clube	Total	Facebook	Twitter	Instagram	Youtube	Tiktok
13° - Sport	4.825.212	1.085.286	1.682.948	1.135.478	164.000	757.500
15°- Bahia	4.234.835	1.100.000	1.574.692	1.076.643	213.000	270.500
17° - Vitória	3.568.217	688.666	1.191.143	1.160.708	91.200	436.500
18° - Fortaleza	3.365.970	983.131	427.223	1.144.916	222.000	588.700
19° - Ceará	3.338.325	965.489	444.541	1.228.795	183.000	516.500
22° - Santa Cruz	1.521.908	537.000	277.854	433.454	81.300	192.300
30° - Náutico	777.543	213.868	178.591	231.784	31.800	121.500

33° - CSA	702.557	172.000	69.229	319.528	33.800	108.000
34° - ABC	681.725	232.280	138.679	249.466	33.300	28.000
38° - Sampaio Corrêa	605.175	188.000	43.251	233.024	22.500	118.400

Fonte: IBOPE Repucom – *Ranking* digital dos clubes brasileiros, 2023.

Dessa forma, observa-se que por mais que os clubes do Sudeste e Sul ainda ocupem as melhores posições no que tange ao número de seguidores em suas redes sociais - o que prova como a internet cumpre o papel de consolidar os referidos - os clubes nordestinos possuem um bom número de pessoas que os acompanham em suas redes sociais - o que confirma como a internet desempenha papel de promover visibilidade para os mesmos, até então não presente nos tradicionais veículos de informação.

Tal aproximação abordada até aqui, promovida pela internet, torna-se vital para que o torcedor de times nordestinos se identifique ainda mais com seu clube. Seu time não está mais distante, sujeito a poucos minutos de programações televisivas ou a pequenas notas de jornais como outrora. Ele está perto, a um “clique” de distância, bombardeando diariamente o torcedor com diversas informações que antes eram raras, sendo agora, habituais. A agonizante era das mingradas notícias provenientes dos jornais, rádio e televisão passa a ceder lugar - pelo menos um pouco mais - a um momento em que tais clubes podem também estarem sob os holofotes de um maior público de pessoas em virtude da internet.

5 FUTEBOL E RECONHECIMENTO

E agora como é que eu fico / nas tardes de domingo / Sem Zico no Maracanã /
Agora como é que eu me vingo / de toda derrota da vida / Se a cada gol do
Flamengo / Eu me sentia um vencedor.
(Moraes Moreira, 1983)

O trecho acima foi extraído da canção “*Saudades do galinho*” de Moraes Moreira, escrita em 1983, quando na ocasião Zico, o camisa 10 da gávea, anunciava sua saída do Flamengo para atuar no futebol italiano, pela Udinese. Neste pequeno fragmento, nota-se o profundo anseio do ser humano pelo triunfo, pela vitória. O gol do Flamengo representava também a glória do cantor que se sentia um vitorioso a cada balançar das redes do time carioca. Tal fato evidencia a profundidade do futebol na construção de vínculos e raízes que extrapolam as quatro linhas do campo.

Roberto DaMatta (1994, p.17) em *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol* aborda a importância que o esporte teve e tem para os brasileiros, como projeção de seus desejos e aspirações de sucesso, difíceis de se realizarem em outras áreas da vida. Segundo o autor, o brasileiro se sente vitorioso através do futebol, mais precisamente quando o seu clube de coração vence uma partida ou um campeonato:

Essa vitória que o mundo moderno traduz com a palavra mágica “sucesso” e que o sistema social hierarquizado e concentrador de riqueza do Brasil faz com que poucos possam experimentar. Mas através do “jogo de futebol”, as massas brasileiras podem experimentar vencer com os seus times favoritos. Sentem, então, que o seu desempenho no estádio como torcida - como platéia sofredora que se dá sem reservas ao seu clube e heróis - produz resultados palpáveis e vitórias completas.

Fato é que o em todo esse tempo em que o futebol se apresenta em solo brasileiro, diversos clubes - leia-se, times do Sul e Sudeste - se apresentaram de modo predominante, consolidando hegemonias, proporcionando “resultados palpáveis e vitórias completas” em maior grau que, conectadas ao fluxo de informações sobre estes que foram ao longo dos anos disseminadas por diferentes veículos de informação, acabam por dilacerar os limites de sua região.

E, neste tópico, um ponto importante entra em questão, a saber, o desempenho de tais clubes dentro de campo. Como explicado até aqui, é notório que as condições econômicas, sociais, políticas e culturais na qual tais clubes estão inseridos é fundamental para o fortalecimento destes no cenário nacional. Alia-se a isso o poder de influência das mídias que por muito tempo difundiu, quase que exclusivamente, o futebol praticado por estes. Desse

modo, tem-se a fórmula ideal para os triunfos e conquistas de tais clubes. Todavia, é necessário não somente possuir “a faca e o queijo na mão”, mas também “cortá-lo e comê-lo”, com isso pretende-se dizer, de modo análogo, que é o rendimento dentro de campo que tornará aquele time atrativo, envolvente e arrebatador para um segmento maior de pessoas.

O futebol torna-se, assim, uma mercadoria na qual tais clubes desta centralidade apresentam os melhores produtos. Vasconcelos (2011, p.21) compara a marca do clube a uma grife e assim vai dizer que “ao usá-la, o torcedor traz para si os valores que ela representa. Se o time está nua boa fase, aquela marca invoca imagens positivas, vitoriosas, de sucesso. Caso contrário, valores opostos são agregados.”

Dessa forma, cabe como exemplo um raciocínio, a saber, quem carrega consigo mais prestígio: O rubro-negro carioca - Clube de Regatas do Flamengo - ou o rubro-negro de Teresina - O Esporte Clube Flamengo, ou como também é denominado, Flamengo do Piauí? Os dois possuem escudos semelhantes, mesmas cores e até o mesmo nome, porém, de um lado, temos o octacampeão brasileiro, tetracampeão da Copa do Brasil e campeão mundial; do outro, vê-se o campeão de 17 edições - número expressivo - do Campeonato Piauiense. Por mais que a conquista de todos esses campeonatos estaduais pelo Flamengo do Piauí seja sim relevante, motivo de orgulho de sua fiel torcida, nota-se que o Flamengo, do Rio de Janeiro, pode proporcionar maior notoriedade para o piauiense e, assim, não haverá impeditivos para que ele torça exclusivamente para este, ou intercale sua torcida com aquele ou outro do Estado.

Observa-se, então, que o indivíduo pode (e busca) encontrar mais prestígio do que outros, por exemplo, no Flamengo e no São Paulo, tendo o reconhecimento de que ele não é um mero alguém, mas sim, respectivamente, um tricampeão da Libertadores ou tricampeão mundial. Nas palavra de Vasconcelos (2011, p.23):

Quanto mais importantes os títulos, a estrutura e a qualidade dos jogadores, maior é o reconhecimento que o clube – e seus torcedores – tem em relação aos demais. Deseja-se alcançar patamares cada vez mais elevados de reconhecimento, de ser mais vitorioso do que o vizinho. O torcedor nordestino que almeja os níveis mais altos de reconhecimento no campo do futebol encontra nos times de sua região um obstáculo, visto que eles ocupam uma situação periférica e de dominados. Se estiver realmente disposto a se reconhecer como um campeão nacional ou internacional, dono de lugar cativo na elite do futebol brasileiro, terá que recorrer às equipes dominantes. Por que não torcer para São Paulo, Fluminense ou Internacional? Se não encontrar resposta a essa pergunta, o torcedor não vê mais nenhum obstáculo para ser um membro da torcida de times com status mais elevados no futebol.

5.1 Uma leitura dos campeões

Como já mencionado até aqui, o Flamengo-RJ é um dos clubes que se encaixam perfeitamente na noção de superioridade de reconhecimento e prestígio social. Dono da maior torcida do Brasil, tem no período de 1980-1983 um marco para sua história. Já na década de 70, o time começava a demonstrar indícios que teriam um futuro glorioso pela frente. Com a revelação nas categorias de base do clube de jovens talentos, como: Zico, Júnior, Leandro, Andrade, Adílio e Tita, base para o grande Flamengo da década de 80, que já se sagraram campeões das edições do Campeonato Carioca de 1972, 1974, 1978 e 1979.

Figura 3 - Time do Flamengo - RJ, 1981.

Em pé: Leandro, Raul, Mozer, Figueiredo, Andrade e Junior. **Agachados:** Lico, Adílio, Nunes, Zico e Tita



Fonte: Imortais do futebol, 2012.

Sua hegemonia dentro de campo, somado com sua a larga ação de difusão por intermédio dos meios de comunicação, acabam por proporcionar de modo extraordinário o seu rompimento para além do Rio de Janeiro. Como time base do rubro-negro carioca desta época tem-se: Na defesa - Raul, Leandro, Marinho (Figuereido), Mozar (Rondinelli) e Junior; no meio campo - Andrade, Adílio e Zico; no ataque - Tita, Nunes e Lico; para completar, esse grande time foi comandado por Cláudio Coutinho (1980-1981), Paulo César Carpegiani

(1981–1983) e Carlos Alberto Torres (1983). A genialidade, o talento, a inteligência, poder de decisão são prodígios desse brilhante time que em apenas três anos conquistou: mundial interclubes (1981), Copa da Libertadores (1981), Tricampeão Brasileiro (1981, 1982 e 1983), além de campeão do Campeonato Carioca (1981). (DINIZ, 2012).

Não é, porém, só o time carioca e seus feitos que transbordam para além dos limites de sua região. Partindo para um exemplo paulista, tem-se o São Paulo-SP de 1991-1994. O tricolor paulista - que vinha de dois tropeços seguidos no campeonato brasileiro de 1989 e 1990, perdendo, respectivamente, para Vasco-RJ e Corinthians-SP - eleva em um outro patamar o seu futebol apresentado, reinando como “soberano” durante quatro temporadas. O soberano tricolor paulista tornou-se, nesta era, vencedor por duas vezes o mundial interclubes (1992 e 1993), além de também se sagrar bicampeão da Copa Libertadores da América nestes dois mesmos anos. Soma-se a isso o título brasileiro de 1991, a conquista da Supercopa da Libertadores em 1993, o título de campeão da Copa Conmebol em 1994, o bicampeonato da Recopa Sul-Americana de 1993 e 1994 e, ademais, o bicampeonato paulista de 1991 e 1992.

O time base era formado por: Zetti (no gol); Vítor, Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luís (Defensores); Toninho, Cerezo, Pintado, Cafu e Raí (Meio campistas); Muller e Palhinha (Atacantes). Todo esse timaço estava sob o comando do genial Telê Santana. (DINIZ, 2012).

Figura 4 - Time do São Paulo-SP, 1992.

Em pé: Adílson, Zetti, Ronaldão, Vítor, Pintado, Ronaldo Luís e Toninho Cerezo.

Agachados: Muller, Palhinha, Cafu e Raí.



Fonte: Imortais do futebol, 2012.

Para o caso gaúcho, pode-se citar como exemplo o triunfante time do Grêmio de 1994 a 1997, denominado como “o mais copeiro dos Grêmios”. No início da década de 90, o clube gaúcho teve um dos piores momentos da sua história. Iniciando com a derrota na final da Copa do Brasil de 1991 para o Criciúma, time de Santa Catarina, comandado por Luiz Felipe Scolari, o Felipão, que anos mais tarde comandaria o super time do Grêmio. Mas esse ainda não representou o fundo do poço para o clube gaúcho, pois ainda em 1991 o time é rebaixado pela primeira vez para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. O ano de 1993 representou uma virada na história do clube ao se sagrar campeão gaúcho; era o ressurgimento do clube portoalegrense, que no ano seguinte, se tornaria campeão da Copa do Brasil em cima de um representante nordestino, a saber, o Ceará-CE³.

Figura 5 - Time do Gremio-RS, 1996.

Em pé: Arce, Danrlei, Rivarola, Adílson, João Antônio e Roger. **Agachados:** Carlos Miguel, Jardel, Goiano, Paulo Nunes e Ailton.



Fonte: Gremiopedia, 2023.

³ Na edição de 1994 da Copa do Brasil, o Ceará fez uma campanha extraordinária, chegando à final da competição contra o Grêmio de Porto Alegre. Para tanto, eliminou o Campinense na primeira fase; passou pelo campeão brasileiro de 1993, o Palmeiras, nas oitavas de finais; venceu o Internacional nas quartas de finais, time este que na edição de 1992 da Copa do Brasil, sagrou-se campeão; deixou para trás nas semifinais o Linhares, time do Espírito Santo. Na final, o Ceará perdeu o segundo jogo (jogo da volta) para o Grêmio pelo placar de 1 a 0, no estádio Olímpico, em Porto Alegre (RS). No jogo da ida, no Castelão, em Fortaleza (CE), o empate em 0 a 0 foi mantido durante os 90 minutos. Dessa forma, o Alvinegro de Porangabussu terminou com o vice-campeonato do torneio. Todavia, o sentimento de injustiça permanece até hoje no torcedor do Ceará, visto que, o time poderia ter sido campeão, caso um pênalti claro - na opinião de vários árbitros, das torcidas de Ceará e Grêmio e pelo público em geral - sobre Sérgio Alves fosse marcado e posteriormente convertido. Por reclamação, o atacante alvinegro acabou expulso, junto ao defensor Vitor Hugo, dando motivos para a arbitragem de Oscar Roberto Godói ser questionada desde então. (ESPORTE O POVO, 2019).

Este grande time do Grêmio de Porto Alegre possuía um elenco invejável durante esse período. A base do elenco referido foi mantida durante todo esse tempo. O time comandado pelo grande Luiz Felipe Scolari (1994-1996) e depois por Evaristo de Macedo (1997) tinha Adilson como goleiro. A defesa contava com Arce, Rivarola, Adílson (Mauro Galvão) e Roger; passando para um meio campo que contava com Dinho, Luiz Carlos Goiano. Émerson (Arílson) e Carlos Miguel; e um ataque poderoso que contou com os goleadores natos Jardel e Paulo Nunes, além de nomes como Nildo, Zé Alcino e Aílton. Praticante de um futebol opulento, o Grêmio-RS, nesta época, realizou grandes feitos, entre eles: Campeão da Copa Libertadores da América de 1995, Campeão da Recopa Sul-Americana e campeão do Campeonato Brasileiro de 1996, bicampeão da Copa do Brasil nos anos de 1994 e 1997 e bicampeão gaúcho em 1995 e 1996. (DINIZ, 2012).

Para exemplificar no caso mineiro, pode-se citar a grande equipe do Cruzeiro que, durante os anos de 1996-2000, apresentou determinada supremacia no futebol nacional. Do ostracismo no futebol nos anos 80 - com somente dois títulos de campeonatos estaduais (1984 e 1987) - o time retorna aos anos gloriosos de outrora na década de 90 - tornando-se campeão, no mínimo, uma vez por ano entre 1991-2000.

Figura 6 - Time do Cruzeiro-MG, 1997.

Em pé: Dida, Gottardo, Gélson Baresi, Vitor, Fabinho e Nonato. **Agachados:** Ricardinho, Elivélton, Donizete Oliveira, Marcelo Ramos e Cleisson.



Fonte: Imortais do futebol, 2018.

O retorno do rei de copas à hegemonia do futebol brasileiro se deu em virtude da excelente equipe montada neste período. Um time que contava com o goleiro André e o excepcional Dida; na defesa, nomes como Vitor, Donizete Amorim, Rodrigo, Gélson Baresi, Marcelo, Cris, Wilson Gottardo, Célio Lucas, João Carlos, Nonato, Gilberto e Sorin traziam segurança e solidez para o sistema defensivo; no meio campo, o clube mineiro contava com Donizete, Cleisson, Uéslei, Fabinho, Marcos Paulo, Alex Alves, Ricardinho e Palhinha; No ataque; a presença de Marcelo Ramos, Geovani, Fábio Junior, Elivélton, Roberto Gaúcho, Muller e Oseias fazia do Cruzeiro um time avassalador; por fim, no comando técnico, nomes como Levir Culpi (1996 e 1998-1999), Oscar Bernardi (1997), Paulo Autuori (1997 e 1999-2000), Nelsinho Baptista (1997) e Marco Aurélio (2000) conduziram este time multicampeão. Nesta era citada, o Cruzeiro-MG colecionou diversas conquistas, entre elas: a Copa Libertadores da América de 1997 - encerrando um jejum de 21 anos sem títulos neste campeonato -, a Recopa Sul-Americana de 1998, bicampeonato da Copa do Brasil (1996 e 2000), tricampeonato mineiro (1996, 1997 e 1998), Copa dos Campeões Mineiros de 1999. (DINIZ, 2012).

Todos os casos acima são apenas exemplificações de momentos de hegemonia dos times citados. Para além destes, outros grandes momentos de superioridade de outros clubes poderiam ser citados, como o Vasco da Gama (1997-1998), Fluminense (2007-2012) e o Botafogo (1995-1998) no Rio de Janeiro; o Santos (1960-1969), o Palmeiras (1998-2000), Corinthians (2011-2012) em São Paulo; o Internacional (1979-1980) no Rio Grande do Sul; e o Atlético Mineiro (2012-2014) em Minas Gerais.

Tantas equipes lendárias com inúmeras conquistas arrebataram inúmeros adeptos ao longo de seus apogeus. O triunfo de tais times representam o triunfo de seus torcedores e, como se viu anteriormente, com mais conquistas e vitórias, mais prestígio, apreço e reconhecimento é transmitido. Dessa forma, a alegria de pertencer ao clube tantas vezes campeão vai atravessando limites, alcançando aqueles que se veem afastados desse *status* de vencedor. Uma das formas de perceber este enaltecimento de ser torcedor é manifesto, por exemplo, por meio dos hinos oficiais que destacam, inclusive, o teor nacional destas agremiações. O hino do Vasco, cantado de modo orgulhoso por sua torcida, escrito por Lamartine Babo e composto musicalmente por José Rocha, na década de 1940, evidencia a expansão dessa felicidade de ser vascaíno por toda extensão do território brasileiro ao dizer: “Tua imensa torcida é bem feliz / Norte-Sul, Norte-Sul deste Brasil / Tua estrela, na terra a brilhar / Ilumina o mar.”

De fato, o êxito futebolístico é determinante para a conquista de adeptos. Sendo assim, o quadro a seguir apresenta todos os campeões brasileiros da primeira divisão em suas diversas edições - da Taça Brasil, em 1959, até os moldes de pontos corridos atuais

QUADRO 1 - CAMPEÕES DA PRIMEIRA DIVISÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO (1959-2022)		
Clube	Nº de Títulos	Anos das conquistas
Palmeiras-SP	11	1960, 1967, 1967, 1969, 1972, 1973, 1993, 1994, 2016, 2018 e 2022
Santos-SP	8	1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1968, 2002 e 2004
Flamengo-RJ	8	1980, 1982, 1983, 1987, 1992, 2009, 2019 e 2020
Corinthians-SP	7	1990, 1998, 1999, 2005, 2011, 2015 e 2017
São Paulo-SP	6	1977, 1986, 1991, 2006, 2007 e 2008
Cruzeiro-MG	4	1966, 2003, 2013 e 2014
Fluminense-RJ	4	1970, 1984, 2010 e 2012
Vasco-RJ	4	1974, 1989, 1997 e 2000
Internacional-RS	3	1975, 1976 e 1979
Bahia-BA	2	1959 e 1988
Botafogo-RJ	2	1968 e 1995
Grêmio-RS	2	1981 e 1996
Atlético Mineiro-MG	2	1971 e 2021
Athletico Paranaense-PR	1	2001
Coritiba-PR	1	1985
Guarani-SP	1	1978
Sport-PE	1	1987

Fonte: Globo Esporte, 2023.

A supremacia dos clubes das regiões Sul e Sudeste é colossal. Dos 64 campeonatos disputados, apenas 3 deles não são das referidas regiões, a saber, as conquistas do Bahia (1959 e 1988) e o título do Sport (1987).

Na Copa do Brasil, iniciada em 1989, há a falsa impressão de que se trata de um torneio democrático, afinal, só na edição de 2023, 92 clubes de todos os estados brasileiros se colocam em disputa pela cobiçosa taça e pela volumosa premiação em dinheiro. Todavia, trata-se de uma democracia “de fachada”, pois boa parte das equipes da competição são figurantes e, em geral, é conquistada pelos mesmos clubes.

QUADRO 2 - CAMPEÕES DA COPA DO BRASIL (1989-2022)		
Clubes	Nº de Títulos	Anos das conquistas
Cruzeiro-MG	6	1993, 1996, 2000, 2003, 2017 e 2018
Grêmio-RS	5	1989, 1994, 1997, 2001 e 2016
Palmeiras-SP	4	1998, 2012, 2015 e 2020
Flamengo-RJ	4	1990, 2006, 2013 e 2022
Corinthians-SP	3	1995, 2002 e 2009
Atlético Mineiro-MG	2	2014 e 2021
Criciúma-SC	1	1991
Fluminense-RJ	1	2007
Internacional-RS	1	1992
Juventude-RS	1	1999
Paulista-SP	1	2005
Santo André-SP	1	2004
Santos-SP	1	2010
Sport-PE	1	2008
Vasco-RJ	1	2011
Athletico Paranaense-PR	1	2019

Fonte: Globo Esporte, 2022.

Como pode ser observado, essa competição nos surpreende, pois clubes de menor expressão nacional foram também campeões, como Criciúma-SC (1991), Juventude-RS (1999), Santo André-SP (2004), Paulista-SP (2005) e Sport-PE (2008). O formato “mata-mata” da competição, na qual todos os jogos são eliminatórios, pode acarretar em grandes surpresas - nas duas partidas decisivas, e é nesse formato de competição que os pequenos podem levar alguma vantagem em algumas circunstâncias muito especiais - diferente do Brasileirão, que apresenta competições longas, por pontos corridos, com turno e retorno.

Todavia, é válido ressaltar - e aqui trabalha-se no campo das conjecturas - que entre 2001 e 2012, os melhores times brasileiros que disputavam a Libertadores não participaram da Copa do Brasil o que, por seu turno, tornava a competitividade da disputa um pouco menor. Não busca-se aqui desmerecer as conquistas de tais clubes, que, mesmos com possíveis adversários mais forte disputando a Libertadores, tiveram que enfrentar outros gigantes do futebol brasileiro para se sagrarem campeões, porém, busca-se refletir se a estrutura viciada na qual os times hegemônicos estão inseridos não foi durante esse período “prejudicada” em razão da exclusão de participação. Uma contestação feita por torcedores são paulinos, por exemplo, tem relação com esse fato, uma vez que, para muitos destes, o grande time do São Paulo de 2005-2006 - Campeão do Mundial de Clubes da Fifa (2005), Campeão da Copa Libertadores da América (2005), Campeão Brasileiro (2006) e Campeão Paulista (2005) - ficou impedido de participar da Copa do Brasil, privando o soberano tricolor paulista de melhores oportunidade de triunfo.

Para além destas conjecturas, Fonseca (2014, p.261) destaca um ponto importante - que não pode ser negligenciado ao analisar as conquistas de Criciúma-SC, Juventude-RS, Santo André-SP, Paulista-SP e Sport-PE. Ele diz:

O Criciúma-SC foi um campeão invicto e treinado, naquele ano, pelo conhecido treinador copeiro — como se diz na gíria do futebol — Luiz Felipe Scolari, de vários títulos e, inclusive, pela Seleção Brasileira. O Juventude-RS foi campeão com o patrocínio da Parmalat que, inclusive, naquela edição da Copa do Brasil, patrocinava dois clubes: o Palmeiras-SP (semifinalista, derrotado pelo Botafogo-RJ) e o próprio Juventude-RS. O Santo André-SP também foi um caso excepcional. Além disso, o Sport-PE, a despeito de não ser considerado um dos gigantes do futebol brasileiro, não pode ser compreendido como um pequeno. Em todos os cinco casos, a arbitragem não favoreceu os gigantes envolvidos.

Por mais que o torneio ainda possa render até hoje boas histórias, com até mesmo “zebras” despontando na competição, o fato é que a desigualdade e abismo financeiro entre as

equipes envolvidas não possibilita uma democracia das conquistas. E a estrutura viciante, na qual só os times do Sul e Sudeste vencem, ainda continua sendo uma marca dessa competição.

A Copa Libertadores da América evidencia ainda mais a disparidade ao mostrar que apenas 10 clubes brasileiros a conquistaram. E onde reside tais clubes? Nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Veja o quadro abaixo.

QUADRO 3 - OS CAMPEÕES BRASILEIROS DA COPA LIBERTADORES		
Clubes	Nº de Títulos	Anos das conquistas
Flamengo-RJ	3	1981, 2019 e 2022
Grêmio-RS	3	1983, 1995 e 2017
São Paulo-SP	3	1992, 1993 e 2005
Santos-SP	3	1962, 1963 e 2011
Palmeiras-SP	3	1999, 2020 e 2021
Internacional-RS	2	2006 e 2010
Cruzeiro-MG	2	1976 e 1997
Corinthians-SP	1	2012
Atlético Mineiro-MG	1	2013
Vasco-RJ	1	1998

Fonte: Globo Esporte, 2022.

A partir de 2005, grandes clubes brasileiros passaram a ser protagonistas da Copa Libertadores da América. São Paulo (2005), Internacional (2010), Santos (2011), Corinthians (2012), Atlético Mineiro (2013) (Atlético-MG) - pela primeira vez, clubes brasileiros conquistam a Copa Libertadores durante 4 anos consecutivos, fato ocorrido no período 2010-2013. Tal feito seria igualado novamente entre 2019 a 2022 com os títulos do Palmeiras (2020 e 2021) e Flamengo (2019 e 2022). Esta competição continental passou a ser objeto de desejo dos grandes clubes brasileiros que, por sua vez, passaram ainda mais a valorizar o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil como rotas de acesso.

Por fim, vale observar a lista dos clubes brasileiros que podem ostentar a façanha de serem campeões mundiais - Copa Intercontinental e Mundial de Clubes da FIFA, ambos

ratificados pela FIFA como torneios mundiais oficiais. A diferença entre esses dois torneios reside no fato que a Copa Intercontinental (1960-2004) era disputada apenas entre o campeão continental da América do Sul e da Europa, dessa forma, não contava com organização da FIFA, mas sim das próprias federações participantes. Por outro lado, o Mundial de Clubes é um sucessor do antigo torneio, agora organizado pela entidade máxima do futebol, iniciado em 2000. Ver quadro abaixo.

QUADRO 4 - OS CAMPEÕES BRASILEIROS DE TÍTULOS MUNDIAIS			
Copa Intercontinental			
Clubes	Nº de Títulos	Anos das conquistas	Partidas disputadas
Santos-SP	2	1962 e 1963	- Santos 3 x 2 e 5 x 2 Benfica (POR); - Santos 2 x 4, 4 x 2 e 1 x 0 Milan (ITA)
São Paulo-SP	2	1992 e 1993	- São Paulo 2 x 1 Barcelona (ESP); - São Paulo 3 x 2 Milan (ITA)
Flamengo-RJ	1	1981	- Flamengo 3 x 0 Liverpool (ING)
Grêmio-RS	1	1983	- Grêmio 2 x 1 Hamburgo (ALE)
Mundial de Clubes			
Clubes	Nº de Títulos	Anos das conquistas	Partidas disputadas
Corinthians-SP	2	2000 e 2010	- Corinthians 0 x 0 (4 x 3 nos pênaltis) Vasco da Gama; - Corinthians 1 x 0 Chelsea (ING)
São Paulo-SP	1	2005	- São Paulo 1 x 0 Liverpool (ING)
Internacional-RS	1	2006	- Internacional 1 x 0 Barcelona (ESP)

Fonte: Globo Esporte, 2023.

Nesse quadro, ao contrário dos demais, foi acrescentada uma nova coluna intitulada “partidas disputadas”. Ela propositadamente foi inserida, uma vez que o peso, valor, dado pelos torcedores do Santos-SP, São Paulo-SP, Corinthians-SP, Flamengo-RJ, Grêmio-RS, Internacional-RS para essas conquistas é absurdamente maior. Não é uma mera vitória, é um título conquistado em cima do Milan, Liverpool, Barcelona e etc. - o prestígio e reconhecimento aqui atribuído é ainda mais elevado.

Outros campeões em distintos campeonatos, principalmente continentais, como a Copa Sul-americana, poderiam aqui ser citados, todavia, os exemplos utilizados servem como base para a consolidação do objetivo deste tópico, a saber, que os triunfos e conquistas ao longo dos anos por determinados clubes - do Sul e Sudeste brasileiro - que se manifestam em uma estrutura viciada, são preponderantes para a conquista de inúmeros torcedores nordestinos que veem em tais clubes - em detrimento dos seus clubes locais - o prestígio e reconhecimento de pertencer a um time vitorioso, afinal, o ser humano adora está ao lado do vencedor.

Vale salientar que os clubes nordestinos já protagonizaram momentos admiráveis, muitos deles negligenciados pela grande mídia da centralidade para seus torcedores. Campanhas extraordinárias nas competições, sublimes vitórias, títulos inesquecíveis são marcos destes times. Logo, seus adeptos orgulhosamente se reconhecem como participantes dessa história.

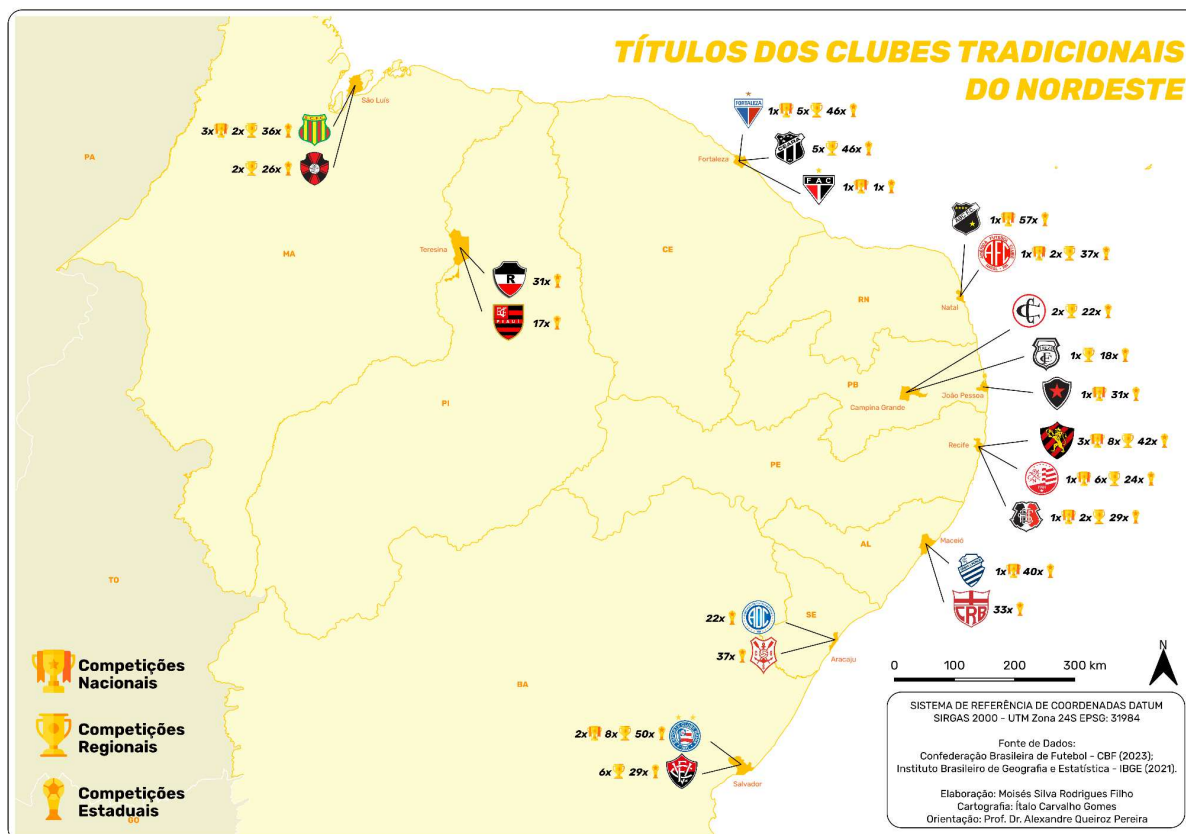
O ponto aqui não é desacreditar dos torcedores nordestinos que optam por times da sua região, mas sim apurar que a predileção aos clubes do Sul e Sudeste por alguns destes pode ser auferida por uma resposta que o anseio humano dá para a necessidade de ser protagonista em palcos maiores cujos times nordestinos ao longo dos anos não estiveram presentes - sem títulos internacionais - aqui desconsidera-se amistosos internacionais pelo seu caráter extraoficial - brilhando mais em competições regionais e estaduais.

No APÊNDICE A desta pesquisa constata-se uma lista complementar com os principais títulos, até o primeiro semestre de 2023, dos clubes mais tradicionais do Nordeste, isto é, aqueles que possuem mais troféus, vitórias, torcidas e etc., no âmbito nacional, regional e na primeira divisão estadual.

Partindo de competições internacionais oficiais, vê-se que os clubes nordestinos não possuem nenhum. Nos certames nacionais, apenas Bahia-BA e Sport-PE conquistaram títulos de maior envergadura, a saber, Taça Brasil de 1959 e a Copa União em 1988 para o tricolor baiano; já o time pernambucano conquistou a Copa do Brasil de 2008 e o tão contestado

Campeonato Brasileiro de 1987⁴. Outros clubes do Nordeste já conquistaram títulos nacionais, porém das divisões menores do Brasileirão. O mapa abaixo ilustra o relatado acima.

MAPA 1 - TÍTULOS DOS CLUBES TRADICIONAIS DO NORDESTE



Fonte: Ítalo Carvalho e Moisés Filho, 2023.

⁴ A edição do Brasileirão daquele ano previa, em seu regulamento, o enfrentamento dos clubes finalistas dos Módulos Verde e Amarelo por meio de um quadrangular final. Porém, o módulo Verde - formado em sua maioria pelo "Clube dos 13" - foi divulgado ao longo do ano como o verdadeiro "Campeonato Brasileiro de 1987" pelos torcedores e clubes participantes. Internacional e Flamengo chegaram à decisão, com a vitória do rubro-negro, mas se recusaram a entrar em campo para o quadrangular final, sob pretexto de que o campeonato nacional já havia sido decidido entre os rivais mais fortes do País (o Flamengo venceu o Internacional por 1 a 0 no Maracanã na final do Módulo Verde). No módulo Amarelo, Guarani e Sport seguiram o regulamento estabelecido pela CBF ao início da competição e se enfrentaram no quadrangular final após entrarem em acordo em relação à divisão da conquista — os times empataram por 11 a 11 nos pênaltis na decisão do Módulo. Quatro jogos do quadrangular não foram disputados e Sport e Guarani voltaram a campo em 7 de fevereiro de 1988 para decidir o título. Marco Antônio, zagueiro do Sport, marcou o único gol do jogo. A CBF, depois, proclamou o Sport campeão brasileiro de 1987. A Justiça ratificou o título em 1994, porém, em 2011, por meio de uma resolução, a CBF declara que os dois times - Sport e Flamengo - são os campeões desta edição. Porém, na esfera jurídica, em 2017, o Sport segue sendo o único campeão, uma vez que a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal negou recurso apresentado pelo Flamengo contra decisão da Justiça que declarou o Sport como único campeão do Campeonato Brasileiro de 1987, visto que, segundo o ministro Marco Aurélio Mello a decisão já havia transitado em julgado, sem possibilidade de recurso. (ESTADÃO, 2023).

A maioria dos títulos dos clubes nordestinos são de campeonatos regionais e seus respectivos estaduais - para alguns times somente os estaduais estão presentes como representatividade. O problema é que estes campeonatos estaduais acabam geralmente no primeiro trimestre do ano, assim, sendo para a torcidas desses times, há somente esta oportunidade em meio a todo um calendário anual de ser verdadeiramente campeão, somente este ensejo para “levantar o caneco”, somente uma chance de tornar-se um vencedor.

Diante disso tudo, clubes do Sul e Sudeste que disputam vários campeonatos ao longo do ano se manifestam como uma nova ocasião para se sagrarem campeões; assim, há espaço para novos times do coração, novos amores, sendo tais times do eixo para muitos uma espécie de segundo time. O Flamengo-RJ exemplifica isto. Na tabela 01, observa-se a porcentagem das cinco torcidas mais presentes em cada região. Nela o Flamengo exerce primazia sobre as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Em entrevista à CNN Brasil, em 10 de abril de 2023, o cientista político Felipe Nunes afirmou que “Um dos motivos pelo qual o Flamengo tem a maior torcida do Brasil é o fato de o Flamengo ser o segundo time da maior parte das pessoas, especialmente nas regiões Norte e Nordeste”.

Em face do exposto, percebe-se como a necessidade de reconhecimento por intermédio das conquistas permeia o ambiente das torcidas. Uma leitura dos campeões mostra as grandes hegemonias, excelentes times, os notáveis títulos internacionais e nacionais que giram em torno dos times do Sul e Sudeste. Em comparação, os times mais tradicionais da região Nordeste tem pouco para apresentar em relação àqueles. Se a bola não entra por acaso, pode-se também afirmar que o indivíduo não faz parte de uma torcida por acaso. O que atrai tais torcedores a cantarem, vibrarem, chorarem por tal time? Aqui se afirma que a opulência das conquistas faz toda diferença.

E assim, os “Donos da Bola” se constituem, se posicionam e se propagam. Historicamente, estão inseridos em um contexto social, econômico, político e cultural que os impulsionam. São também os detentores da maioria dos canais por meio dos quais a informação do futebol praticado por estes é disseminado. Além de tudo isso, os triunfos e conquistas destes os elevam ao patamar de supremacia no futebol brasileiro, conquistando mais adeptos a cada geração campeã que passa. Por fim, uma análise dos Campeonatos Brasileiros da Série A, B, C e D, isto é, das participações de clubes das regiões do Brasil nestas diferentes divisões ratificará ainda mais o senhorio dos “donos da bola”.

5.2 O Campeonato Brasileiro de futebol: o poderio permanece

O Campeonato Brasileiro de futebol da série A, ou como também chamado “Brasileirão”, é, sem dúvidas, um dos campeonatos nacionais mais difíceis em todo o mundo. A principal competição nacional, em seus mais de 60 anos, caracterizou momentos de polêmicas, rivalidade e diversas transformações que marcaram esse torneio. As divisões que o caracterizam - série A, B, C e D - são modeladoras de *status* que marcam seus times e torcedores. Fazer parte da primeira divisão representa fazer parte da “elite do futebol brasileiro”, algo que todos almejam.

Neste tópico, será observado as diferentes competições brasileiras de futebol que marcaram o cenário desse esporte no Brasil, sendo possível observar a supremacia dos clubes do Sul e Sudeste em oposição aos do Nordeste brasileiro. Refletindo sobre o passado de uma competição nacional no Brasil, Souza et al (2022, p.4) aponta para o fato que:

Historicamente diversas formas, estruturas e dinâmicas já foram montadas para a realização das disputas em torno do Campeonato Brasileiro, tendo variado ao longo dos cambiantes contextos políticos, econômicos, sociais e culturais do país. Também passou por alterações levando em conta as importantes dinâmicas regionais que envolvem as noções de centralidade e localismos no Brasil. Tal fato se refletiu na configuração das origens dos times participantes e dos campeões ao longo da história do torneio.

Antes de analisar de perto o caso do Campeonato Brasileiro de futebol, datado a partir de 1971, vale apresentar os torneios nacionais que serviram como embrião do referido. Trata-se da Taça Brasil (1959-1968) e o Robertão (1967-1970). Sendo assim, a antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual CBF, criou aquela que seria considerada a primeira competição nacional entre clubes, a saber, a Taça Brasil (1959-1968).⁵

Os clubes do eixo Sul e Sudeste, principalmente os do estado de São Paulo, mais uma vez obtiveram hegemonia nesta competição, uma vez que, das dez edições, nove foram vencidas por estes, com exceção do primeiro título conquistado pelo Bahia da região Nordeste. O quadro a seguir apresenta os campeões e vices das 10 edições da Taça Brasil.

⁵ Apenas os campeões estaduais participaram da Taça Brasil, em partidas eliminatórias, sendo uma em casa e outra fora. Caso houvesse um vencedor diferente em cada partida, seria disputada uma partida extra, em campo neutro (em geral, no Maracanã). Como objetivo exposto desta competição, tinha-se a definição de um representante brasileiro na Taça Libertadores da América - competição internacional que a Conmebol iniciaria no ano seguinte. O Bahia foi o primeiro a conquistar o título da competição e a vaga para representar o Brasil. (FONSECA, 2014).

QUADRO 5 - CAMPEÕES E VICES DA TAÇA BRASIL (1959-1968)		
Campeão	Vice	Ano
Bahia-BA	Santos-SP	1959
Palmeiras-SP	Fortaleza-CE	1960
Santos-SP	Bahia-BA	1961
Santos-SP	Botafogo-RJ	1962
Santos-SP	Bahia-BA	1963
Santos-SP	Flamengo-RJ	1964
Santos-SP	Vasco-RJ	1965
Cruzeiro-MG	Santos-SP	1966
Palmeiras-SP	Náutico-PE	1967
Botafogo-RJ	Fortaleza-CE	1968

Fonte: Adaptado de Fonseca (2014).

Para além do fator das conquistas, Fonseca (2014) chama atenção para uma maior comodidade e privilégio em relação à aplicação do regulamento do torneio para os “times do eixo” em detrimento dos times do Nordeste. O autor cita (p.178) que tal benefício ao time “mais forte” - atribuído pela própria CBD - proporcionava discrepâncias severas no número de partidas que eram realizadas por diferentes clubes, como por exemplo:

O Bahia, em 1959, disputou quatorze partidas e o seu rival na final fez apenas cinco: Santos, campeão. O Fortaleza, em 1960, disputou dez jogos enquanto o campeão Palmeiras realizou quatro. Para atingir as semifinais em 1964, o Ceará cumpriu onze jogos ao passo que o Palmeiras jogou apenas duas vezes [...] o que se deve questionar, com veemência, é o ingresso de clubes de São Paulo e de Rio de Janeiro em fases já decisivas: entravam apenas para decidir. Evidentemente que a definição do time mais forte era feita pela Confederação Brasileira de Desportos — CBD — e, principalmente no caso do Santos, este menor número de partidas devia-se também ao fato das inúmeras excursões do time praiano ao exterior, para a disputa de amistosos internacionais: era o efeito Pelé, ajudando no faturamento do seu clube e no peso político junto à CBD, já que era óbvio o interesse da entidade em manter um bom relacionamento com o time do principal jogador da Seleção Brasileira. Mas essas são justificativas ou explicações que não convencem, pois são exteriores à própria competição e, sobretudo, favorecedoras do clube de Santos.

Em 1967, outra competição nacional nascia oriundo de um torneio interestadual disputado por times do Rio de Janeiro e São Paulo: Torneio Rio-São Paulo. O Torneio

Roberto Gomes Pedrosa⁶ foi ampliado para âmbito nacional, popularmente conhecido como “Robertão” (1967-1970)⁷. A partir da segunda edição, o torneio Robertão passou a ser chamado de Taça de Prata. O sucesso desta competição representou um marco para a criação do Campeonato Brasileiro em 1971. Mais uma vez, tal como o regulamento da Taça Brasil, os clubes paulistas e cariocas são privilegiados neste torneio em detrimento dos demais, baseando-se na mesma concepção de que o nível das competições e dos clubes destas duas cidades eram mais elevados do que daqueles. (FONSECA, 2014).

QUADRO 6 - CAMPEÕES E VICES DO ROBERTÃO (1967-1970)		
Campeão	Vice	Ano
Palmeiras-SP	Internacional-RS	1967
Santos-SP	Internacional-RS	1968
Palmeiras-SP	Cruzeiro-MG	1969
Fluminense-RJ	Palmeiras-SP	1970

Fonte: Adaptado de Fonseca (2014).

Outra vez, nota-se o domínio dos times do centro Sul e Sudeste brasileiro refletindo-se no fato de que todos os campeões e vices são destas regiões.

A Taça Brasil e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa são torneios oficiais cujos campeões são reconhecidos pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) por diferentes critérios, através da resolução da presidência da CBF - RDP nº. 03/2010 - que dispõe sobre o reconhecimento de campeões nacionais a partir de 1959.⁸

⁶ Em 1967, no bojo de uma conjuntura política repressiva e de plena manipulação do sentimento patriótico por meio do futebol, o governo federal, que já começava a financiar parcialmente a construção de grandes estádios, promoveu um torneio que seria o embrião do futuro campeonato nacional. Foram reunidos inicialmente 15 clubes, de cinco cidades concentradas na região centro-sul. (MASCARENHAS, 2014).

⁷ Vale frisar que o campeonato denominado Roberto Gomes Pedrosa, o “Robertão”, foi um, de 1950 a 1966, e outro, de 1967 até 1970. No primeiro caso, contava apenas com times do Rio/SP. Porém, para oficializar tal competição como “nacional”, faltava a participação de clubes de outros estados. Assim, o Torneio Roberto Gomes Pedrosa foi ampliado como forma de conceder um ar “nacional” para um torneio que já era valorizado como tal, passando a ser chamado popularmente de “Robertão” (1967-1970) passando agora a ter clubes do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraná. Os times do Nordeste seriam incluídos apenas a partir de 1968, mas limitados aos representantes da Bahia e de Pernambuco.

⁸ A resolução da presidência da CBF - RDP nº. 03/2010 - vai considerar os seguintes fatores para a unificação dos títulos nacionais conquistados a partir de 1959. Seu texto diz: “CONSIDERANDO a reivindicação que desde 2009 é manifestada por diversos clubes, no sentido de ser formalizada a chamada “Unificação dos Títulos Brasileiros de Clubes” a partir de 1959; CONSIDERANDO que, efetivamente, entre 1959 e 1970 foram

MAPA 2 - ESTADOS COM CLUBES CAMPEÕES NACIONAIS DA TAÇA BRASIL E ROBERTÃO (1959-1970).



Fonte: Ítalo Carvalho e Moisés Filho, 2023.

Como pode ser observado no mapa acima, com exceção do Bahia Esporte Clube, em 1959 - único clube representante da região Nordeste - apenas representantes da região Sudeste (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro) se sagraram campeões destes torneios embrionários daquilo que se tornaria o Campeonato Nacional de Clubes em 1971.

realizadas importantes competições nacionais, sob as denominações de Taça Brasil, de 1959 a 1968, e Torneio Roberto Gomes Pedrosa / Taça de Prata, de 1967 a 1970; CONSIDERANDO que o Brasil passou a ter campeonatos nacionais regulares e ininterruptos a partir de 1959, com a primeira edição da Taça Brasil, disputada até 1968; CONSIDERANDO que, em dez edições (1959/1968), a Taça Brasil teve no mínimo 16 clubes participantes (1959) e no máximo 22 (1964, 65 e 66), com uma média de 20,3 clubes por competição; CONSIDERANDO que a Taça Brasil foi sucedida pela Taça de Prata, que se tornou, nos anos de 1969 e 1970, a única competição nacional de futebol que reuniu os melhores times do País; CONSIDERANDO que esses certames alcançaram grande repercussão entre os aficionados do esporte e nos meios de comunicação de massa, pela excelência e alto nível técnico das partidas; CONSIDERANDO que dos jogos correspondentes à essas competições participaram atletas consagrados por seu talento e que em razão de sua qualidade técnica integraram as Seleções Nacionais do Brasil que disputaram as Copas Mundiais de 1958, 1962 e 1970, sagrando-se campeões mundiais; CONSIDERANDO que clubes vencedores da Taça Brasil e da Taça de Prata foram indicados como representantes brasileiros para participar da Copa Libertadores da América; RESOLVE: Art. 1º - Ficam reconhecidos como Campeões Brasileiros os clubes que venceram a disputa pela Taça Brasil de 1959 a 1968 e pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa / Taça de Prata entre 1967 e 1970.

Vale frisar que a Taça Brasil foi uma competição na qual clubes nordestinos fizeram excelentes campanhas. Não apenas o Bahia que se sagrou campeão na primeira edição, sendo Vice-campeão em 1961 e 1963, mas também clubes como o Fortaleza Esporte Clube em 1960 e 1968) e o Clube Náutico Capibaribe (em 1967). Nas três edições do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, na qual representantes pernambucanos e baianos, a partir de 1968, puderam participar, estes não foram capazes de sobrepujar seus adversários sulistas e sudestinos.

Tais competições lançaram as bases para o Campeonato Brasileiro de futebol que passa a ser realizado efetivamente a partir de 1971⁹. Desde então, diversos regulamentos diferentes marcaram a competição que contou com variados números de agremiações ao longo dos anos. Seu início, a partir de 1971, auge da ditadura militar no Brasil, deixou claro que o futebol seria um instrumento usado por estes para a perspectiva de integração nacional - integração esta concentrada no poderio econômico, político e futebolístico de determinados centros.

Como aponta Mascarenhas (2014) o regime ditatorial militar, por meio de manobras político-partidárias, sempre alinhados com os presidentes da entidade nacional de futebol, permitia que diversos clubes ingressassem no certame nacional por mero capricho político, desconsiderando assim critérios técnicos. Tal fato foi salientado pelo referido (2014, p. 155), ao ressaltar que “tornou-se notório, na época, o ditado: ‘Onde a ARENA vai mal, mais um clube no [campeonato] nacional’”. Dessa forma, por meio do futebol buscava-se angariar apoio popular para o governo - o que apresenta, de certa forma - o potencial alienador do esporte. Assim, como ressalta o autor (p.151):

O aumento de clubes a cada edição foi uma constante na segunda metade da década de 1970: eram 54 clubes em 1976, 62 no seguinte e 74 em 1978. Quando parecia esgotada qualquer possibilidade de seguir em expansão o número de competidores, o governo anunciou para 1979 o recorde de 94 equipes em disputa. Nesse contexto de inclusão generalizada, de forma inédita em muitos casos, puderam participar do certame cidades com escassa expressão futebolística (ou de nível inferior de inserção na rede urbana), como Itumbiara (GO), Colatina (ES), Itabaiana (SE), Poços de Caldas (MG), Novo Hamburgo (RS) e Chapecó (SC).

Esse gigantismo do número de participantes receberá uma profusão de críticas e juízos negativos - menor média de público nos estádios, pressões dos clubes em razão da logística para disputa de tantos jogos, entre outros - levando, assim, a partir de 1980, a competição

⁹ Diferentes nomes para esta competição nacional marca esse período, são eles: Campeonato Nacional de Clubes (1971-1974); Copa Brasil (1975 a 1979); Taça de Ouro e Copa Brasil (1980-1986 e 1988); Copa União (1987); Campeonato Brasileiro (1989-1999); Copa João Havelange (2000); Campeonato Brasileiro (2001-2002); Campeonato Brasileiro - Série A, com a adoção dos pontos corridos (2003 até os dias atuais).

nacional a reduzir o número de participantes - passando agora a 40 clubes na primeira divisão e, também, contando com a criação de outras divisões inferiores. (MASCARENHAS, 2014).

A lógica de favorecimento dos clubes do centro Sul-Sudeste permanece vigente. A partir de 1981, o critério “técnico” utilizado para definições dos clubes que jogariam na elite do futebol brasileiro passou a ser a dos campeões estaduais. Porém, a atribuição de valores distintos para participações dos clubes de diferentes estados ditavam as contradições, afinal, seis vagas eram destinadas para os clubes paulistas; cinco, para os clubes cariocas; os gaúchos, paranaenses, mineiros, goianos, pernambucanos, cearenses e baianos ficavam com duas vagas cada; os demais estados, ficaram com uma vaga. (MASCARENHAS, 2014).

Giullya Franco (2023) destaca que a década perdida de 1980, período que o Brasil padece de uma forte crise econômica, afetou muitos clubes e federações. Dessa forma, a pressionada CBF anunciou, em 1987, um retorno do Campeonato Brasileiro de futebol aos moldes da Taça Brasil, com jogos regionalizados, visto que a confederação não conseguiria manter um campeonato nacional. Todavia, os treze clubes mais fortes econômica e politicamente - nasce o clube dos 13¹⁰ - rejeitaram a ideia da CBF e criaram o próprio campeonato, a saber, a Copa União.

De acordo com Antonio Junior, Viviane Salazar e Marcos Feitosa (2014, p.106), que observaram a relação existente entre a participação do time no Clube dos 13 e o número de títulos estaduais de futebol conquistados, juntamente com evolução do número de torcedores, este grupo foi criado “com o objetivo não só de defender os interesses do futebol brasileiro, mas também de tornar os jogos de futebol um espetáculo ainda maior para o público, e consequentemente mais rentável para os clubes.”

A polêmica Copa União de 1987, definida em conjunto entre clube dos 13 e CBF, definiu que o torneio seria o Módulo Verde da Copa Brasil, enquanto a CBF organizaria o Módulo Amarelo - os campeões e vice-campeões de cada módulo se enfrentariam em um quadrangular final para definição do campeão brasileiro. O Flamengo e o Internacional foram,

¹⁰ Fundado em julho de 1987 para defender os interesses políticos e comerciais das maiores agremiações do futebol nacional, são elas: Corinthians-SP, São Paulo-SP, Palmeiras-SP, Santos-SP, Flamengo-RJ, Vasco-RJ, Fluminense-RJ, Botafogo-RJ, Grêmio-RS, Internacional-RS, Cruzeiro-MG, Atlético-MG e Bahia-BA. O Clube dos 13 assumiu a responsabilidade pela organização do Campeonato Brasileiro daquele ano, já que a CBF (até então presidida por Octávio Pinto Guimarães) passava por sérios problemas financeiros e administrativos. Surgiu assim a Copa União, disputada entre os times mais populares do País, o que diminuiria, em tese, os prejuízos dos anos anteriores. Em 1997, mais três clubes se juntaram aos fundadores, eles foram: Coritiba/PR, Goiás/GO e Sport/PE. Por fim, em 1999, mais quatro clubes também se aliaram à entidade: Atlético/ PR, Guarani/SP, Portuguesa/SP e Vitória/BA, completando o grupo dos 20 clubes que faziam parte da elite do futebol brasileiro. (JUNIOR, SALAZAR E FEITOSA, 2014).

respectivamente, campeão e vice-campeão da Copa União - módulo verde - todavia, negaram-se a disputar os jogos restantes contra Sport e o Guarani - vencedores do módulo amarelo. A questão foi parar na justiça comum - já tratada anteriormente - visto que o já extinto órgão do Conselho Nacional de Desportos (CND) - responsável pela regulamentação de todos os esportes, federações e confederações - considerou o Flamengo como o campeão brasileiro de 1987; por sua vez, a CBF considerou o Sport. Em 1988, a divisão entre Clube dos 13 e CBF terminou, e a Copa Brasil foi disputada com 24 equipes, com sistema de acesso e rebaixamento para atender às exigências da FIFA. (FRANCO, 2023).

De 1989 em diante, o Campeonato Brasileiro passou a “enxugar” ainda mais o número de participantes, fazendo com que clubes menos expressivos deixassem de participar da elite do futebol brasileiro. Data dessa época a Copa do Brasil (1989) como forma de evitar a extinção de diversos clubes pequenos, já que tal torneio poderia contar com clubes de todas os Estados da Federação, proporcionando uma espécie de “democracia falaciosa”.

Um novo formato para o rebaixamento é adotado no Brasileirão a partir de 1998-1999, a saber, a queda de quatro clubes com a menor média de pontuação nestas duas edições para a segunda divisão. Parecia que, enfim, o Campeonato Brasileiro de futebol caminharia para uma estabilidade de suas regras, no entanto, a descoberta, na primeira fase da competição, que o atacante Sandro Hiroshi, jogador do São Paulo, estava registrado de forma irregular, levou a CBF a punir o clube anulando os dois jogos em que o atleta participou contra o Internacional-RS e Botafogo-RJ. Como resultado disso tudo, o Internacional-RS e Botafogo-RJ ganharam os pontos da partida, que fizeram contra o clube paulista, levando assim o Gama ao rebaixamento¹¹. O clube da capital federal acionou a justiça comum processando a CBF, que ficou impedida de organizar o torneio em 2000, abrindo espaço para o retorno do clube dos 13 a organização do campeonato nacional por intermédio da Copa João Havelange.

¹¹ O passe do atacante foi bloqueado por irregularidades na transferência entre seus dois clubes anteriores, o Tocantinópolis e o Rio Branco-SP. Entretanto, o tricolor paulista acabou escalando o jogador em dois confrontos enquanto o bloqueio estava vigente, contra Botafogo e Internacional. Os dois clubes estavam envolvidos na luta contra o rebaixamento, e acionaram o STJD alegando que o atleta teria sido escalado de forma irregular. A Justiça Desportiva deu ganho de causa a ambos, transferindo os três pontos do jogo ao Botafogo (que tinha sido derrotado), e dois ao Internacional (tinha empatado a sua partida). Todavia, o Gama, que foi rebaixado em virtude disso, foi à justiça e obteve resultado favorável, afinal, os tribunais adotaram uma visão diferente da Justiça Desportiva e deram ganho de causa ao clube do Distrito Federal, determinando sua manutenção na Série A, com pena de impedimento de prosseguimento do campeonato caso o Gama não estivesse inserido. (UOL Esportes, 2020).

A Copa João Havelange seguiu alguns fundamentos: i) Reuniu 116 clubes - maior número de participantes em toda a história do Brasileirão; ii) Os clubes foram divididos nos módulos Azul, Amarelo, Verde e Branco¹²; iii) Na fase final, times dos quatro módulos tinham chance de ficar com o título, com 12 classificados do módulo azul, 3 do Amarelo e 1 do Verde e Branco classificados para o grande mata-mata. A final foi entre Vasco, do Módulo Azul, e São Caetano¹³, do Módulo Amarelo, com o time carioca consagrando-se como o campeão em uma final marcada por polêmicas e, até mesmo, pelo desabamento do alambrado do estádio São Januário.

Como todos os certames nacionais aqui relatados, a Copa João Havelange de 2000 também se apresentou como instrumento de beneficiação dos “times grandes”, ou seja, neste caso daqueles que compunham o clube dos 13. A começar com o caso do Fluminense-RJ, que tinha disputado a Série C do Brasileirão em 1999 e obtido o acesso à segunda divisão, mas foi incluído no Módulo Azul da nova competição, onde estava a elite do futebol brasileiro, sem ter que passar pela segunda divisão. Da mesma forma, outro membro fundador da referida instituição, o Bahia-BA que não obteve acesso a primeira divisão em 1999 foi direcionado para o mesmo módulo.

Havia, dessa forma, uma clara intenção de privilegiar os “clubes grandes”. Nas palavras de Eurico Miranda, presidente do Vasco da Gama e um dos patronos do torneio, “Os clubes grandes do Brasil têm de ser preservados, pois têm 100 anos de tradição. Vamos trabalhar para que os fundadores do Clube dos 13 estejam livres de qualquer regra de rebaixamento.”

Pode parecer que o beneficiamento de um time do Nordeste, a saber, do Bahia - membro fundador do clube dos 13, denominados de gigantes do futebol brasileiro - poderia de certa forma ir de encontro a nossa lógica de beneficiamento histórico da centralidade Sul-Sudeste. No entanto, aqui é importante ressaltar a visão simbólica cristalizada no

¹² 25 times formavam o módulo azul, são eles: os 18 remanescentes da Série A do ano anterior, dois clubes que subiram da Série B, o Botafogo, que foi mantido na elite por decisão do STJD, o Gama, que conseguiu na justiça o direito de participar, e mais três clubes como convidados. O módulo Amarelo tinha 36 clubes, sendo 15 que jogariam originalmente a Série B e mais 21 convidados. O módulo Verde tinha 28 clubes que jogariam a Série C das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O módulo Branco, 27 clubes que jogariam a Série C das regiões Sul e Sudeste. (UOL Esportes, 2020).

¹³ A Copa João Havelange trouxe o São Caetano, o Azulão, como um dos grandes trunfos da competição. O pequeno clube do ABC Paulista, com apenas 10 anos de existência, era formado por Sílvio Luiz; Japinha, Daniel, Serginho e César, na defesa; Meio campo com Adãozinho, Claudécir, Aílton e Esquerdinha; no ataque tinha Adhemar e Wágner, sob o comando de Jair Picerni. O São Caetano foi finalista do Módulo Amarelo, e com isso se classificou para a fase final, de mata-mata, da competição, onde fez história eliminando, em sequência, Fluminense, Palmeiras e Grêmio, para fazer a final com o Vasco. (UOL Esportes, 2020).

imaginário de torcedores de outros estados de que os “clubes do eixo” teriam uma tendência de envolvimento em episódios de “tapetão” em prejuízo de “clubes menores”.¹⁴

Em 2003, depois de mais de 40 anos de estabilidades, polêmicas, contestações dos diferentes campeonatos brasileiros, surge então o modelo que seria adotado até os dias atuais, nascia aí o critério dos pontos corridos. Três anos depois, é a vez da Série B adotar o critério de pontos corridos em 2006.

De 1971 a 2022, 50 edições desta competição pertencem a clubes do centro Sul/Sudeste. Apenas por duas vezes - Sport (1987) e Bahia (1988) - o título sai dessas regiões. Um controle, domínio, poderio avassalador. O quadro abaixo apresenta a distribuição dos campeões nacionais por estado durante esse período.

QUADRO 7 - ORDENAÇÃO DE TÍTULOS DO CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A POR ESTADO (1971-2022)	
Estado	Número de Títulos
São Paulo	23
Rio de Janeiro	15
Rio Grande do Sul	05
Minas Gerais	05
Paraná	02
Bahia	01
Pernambuco	01

Fonte: Adaptado de Fonseca (2014); Campeões do Futebol (2022).

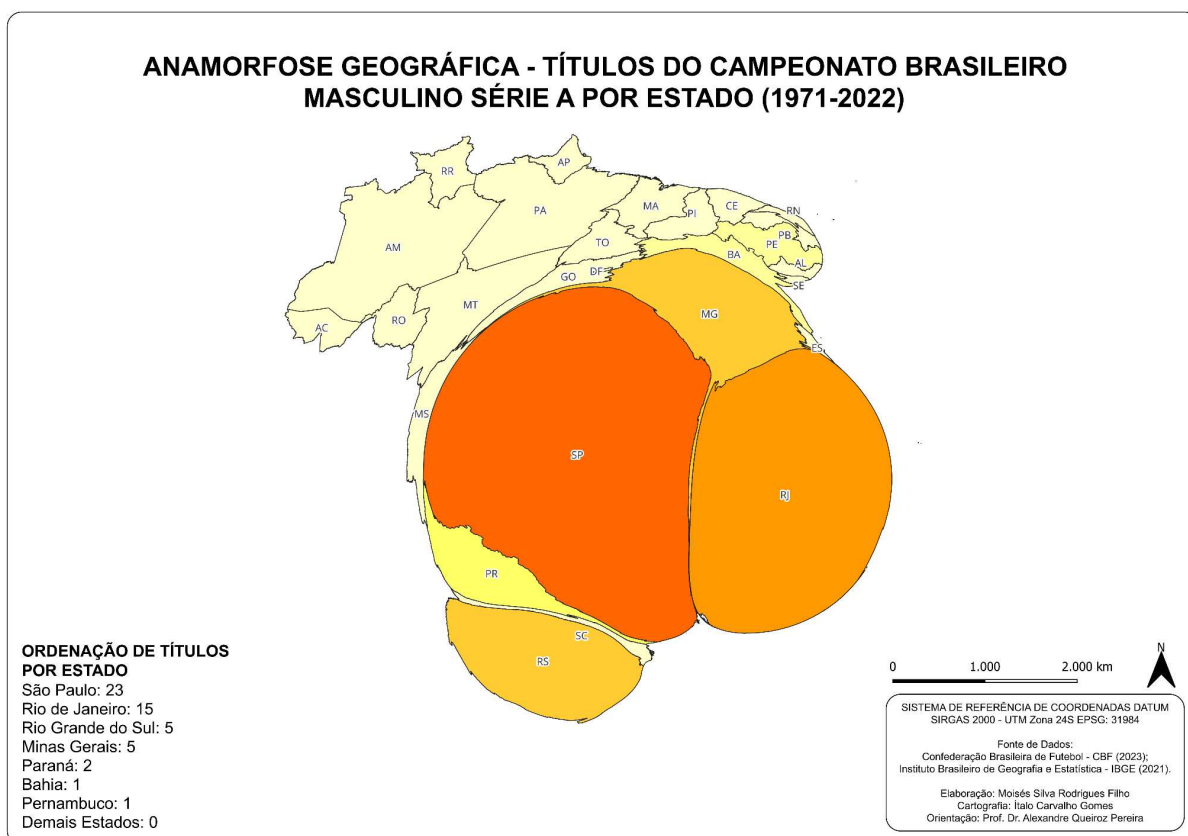
Os estados de São Paulo (23) e Rio de Janeiro (15) foram os que mais venceram o Campeonato Brasileiro de futebol (1971-2022). Tal fato reforça ainda mais o poderio desses clubes em relação aos das outras Unidades da Federação. O poderio é marcante inclusive entre os demais clubes do Sudeste - Minas Gerais (5) - e do Sul - Rio Grande do Sul (5) e Paraná (2). Os títulos nacionais vigentes da primeira divisão na Região Nordeste pertencem à

¹⁴ Tal imaginário tão solidificado retornou anos mais tarde no caso do jogador Héverton da Portuguesa, em 2013, no qual a Portuguesa foi rebaixada, beneficiando Flamengo e Fluminense em uma guerra de ações na Justiça Desportiva e na Justiça Comum. (Globo Esporte, 2017).

Bahia (1) e Pernambuco (1). Logo, percebe-se a acentuada disparidade nacional representada por meio de títulos nacionais.

Se os clubes do Nordeste caracterizam-se por conquistarem, em regra, títulos dos campeonatos estaduais, regionais e, em alguns casos, campeonatos nacionais das divisões mais inferiores do futebol brasileiro, estes clubes, clubes da “centralidade”, “times do eixo”, “clubes de fora”, são aqueles que historicamente se caracterizaram como os maiores protagonistas do futebol nacional. Títulos e mais títulos. Maior exposição de suas “marcas”. Maior exposição de seus feitos aos olhos do público em geral. Dessa forma, para ser um “vencedor” futebolístico em maior profusão, obter maior reconhecimento, tais clubes são os que mais tendem a oferecer este destaque. Confira o mapa abaixo.

MAPA 3 - CAMPEÕES DA SÉRIE A POR ESTADO (1971-2022).



Fonte: Adaptado de Fonseca (2014); Campeões do Futebol (2022).

Elaboração: Ítalo Carvalho e Moisés Filho, 2023.

Diante de todos esses fatos mencionados a partir de uma leitura do Campeonato Brasileiro de Futebol, observou-se por meio de um sucinto panorama destes o quanto os

clubes do Sul e Sudeste exercem domínio no cenário futebolístico nacional. Domínio este pautado em privilégios, benefícios e regalias que os constituem como os “Donos da bola”. Se o imponderável do futebol faz com que ele se torne “uma caixinha de surpresas”, observa-se que a consolidação dos times destas centralidades não é de fato nenhum assombro e estranheza, mas sim um marco historicamente construído e constituído.

5.3 Uma análise dos participantes por região da série A, B, C e D do campeonato brasileiro (2013-2023)

De onde são os clubes que participaram e participam das diferentes divisões do Campeonato Brasileiro? De onde são aqueles que possuem cadeira cativa na elite do futebol brasileiro? Neste tópico, visa-se, a partir de uma série histórica de 10 anos (2013-2023), demonstrar a estrutura viciada da competição nacional, na qual os times do Sul e Sudeste estão fixados na elite do futebol brasileiro em maior número, enquanto os times de outras regiões brigam ano após ano para se inserirem neste espaço marcado pelo domínio daqueles. Para tanto, acredita-se que a exposição dos dados em tabelas e em mapas anamórficos que, por sua vez, serão gerados a partir da média do número de participantes coletadas e catalogados durante o período mencionado, otimizará a observação do leitor.

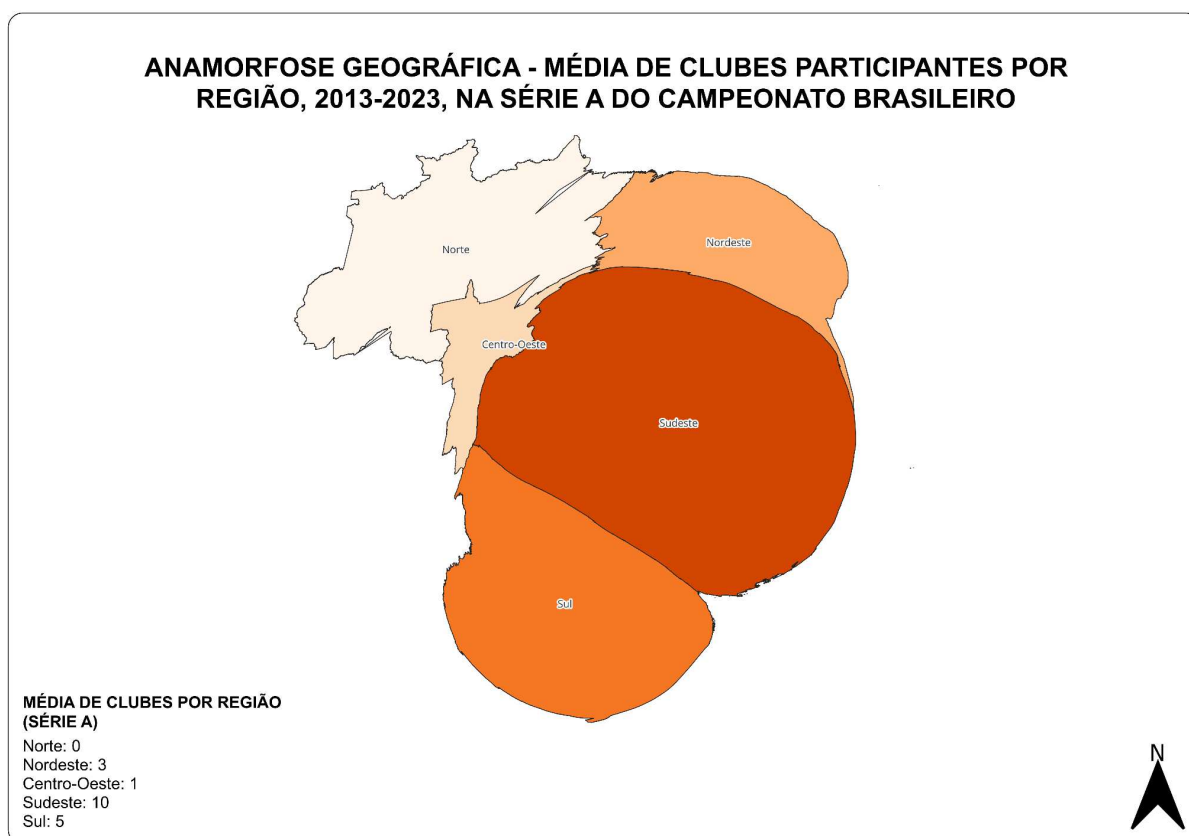
TABELA 5 - NÚMERO DE CLUBES PARTICIPANTES POR REGIÃO NA SÉRIE A DO CAMPEONATO BRASILEIRO (2013-2023).											
	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Norte	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Nordeste	3	3	1	3	3	4	4	4	4	2	2
Centro-Oeste	1	1	1	0	1	0	1	2	2	3	2
Sudeste	11	9	10	11	11	11	10	10	9	10	12
Sul	5	7	8	6	5	5	5	4	5	5	4

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol / Elaboração: Autoria própria, 2023.

Na primeira divisão do futebol brasileiro, os clubes do Sudeste são os que por mais vezes participaram, possuindo o mínimo de 9 participantes nas edições de 2014 e 2021 e o

máximo na atual edição de 2023 com 12 times, além de regularmente possuir de 10-11 representantes. Na sequência, vem os clubes do Sul que, por mais que venham diminuindo o número de participantes nos últimos anos - apenas 04 times em 2020 e 2023 -, ainda se mantêm firmados com uma boa base na disputa. O Nordeste passou por bons anos (2018-2021) com 04 times representando o máximo de acréscimo, todavia, as últimas duas edições do torneio (2022-2023) culminou em um novo decréscimo de participantes, com apenas 02. No Centro-Oeste, verifica-se que suas agremiações têm buscado um protagonismo maior, com o ano de 2022 representando o apogeu com 3 clubes; a região Norte não possui nenhum clube na elite do futebol brasileiro no período em questão.

MAPA 4 - MÉDIA DE REPRESENTANTES POR REGIÃO NA SÉRIE A (2013-2023)¹⁵



Fonte: Ítalo Carvalho e Moisés Filho, 2023.

¹⁵ Nota-se que a Região Norte, mesmo apresentando nenhum representante na primeira divisão do Campeonato Brasileiro, mantém sua forma preservada quando se compara com as outras divisões. Isso se explica justamente pelo fato de que o complemento cartogram3, do QGIS, criar distorções de área com base nos números médios de clubes utilizando os parâmetros “max. number of iterations: 10” e “max. average error: 10,00%”. Dessa forma, como a referida região não contou com representantes durante o período observado, logo não apresentará deformações em sua estrutura vetorial.

Já na segunda divisão, observou-se ainda a maior incidência de clubes do Sudeste - alguns ditos “grandes” que caíam de divisão, e outros de menor expressão regional - seguidos dos times do Nordeste e Sul que, no que lhes competem, acirram-se constantemente no quantitativos de representantes (em algumas edições um possuem mais participantes do que outros); com os representantes do Centro-Oeste na sequência e, por fim, com o envolvimento, em algumas edições, de apenas 1 clube da região Norte. Conferir tabela abaixo.

TABELA 6 - NÚMERO DE CLUBES PARTICIPANTES POR REGIÃO NA SÉRIE B DO CAMPEONATO BRASILEIRO (2013-2023).											
	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Norte	1	0	1	1	1	1	0	0	1	0	0
Nordeste	6	7	8	5	5	4	3	6	6	6	6
Centro-Oeste	1	3	2	4	3	3	3	1	2	1	2
Sudeste	7	7	7	4	4	5	7	6	5	7	7
Sul	5	3	2	6	7	7	7	7	6	6	5

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol / Elaboração: Autoria própria, 2023.

Como evidenciado, até na segunda divisão os times do Sudeste figuram-se como os detentores de maior destaque, só que agora seguido mais de perto pelas agremiações do Sul e do Nordeste. As equipes sudestinas regularmente apresentam 7 times, com o mínimo de 4 nas edições de 2016 e 2017.

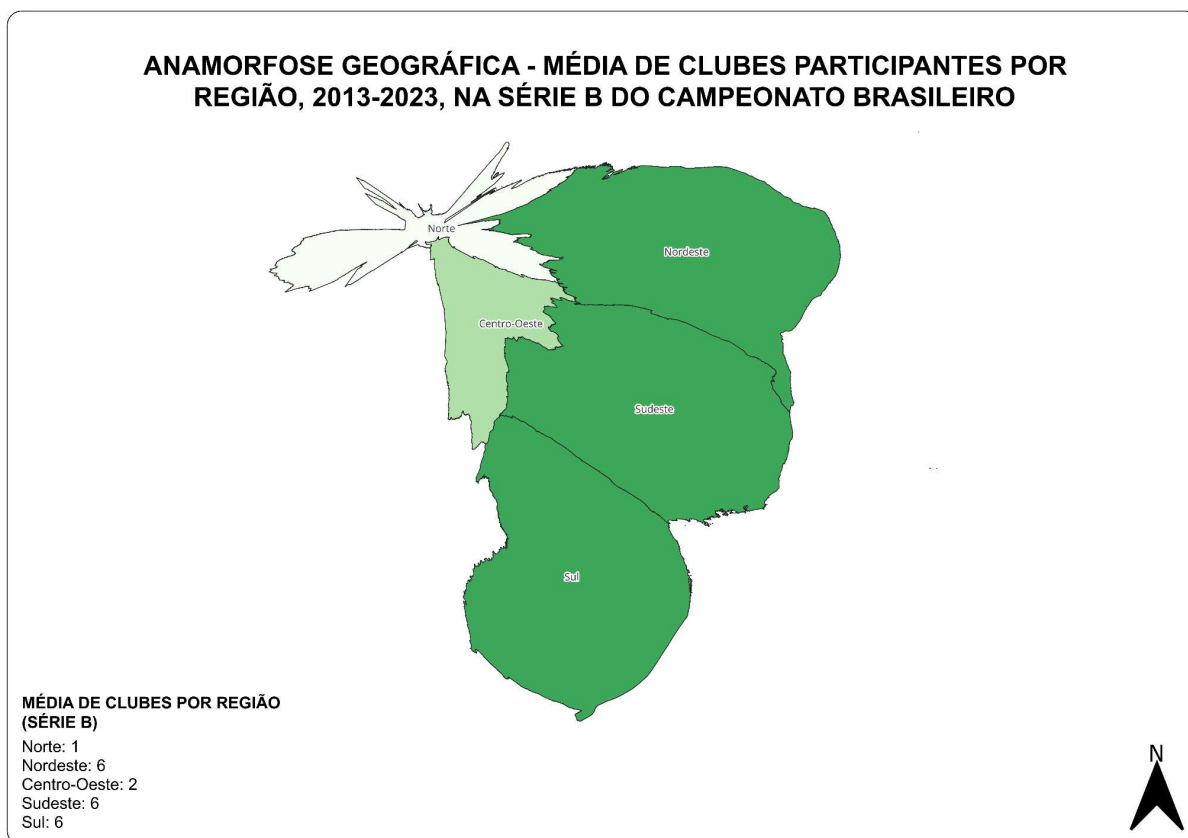
Já no Sul, tem-se um número de 7 times neste certame de modo mais constante e, no ano de 2015, ano este que tal região obteve o recorde de participantes na primeira divisão, com 8 clubes, a região foi representada na segunda divisão por apenas 2 equipes.

No Nordeste, concentram-se 6 representantes de modo mais regular, com mínimo de apenas 3 em 2019, todavia também já contou com até 8 clubes em 2015. Tal como na Série C, aqui nesta divisão vê-se a incidência de tradicionais clubes do Nordeste, como por exemplo o Sport-PE.

A região Centro-Oeste aqui possui mais destaque, vindo atrás com um número regular de 3 representantes, contando com o máximo de 4 agremiações em 2016. A região Norte

encontra a partir desta divisão a indicação de 1 participante, todavia não são em todas as edições - 2014, 2019, 2020, 2022 e 2023 foi marcado pela ausência de representantes desta região.

MAPA 5 - MÉDIA DE REPRESENTANTES POR REGIÃO NA SÉRIE B (2013-2023)



Fonte: Ítalo Carvalho e Moisés Filho, 2023.

É na terceira divisão que observa-se uma certa descontinuidade do predomínio e supremacia do Sudeste, afinal, na Série C do Campeonato Brasileiro os clubes do Nordeste participaram mais em média. Todavia, tal ruptura não é tão acentuada como se imagina, uma vez que os clubes do Sudeste ainda se encontram em grande número, podendo, inclusive, em algumas edições, possuir mais participantes. A região Sul vem logo atrás, agora, com um menor número de participantes em detrimento das outras divisões. Na Série C, a região Centro-Oeste possui um valor bem diminuto de participantes, uma vez que os principais times do Centro-Oeste vêm figurando por mais vezes na Série A e B do Brasileirão, e soma-se a isso o fato de que clubes pequenos desta região estão inserido na Série D, não conseguindo

acesso à Terceira divisão. A Região Norte aqui detém um número maior de clubes participantes. Observe a tabela abaixo.

TABELA 7 - NÚMERO DE CLUBES PARTICIPANTES POR REGIÃO NA SÉRIE C DO CAMPEONATO BRASILEIRO (2013-2023).¹⁶											
	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Norte	2	2	1	1	1	2	3	3	2	3	4
Nordeste	6	6	7	8	8	8	10	6	6	9	7
Centro-Oeste	5	2	2	1	1	2	1	1	0	1	1
Sudeste	7	8	6	8	8	5	3	5	7	3	3
Sul	1	2	4	2	2	3	3	5	5	4	5

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol / Elaboração: Autoria própria, 2023.

A região Nordeste, na Série C, em média, possui mais representantes (média de 7 clubes) com a presença de 6 clubes de modo mais regular, representando também o menor número de participantes. O predomínio nesta divisão foi marcado pela presença constante de clubes tradicionais do Nordeste. Clubes como o Fortaleza-CE, que passou 8 anos na Série C, inseriram-se de modo prolongado neste certame. Em 2019, 10 foram as equipes nordestinas.

O Sudeste vem logo atrás com uma média de 6 participantes neste período. Nos anos iniciais, tal região possuía mais agremiações (2013-2017), todavia, os últimos anos têm sido marcados pela elevação de times de menor expressão do interior desta região, principalmente do interior de São Paulo, com os acessos à segunda divisão. É o caso do Guarani-SP, Mirassol-SP, Botafogo-SP, Ituano-SP, Novorizontino-SP, Macaé-RJ, Tombense-MG, entre outros.

Como visto anteriormente, o ano de 2013, na Série A e B, foi marcado pela presença de 5 representantes da região Sul em ambas competições. Em detrimento também disto, tal ano na Série C contou com apenas 1 representante, a saber, o Caxias do Rio Grande do Sul - menor número observado dentro do período proposto. 10 anos depois, em 2023, edição que

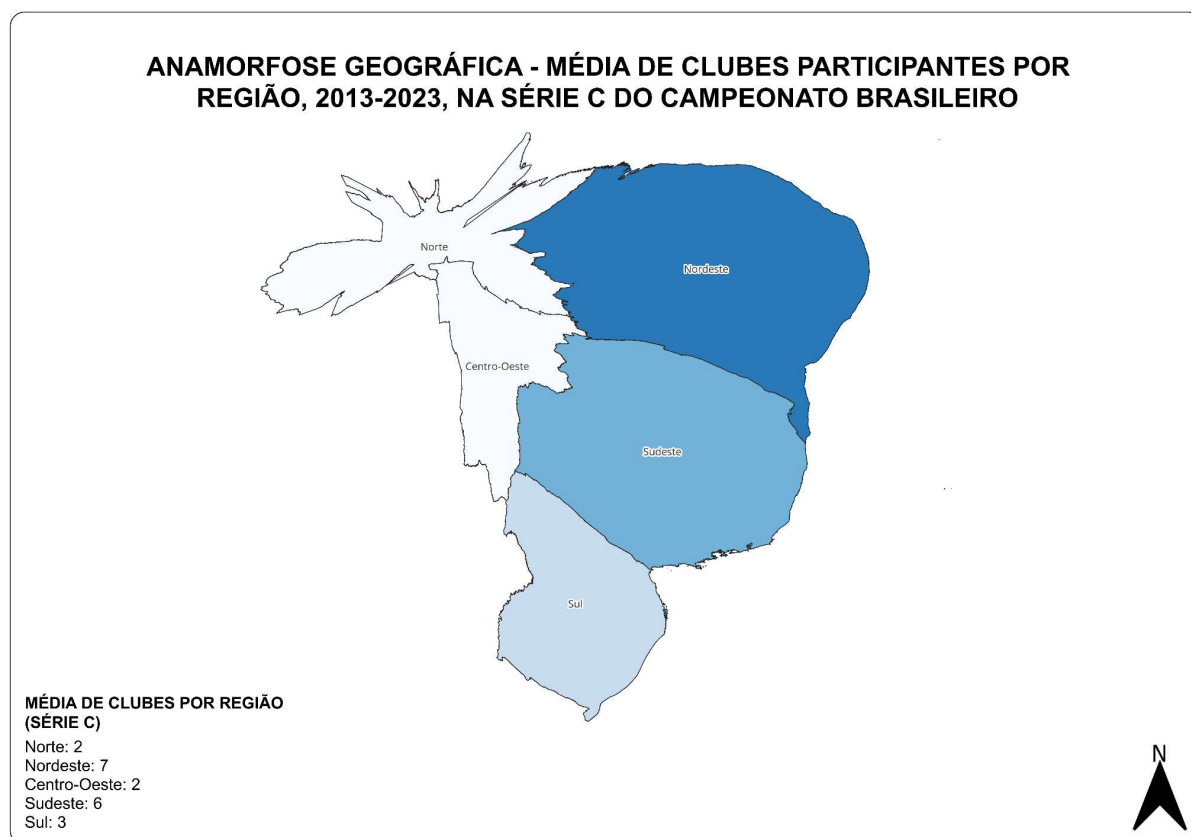
¹⁶ Nota sobre a terceira divisão do campeonato brasileiro durante esse período: i) *A Série C de 2013 contou com 21 clubes. Diferente dos outros anos, que inseriu apenas 20 clubes no certame.*

contém um dos maiores números de representantes, vê-se a incidência de novos clubes que buscam maiores protagonismo; é o caso do São José-RS e o Ypiranga-RS - e também de times como o Operário-PR, que buscam o retorno à Série B.

Tal como o Sudeste, que possui mais representantes nos anos iniciais, na qual foi observado e menos nos anos finais, assim são os clubes do Centro-Oeste que, na maioria dos anos, possuiu apenas 1 participante neste certame, chegando até mesmo a não ter nenhum representante em 2021. Seus principais times, como Goiás-GO, Vila Nova-GO, Atlético-GO, Cuiabá, etc., vêm figurando nas principais divisões do campeonato nacional, isso explica o baixo número.

A região Norte vem conquistando mais espaço a partir desta competição, haja visto o número de participantes que só cresce durante esse período, chegando a marca de 4 clubes na atual edição de 2023 com os ascendentes Amazonas-AM e Manaus-AM - oriundo da quarta divisão - e os tradicionais Remo-PA e Paysandu-PA.

MAPA 6 - MÉDIA DE REPRESENTANTES POR REGIÃO NA SÉRIE C (2013-2023)



Fonte: Ítalo Carvalho e Moisés Filho, 2023.

Para concluir, tem-se, enfim, o Campeonato Brasileiro “mais democrático”, a saber, a Série D. O grande número de participantes da competição garante uma abrangência maior de clubes por todas as regiões do Brasil - ao longo das edições deste torneio diversos regulamentos foram inseridos com alterações do número de clubes. A atual edição¹⁷, por exemplo, conta com 64 participantes. Na Série D, ocorre uma regularidade maior de equipes na disputa em comparação com as outras divisões. Isso se explica em razão da forma de ingresso das equipes.

O ingresso de um clube na Série D obedece o *Ranking* Nacional de Federações da CBF (RNF). Ele funciona da seguinte maneira: As 27 federações estaduais de futebol no Brasil são ranqueadas levando em conta as competições realizadas nos últimos 5 anos - uma espécie de *ranking* dinâmico -, tendo cada ano um peso diferente na pontuação¹⁸. Dessa forma, quanto mais times o estado tem disputando os campeonatos de elite, tais como o Brasileirão Série A, Copa do Brasil, Libertadores, etc., e apresentando boas colocações nestes torneios, mais alta será sua posição no *ranking*.

Neste ponto do texto, o domínio dos times do Sudeste e do Sul já não é mais uma novidade. Portanto, nota-se que, desde a existência dessa maneira de sistematização de pontos em 2003, os seis primeiros colocados se mantiveram inalterados, sendo eles: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. O contínuo crescimento do Fortaleza-CE e do Ceará-CE no cenário nacional - muitos anos na elite do futebol brasileiro, Série A, e com excelentes campanhas neste torneio e também na Copa do Brasil; vagas para torneios internacionais, como a Sul-Americana e a Libertadores, entre outros - são fatores que impulsionaram a Federação Cearense de Futebol à sétima colocação em 2022.

¹⁷ A atual edição da quarta divisão do Campeonato Brasileiro (2023) aboliu o sistema de fase preliminar existente nas duas últimas edições. Na atual conjuntura da competição, existem 6 fases. A primeira fase é marcada pela divisão dos 64 clubes em 8 grupos, cada qual contando com 8 clubes, que disputam turno e retorno. Os quatro primeiros colocados de cada grupo classificam-se para a fase 2. Na segunda fase, o sistema “mata-mata”, eliminatório, é adotado, assim, os 32 clubes que avançaram são distribuídos de 2 em 2, em 16 subgrupos, que duelaram em jogos de ida e volta - o vencedor prossegue para a fase 3, o perdedor é eliminado da competição. Na terceira fase, os 16 clubes que avançam são novamente distribuídos em 8 grupos de 2 clubes/cada para a definição de quem avançará para a fase 4 - o “mata-mata” de acesso à terceira divisão. A quarta fase caracteriza-se pelo seu teor decisivo, afinal, aqueles que avançaram conseguirão uma vaga na Série C do próximo ano, mas, para isso, é necessário o embate entre as 8 equipes restantes, apresentadas em 4 grupos com dois times em cada. A quinta fase, semifinal, é marcada pelo confronto por duas vagas para a grande final da Série D entre os quatro times que subiram. A sexta e última fase é a final da Série D na qual o vencedor se sagrará campeão da competição. (GESTÃO DESPORTIVA, 2022).

¹⁸ Ano vigente = 5 pontos; ano imediatamente anterior = 4 pontos; ano anterior = 3 pontos; ano anterior = 2 pontos; ano anterior = 1 ponto. (GESTÃO DESPORTIVA, 2022).

As outras federações nordestinas encontram-se na nona posição (Bahia); décima posição (Pernambuco); décima primeira posição (Alagoas); décima quarta (Maranhão); décima quinta (Rio Grande do Norte); décima sexta (Paraíba), décima sétima (Sergipe); décima nona, representando a pior federação nordestina raqueada (Piauí).

Figura 7 - Ranking Nacional das Federações, 2022.



RNF – RANKING NACIONAL DAS FEDERAÇÕES 2022

Clas.	Fed.	Estado	Total	Diferença
1	SP	São Paulo	83.474	
2	RJ	Rio de Janeiro	50.473	33001
3	RS	Rio Grande do Sul	44.106	6367
4	MG	Minas Gerais	40.274	3832
5	PR	Paraná	34.359	5915
6	SC	Santa Catarina	27.581	6778
7	CE	Ceará	25.595	1986
8	GO	Goiás	22.900	2695
9	BA	Bahia	21.529	1371
10	PE	Pernambuco	16.738	4791
11	AL	Alagoas	12.762	3976
12	MT	Mato Grosso	10.891	1871
13	PA	Pará	8.967	1924
14	MA	Maranhão	7.809	1158
15	RN	Rio Grande do Norte	5.787	2022
16	PB	Paraíba	5.456	331
17	SE	Sergipe	5.036	420
18	AM	Amazonas	3.460	1576
19	PI	Piauí	3.259	201
20	AC	Acre	2.978	281
21	DF	Distrito Federal	2.690	288
22	ES	Espírito Santo	2.168	522
23	RR	Roraima	1.833	335
24	TO	Tocantins	1.685	148
25	MS	Mato Grosso do Sul	1.656	29
26	RO	Rondônia	1.600	56
27	AP	Amapá	1.448	152

Revisado e atualizado em 16/12/2021

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol, 2021.

A partir de sua colocação no RNF, a federação estadual tem direito a vagas no certame, distribuídos da seguinte forma: O 1º estado no RNF tem direito a 4 representantes na série D; do 2º ao 9º estado, cada um tem direito a 3 participantes na série D; do 10º ao 23º, há a concessão do ingresso de 2 representantes para cada; e da 24º ao 27º cada federação tem direito a 1 representante.

Exemplificando com o caso nordestino para a Série D de 2023. As federações do Ceará (7ª) e da Bahia (9ª) adicionaram 3 representantes cada, total de 6. As federações de Pernambuco (10ª), Alagoas (11ª), Maranhão (14ª), Rio Grande do Norte (15ª), Paraíba (16ª), Sergipe (17ª) e Piauí (19ª) adicionaram cada uma 2 representantes, com o total de 14 times. Dessa forma, a região Nordeste conta na atual edição da Série D com 20 participantes que ingressaram dessa forma e, para além disso, 3 clubes desta região foram rebaixados na edição passada (2022), a saber, Atlético Cearense-CE, Ferroviário-CE e Campinense-PB. Portanto, a Série D de 2023 conta com um total de 23 participantes.

Tudo isso foi apresentado para justificar o modo de classificação para a Série D e, diante disso, a certa regularidade de participantes por região que tal competição apresenta. A mesma soma poderia ser feita para as outras regiões.

TABELA 8 - NÚMERO DE CLUBES PARTICIPANTES POR REGIÃO NA SÉRIE D DO CAMPEONATO BRASILEIRO (2013-2023).¹⁹											
	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Norte	7	8	7	15	14	14	14	15	14	11	11
Nordeste	13	12	12	21	22	22	22	22	22	22	23
Centro-Oeste	5	6	6	9	9	9	9	10	9	8	8
Sudeste	9	9	9	13	14	14	13	12	14	13	12
Sul	6	6	6	10	9	9	10	9	9	10	10

Fonte: Confederação Brasileira de Futebol / Elaboração: Autoria própria, 2023.

¹⁹ Algumas notas sobre a quarta divisão do campeonato brasileiro durante esse período: i) O campeonato de 2013 e 2015 contou com 40 participantes; ii) O certame de 2014 teve 41 participantes, diferente dos demais que contou com apenas 40; iii) Entre 2016-2021 a competição passou a contar com 68 clubes; iv) A Série D de 2020 e 2021 inseriu no torneio uma fase preliminar com 08 clubes disputando quatro vagas para a primeira fase, assim, completando o número de times para disputa, a saber 68.; v) A Série D de 2022 e 2023, por sua vez, passou a contar com 64 clubes.

Como a competição segue o mesmo padrão de ingressos de clubes a partir do dinamismo do *Ranking* Nacional das Federações, acredita-se que uma observação mais detalhada apenas da atual edição (2023) já apresentará o objetivo deste ponto.

Diante disso, observa-se no período proposto (2013-2023) que a região Nordeste dispõe de mais times nesta competição, uma vez que a maioria das federações nordestinas posicionam-se próximas umas às outras na RNF de um modo que possam a chance de inserirem, em sua grande parte, o mesmo número de clubes. Soma-se a isso o fato da referida região ser aquela que possui mais estados em comparação às demais, um total de 9, consequentemente mais federações de futebol, assim, mais times.

Tais fatos são preponderantes para a constatação do maior número de ingressos na Série D do times nordestinos em comparação a outras regiões. Exemplificando com o caso do Sudeste. Tal região conta com quatro federações - o que por si só já é um número bem diminuto - sendo São Paulo a primeira do *ranking*, com 4 participantes; Rio de Janeiro logo atrás, na segunda posição, com 3 participantes; Minas Gerais na quarta posição, com 3 participantes; e o Espírito Santo na vigésima segunda posição, com 2 participantes. No total, tem-se 12 clubes nesta região na Série D de 2023.

A região Norte possui, tal como a região Nordeste, 9 federações, representando um bom número. Todavia, a posição no RNF de 2022 de cada uma delas não as permite inserir mais times. Pará, na décima terceira posição - a melhor ranqueada - coloca 2 clubes na competição. O mesmo número de representantes do Amazonas (18^a), Acre (20^a) e Roraima (23^a). Tocantins (24^a) possui apenas 1 representante, juntamente com Rondônia (26^a) e Amapá (27), ambas nas últimas posições do *ranking*. No total, a região Norte tem 11 participantes.

Partindo para a região Sul, nota-se que o domínio das suas três federações no cenário do futebol nacional ilustrado no RNF, com Rio Grande do Sul (3^a) Paraná (5^a), Santa Catarina (6^a) permite que cada uma destas federações coloque 3 participantes. Soma-se a isso o rebaixamento do Brasil de Pelotas-RS da Série C de 2022, permitindo, assim, um total de 10 representantes nesta região.

Por fim, a região Centro-Oeste possui 8 representantes nesta edição. Tal número é reflexo da soma das três federações, mais a federação do Distrito Federal. Goiás (8^a) leva 3 representantes; Mato Grosso (12^a) e o Distrito Federal (21^a) fornece 2 participantes; ademais, Mato Grosso do Sul (25^a) equipa a Série D com apenas 1 clube.

MAPA 7 - MÉDIA DE REPRESENTANTES POR REGIÃO NA SÉRIE D (2013-2023)



Fonte: Ítalo Carvalho e Moisés Filho, 2023.

Diante do que foi apresentado, pode-se perceber como o domínio dos times do Sudeste, historicamente constituído e construído, se mantém nos dias atuais. São seus clubes que ocupam cadeiras cativas nos assentos da elite do futebol brasileiro (Série A). Os clubes nordestinos, por sua vez, marcam maior presença em divisões “inferiores” do campeonato nacional (Série B, C e D) se submetendo a estruturas precárias a prática esportiva, possuindo estádios que são quase campos de várzea, com gramados que são verdadeiros impeditivos para o bom desenvolver do jogo profissional, além de estruturas de vestiários, arquibancadas, cabines de transmissão, entre outros.

É certo também que, nos últimos anos, os tradicionais clubes nordestinos, como Bahia-BA, Sport-PE, Fortaleza-CE e Ceará-CE, também se inserem nessa disputa. Boas campanhas e mais anos na elite do futebol brasileiro são características desses times nos últimos anos, entretanto, as oscilações também são marcas desses clubes que alternam entre rebaixamentos para a Série B e acessos/retorno para a Série A, não conseguindo se firmar na primeira divisão do Campeonato Brasileiro.

O Santa Cruz-PE é um bom exemplo disso. A primeira década do campeonato nacional (1971 a 1980) é um período de inúmeras glórias para o Santa Cruz. O clube pernambucano conquistou um quarto lugar no Campeonato Brasileiro de 1975. Este time tinha craques como Givanildo Oliveira, Ramon e Fumanchu - autor dos dois gols na semifinal contra o Cruzeiro, no Arruda, na derrota por 3 a 2. Em 1978, o esquadrão coral terminou na quinta posição do Brasileiro, caindo apenas nas quartas de final diante do Internacional. Atualmente, o time que até disputou a Série A no ano de 2016, encontra-se nas últimas posições do Grupo C da Série D. Desde o início da era dos pontos corridos, “o mais querido”, como conhecido o Santa Cruz por sua fiel torcida, esteve presente por duas vezes na Série A (2006 e 2016); por sete vezes na Série B (2003, 2004, 2005, 2007, 2014, 2015 e 2017); por sete vezes esteve na Série C (2008, 2012, 2013, 2018, 2019, 2020 e 2021), e por cinco vezes na série D (2009, 2010, 2011, 2022 e 2023).

É fato que a fiel torcida do Santa Cruz sempre estará presente, mesmo nestes anos tão difíceis do ponto de vista futebolístico. O maior exemplo disso é ilustrado no fato de que o maior público da Série D de 2022 é do “santinha”, colocando mais de 38 mil torcedores no “mundão do Arruda” no jogo entre Santa Cruz e Tocantinópolis, que terminou 0x0. Contudo, a falta contínua de protagonismo tem provocado cada vez mais uma baixa no número de torcedores, principalmente nas regiões do agreste - onde ocupa hoje a quinta posição - e no sertão pernambucano - onde ocupa a sexta posição. É o que mostra a pesquisa produzida pelo Instituto Múltipla, que ouviu 1.000 pessoas entre 28 de agosto e 1º de setembro de 2021. O instituto constatou que quanto mais longe do litoral - zona da mata e região metropolitana do Recife - mais perto o indivíduo estará do Corinthians ou do Flamengo, por exemplo (algo que poderia facilmente descrever os outros estados nordestinos).

Por que os clubes tradicionais nordestinos, todos eles localizados nas capitais dos seus respectivos estados, não conseguem atingir, ou pelo menos em menor número, as outras macrorregiões? A resposta para isso é repleta de complexidade e profundidade, algo que uma futura pesquisa poderá esboçar alguma resposta. Todavia, e aqui reside o ponto deste tópico, a falta de protagonismo desses clubes tem se tornado uma barreira, fator de resistência, para a captação de mais adeptos.

Enquanto isso, Flamengo, Corinthians, Palmeiras, entre outros, continuam se expandindo para além de suas regiões, alcançado mais amantes do futebol sedentos por mais títulos e conquistas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se, através desta pesquisa, que os times do Sul e Sudeste são aqueles detentores da centralidade futebolística nacional. Logo, são os clubes destas regiões que reinam soberanamente nos campos de futebol profissional. Exercem primazia em títulos, êxitos e conquistas. Tal superioridade se reverbera para as arquibancadas, afinal, como comentado na introdução da pesquisa, o torcedor, de modo geral, torce por vitórias e triunfos. Tudo isso corrobora com a busca por mais prestígio e reconhecimento do indivíduo por intermédio do futebol que encontra em tais clubes a oportunidade de “ser campeão” em maior profusão.

Todavia, essa proeminência de títulos, esse sucesso continuado de tais clubes da centralidade foi algo construído factualmente. “A bola não entra por acaso” é um jargão popular que indica que a causalidade não dita o ritmo das vitórias e que uma soma de fatores devem estar envolvidos para o êxito idealizado. De modo análogo, pode-se afirmar que as taças de campeões do Campeonato Brasileiro, Libertadores, Mundial de Clubes, entre outras conquistas de maior peso, enfileiradas nas salas de troféus do Flamengo-RJ, São Paulo-SP, Internacional-RS, entre outros clubes, não é mero fruto do acaso, um acontecimento surpreendente e circunstancial, pois, ao longo dos anos, tais clubes se inseriram em locais possuidores das bases necessárias para que se posicionassem como “os donos da bola”.

Historicamente, os referidos clubes se estabeleceram em regiões que exerceram maior predomínio econômico, político, social e cultural sobre as demais. O “Brasil arquipélago” na qual as diferentes regiões do Brasil conectavam-se com o mercado externo de modo independente e que possuía pouquíssimas conexões e integrações entre si, migra - em uma industrialização tardia, marcada pela exportação de café, pela migração de uma mão de obra estrangeira e a formação de uma classe média urbana consumidora - para um Brasil marcado pela formação de uma região concentrada, dotado de centralidade, uma vez que reúne os principais meios técnico-científicos e financeiros do país. Tal região concentrada inclui cidades como São Paulo, a maior metrópole do Brasil, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, concentrando a maior população, as maiores indústrias, os principais portos, aeroportos, *redes de serviços*, principais rodovias e etc, que passam a ditar o ritmo da integração regional (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Somado a esse fator, tem-se o comando dos meios de informação - jornais, rádio, televisão e internet - pelos clubes da centralidade, que serviu durante anos para a difusão e propagação da informação sobre o futebol por estes praticado para outras regiões do Brasil.

Era um futebol à moda do “eixo” transmitido por intermédio da letra dos jornalistas e cronistas, das ondas radiofônicas, das transmissões televisivas e também pelas redes da internet que chegavam massivamente ao público nordestino. Este último meio, a saber, a internet, além de servir como instrumento de consolidação dos “times do eixo”, também serve para aproximar o torcedor nordestino do seu time local, algo na qual por muito tempo dele foi privado ou até mesmo excluído.

Portanto, é possível perceber como “times de fora”, dominantes, concentram uma grande quantidade de estímulos - títulos, grandes times, hegemonias, melhores campanhas, consolidação nos melhores campeonatos, exposição na mídia, prestígio nacional e internacional, etc. - para conquistar mais e mais torcedores.

Este trabalho não teve o intuito de descrever exaustivamente todas as razões que levam o indivíduo a torcer para um clube de futebol, mas sim de comprovar que aquele que busca maior prestígio futebolístico encontrará o que procura nos “times de fora”, haja vista que boa parte dos times nordestinos, como observado, possui suas maiores façanhas em campeonatos nacionais de divisão inferior, campeonatos regionais ou em estaduais (alguns somente nestes). Assim, surge o torcedor “misto”, aquele que não segue a lógica determinista da região, seja com um torcedor de amor dividido - Ceará-CE e Flamengo-RJ - ou com um torcedor de amor exclusivo - Vasco da Gama-RJ.

Em 19 de fevereiro de 1989, o Bahia conquistava o título de campeão brasileiro dentro do Beira-Rio e provocava uma erupção de gente nas ruas de Salvador. O time do craque Bobô e comandado pelo grande técnico Evaristo de Macedo encheu de orgulho não somente Salvador, mas também todo Nordeste. A Tremenda façanha de 1988 era uma clara demonstração de que nem sempre “os donos da bola”, isto é, os principais clubes do eixo do país vencem no futebol.

Diante disso, encerra-se este trabalho com a seguinte provocação e incitamento para reflexões e pesquisas futuras, a saber: A conquista continuada de títulos e campanhas bem sucedidas por clubes do Nordeste diminuiria o número de torcedores de “clubes de fora” nas próximas gerações? O crescimento recente do Fortaleza-CE, por exemplo, no cenário nacional do futebol, poderá ser suficiente, caso continuado, para que ele domine ainda mais o gosto do público cearense na preferência entre times, em detrimento do Flamengo-RJ (maior torcida do estado) nos próximos anos?

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMEISTER, RF e LEARY, MR. **A necessidade de pertencer: Desejo de vínculos interpessoais como motivação humana fundamental.** *Boletim Psicológico*, (1995), 117 (3), 497–529. Disponível em: < <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.497> >

BETTI, M. **Janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física.** Campinas: Papyrus, 1998. Disponível em: < <https://www.researchgate.net/publication/301540616> >
Acesso em: 18 de Agosto, 2023.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos.** 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado)–Curso de Comunicação. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

BONIN, Ana Paula Cabral. et al. **A transmissão radiofônica de jogos de futebol: a incoerente gratuidade de um espetáculo esportivo.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 186-193, Abr./Jun. 2016. Disponível em: < <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.10.009> >
Acesso em: 18 de Agosto, 2023.

CAMARGO, V. R. T. **O Comunicador e o educador esportivo: novos paradigmas para o esporte midiático.** Conexões, Campinas, SP, v.1, n. 6, 2007.
DOI: 10.20396/conex.v1i6.8638038.

CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo / Wilson Cano.** 5. ed. – Campinas, SP: Unicamp. IE, 2007. ISBN 978-85-86215-64-3

CREPALDI, Daniel Damasceno. **A participação da Rádio Nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 40.** 2009. 100 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Presidência. **Resolução nº 03/2010, de 20 de Dezembro de 2010**. Dispõe sobre o reconhecimento de campeões nacionais a partir de 1959. Rio de Janeiro: Presidência, 2010.

Disponível em: < <https://www.cbf.com.br/a-cbf/institucional/preidente-rdp> >

Acesso em: 25 de Julho, 2023.

_____. **Futebol Brasileiro. 2023.**

Disponível em: < <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro> >

Acesso em: 25 de julho, 2023.

_____. **Ranking de Federações da CBF, 2022.**

Disponível em: < https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202112/20211217034518_87.pdf >

Acesso em: 25 de julho, 2023.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol**. Revista USP. São Paulo, v .22, p. 10-17, 1994.

DAMO, Arlei. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da Universidade IFCH/UFRGS, 2002.

DINIZ, Clélio Campolina. **A questão regional e as políticas governamentais no Brasil**. CEDEPLAR/FACE/UFGM, Belo Horizonte. Texto para discussão nº159, 2001.

DINIZ, Guilherme. **Esquadrão Imortal - São Paulo 1991-1994**. Imortais do Futebol, 2012.

Disponível em: < <https://imortaisdofutebol.com/esquadrao-imortal-sao-paulo-1991-1994/> >

Acesso em: 25 de Julho, 2023.

_____. **Esquadrão Imortal - Flamengo 1980-1983**. Imortais do Futebol, 2012.

Disponível em: < <https://imortaisdofutebol.com/esquadrao-imortal-flamengo-1980-1983/> >

Acesso em: 25 de Julho, 2023.

_____. **Esquadrão Imortal - Grêmio 1994-1997**. Imortais do Futebol, 2012.

Disponível em: < <https://imortaisdofutebol.com/esquadrao-imortal-gremio-1994-1997/> >

Acesso em: 25 de Julho, 2023.

_____. **Esquadrão Imortal - Cruzeiro 1999-2000**. Imortais do Futebol, 2018.

Disponível em: < <https://imortaisdofutebol.com/esquadrao-imortal-cruzeiro-1996-2000/> >

Acesso em: 25 de Julho, 2023.

FEITOSA, Anselmo Penha. **Como o uso das redes sociais mudou o engajamento de torcedores de futebol no Brasil** [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

FRANCO, Giullya. **Campeonato Brasileiro de Futebol**; Brasil Escola.

Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/campeonato-brasileiro> >

Acesso em 25 de julho de 2023.

FONSECA, Venilson Luciano Benigno. **Lugares e territórios na cultura do futebol brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2014, Belo Horizonte (MG), 2014.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&M, 2012.

GIULIANOTTI, Richard. **Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol**. Recorde: Revista de História do Esporte. V. 5, número 1, junho de 2012.

GIRÃO, Raimundo. **Palestina: uma agulha e as saudades**. Fortaleza: Editora UFC, 1972.

IBOPE - Repucom. **Ranking digital dos clubes brasileiros**. 10 de Abril de 2023.

Disponível em: < <https://www.iboperepucom.com/br/rankings/ranking-digital> >

Acesso em 25 de julho de 2023

JUNIOR, Ary José Rocco. **Bola na rede: o ciberespaço, as torcidas virtuais e a cultura do futebol no século XXI**. Lecturas Educación Física y Deportes, Buenos Aires, Año 10 - N° 82 - Março de 2005. Disponível em: < <https://efdeportes.com/efd82/rede.htm> >

Acesso em 20 de julho de 2023

MAIRTON, Pedro. **“É preciso estimular o cearense a torcer para os times do Ceará”, diz João Palomino**. O Povo, Fortaleza-CE, 04 de Novembro, 2022.

Disponível em: < <https://www.opovo.com.br/esportes/futebol/times/ceara/> >

Acesso em 25 de julho de 2023

MASCARENHAS, G. **A cidade colonial ao espaço da modernidade: a introdução dos esportes na vida urbana no Rio de Janeiro**. Scripta Nova, Barcelona, v. 3, n. 45, 1999a.

_____. **A modernidade urbana em corpos adestrados: o futebol no ritmo (e nas contradições) da industrialização**. Cidade Industrial / II Congresso Histórico Internacional; coord. Antero Ferreira, Alexandra Marques; fot. Paulo Pacheco. - Guimarães : Câmara Municipal de Guimarães, 2017. (As Cidades na História: Sociedade. v.3) - ISBN 978-989-8474-54-4 - p.191-204.

_____. **Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão espacial do futebol**. Geo UERJ, Rio de Janeiro, v. 10, p. 73-82, 2001b.

_____. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014a.

_____. **Futebol, globalização e identidade local no Brasil**. Lecturas Educación Física y Deportes, Buenos Aires, Año 8 - N° 57 - Fevereiro de 2003.

Disponível em: < <https://www.efdeportes.com/efd57/futebol.htm> >

Acesso em 20 de julho de 2023

_____. **Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia**. GEOgraphia (UFF), v. 4, p. 32 - 47, 2002b

MURITO, Bruno; ZARCO, Raphael. **Maiores torcidas do Brasil: pesquisa atlas mostra Flamengo, Corinthians e São Paulo no top 3**. Globo Esporte, Rio de Janeiro-RJ, 25 de Abril, 2023.

Disponível em: < <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2023/04/25/maiores-torcidas> >

Acesso em 25 de julho de 2023

PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do Passeio Público à ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904-1945)**. 2007. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2007.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SALES, T.; BAENINGER, R. **Migrações internas e internacionais no Brasil: Panorama deste século**. TRAVESSIA - Revista do migrante, [S. l.], n. 36, p. 33–44, 2000. DOI: 10.48213/travessia.i36.742.

Disponível em: < <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/742>. >

Acesso em: 21 ago. 2023.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional**. in: SANTOS, Milton (Org). O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro - 9º Ed - Editora Record, 2006. p.23-52.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, [1996]1997.

_____. **Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, n. 6, p. 5-20, jan./jun. 1999b.

SILVA, Fernando Santos da. **As mediações no campo digital: uma pesquisa sobre a relação entre clube de futebol e torcedor na internet**. 2018. 123f. - Dissertação (mestrado) - Universidade federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Fortaleza (CE), 2018.

SILVA JÚNIOR, Antonio de Souza; SALAZAR, Viviane Santos; FEITOSA, Marcos Gilson Gomes. **O Clube dos 13 e o novo cenário do futebol brasileiro: uma análise a partir dos campeonatos baiano, goiano, paranaense e Pernambucano.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 103-122, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, metrópoles e desatinos.** Revista USP. São Paulo, n. 22, p. 30-37, jun/jul/ago, 1994.

SOUSA, I. B. B. de; SAMPAIO, M. de A. P.; MENDES, J. N.; LEITE, I. M.; MATTOS JUNIOR, J. S. de. **Futebol e cartografia: uma análise do Campeonato Brasileiro Série A.** Revista do Departamento de Geografia, [S. l.], v. 42, p. 1-12, 2022. DOI: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203476.

SCHATZ, Patrícia Volk. **A imprensa escrita entra em campo: relações entre política e futebol através da análise da Revista Placar (1974-1982).** Dissertação (Mestrado em história cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis (SC), 2015. 193 p.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX.** HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (Org.): O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística: os torcedores "Mistos" do Nordeste.** 2011. 90f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2011.

APÊNDICE A - TÍTULOS DOS CLUBES TRADICIONAIS DO NORDESTE

Clubes	Títulos
Bahia-BA	<p>Competições Nacionais - Bicampeão Brasileiro (1959 e 1988);</p> <p>Competições Regionais - Tetracampeão da Copa Norte/Nordeste (1948, 1959, 1961 e 1963); Tetracampeão da Copa do Nordeste (2001, 2002, 2017, 2021);</p> <p>Competições Estaduais - 50 títulos do Campeonato Baiano.</p>
Vitória-BA	<p>Competições Regionais - Bicampeão da Taça Brasil da Região Nordeste (1965 e 1966); Tetracampeão da Copa do Nordeste (1997, 1999, 2003 e 2010);</p> <p>Competições Estaduais - 29 títulos do Campeonato Baiano.</p>
Sport-PE	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro (1987); Copa do Brasil (2008); Campeão Brasileiro da Série B (1990);</p> <p>Competições Regionais - Campeão da Taça Brasil do Norte/Nordeste (1962); Tricampeão da Taça Brasil Norte (1959, 1962 e 1963); Campeão do Torneio Norte e Nordeste (1968); Tricampeão da Copa do Nordeste (1994, 2000 e 2014);</p> <p>Competições Estaduais - 42 títulos do Campeonato Pernambucano.</p>
Náutico-PE	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro da Série C (2019);</p> <p>Competições Regionais - Campeão do Torneio Norte-Nordeste (1952); Bicampeão da Copa Norte da Taça Brasil (1964 e 1965) Tricampeão da Copa Norte (1965, 1966 e 1967);</p> <p>Competições Estaduais - 24 títulos do Campeonato Pernambucano.</p>
Santa Cruz-PE	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro da Série C (2013);</p> <p>Competições Regionais - Campeão da Copa Norte-Nordeste (1967); Campeão da Copa do Nordeste (2016);</p> <p>Competições Estaduais - 29 títulos do Campeonato Pernambucano.</p>

Clubes	Títulos
Fortaleza - CE	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro da Série B (2018);</p> <p>Competições Regionais - Bicampeão da Taça Brasil/Zona Norte-Nordeste (1960 e 1968); Campeão do Torneio Norte e Nordeste (1970); Bicampeão da Copa do Nordeste (2019 e 2022)</p> <p>Competições Estaduais - 46 títulos do Campeonato Cearense.</p>
Ceará-CE	<p>Competições Regionais - Campeão da Taça Brasil da Zona Norte (1964); Campeão do Torneio Norte e Nordeste (1969); ; Tricampeão da Copa do Nordeste (2015, 2020 e 2023);</p> <p>Competições Estaduais - 46 títulos do Campeonato Cearense.</p>
Ferroviário-CE	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro da Série D (2018);</p> <p>Competições Estaduais - 09 títulos do Campeonato Cearense.</p>
Sampaio Corrêa - MA	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro da Série B (1972); Campeão Brasileiro da Série C (1997); Campeão Brasileiro da Série D (2012);</p> <p>Competições Regionais - Campeão da Copa do Norte (1998); Campeão da Copa do Nordeste (2018);</p> <p>Competições Estaduais - 36 títulos do Campeonato Maranhense.</p>
Moto Club - MA	<p>Competições Regionais - Campeão do Torneio dos Campeões do Norte (1948); Campeão da Taça Brasil Zona Norte (1968);</p> <p>Competições Estaduais - 26 títulos do Campeonato Maranhense.</p>
River-PI	<p>Competições Estaduais - 31 títulos do Campeonato Piauiense.</p>
Flamengo-PI	<p>Competições Estaduais - 17 títulos do Campeonato Piauiense.</p>
ABC-RN	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro da Série C (2010);</p> <p>Competições Estaduais - 57 títulos do Campeonato Potiguar.</p>

Clubes	Títulos
América-RN	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro da Série D (2022);</p> <p>Competições Regionais - Campeão da Taça Norte/Nordeste, Taça Almir (1973); Campeão da Copa do Nordeste (1998);</p> <p>Competições Estaduais - 37 títulos do Campeonato Potiguar.</p>
Botafogo-PB	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro da Série D (2013);</p> <p>Competições Estaduais - 31 títulos do Campeonato Paraibano.</p>
Campinense-PB	<p>Competições Regionais - Campeão da Taça Brasil/ Zona Nordeste (1962); Campeão da Copa do Nordeste (2013);</p> <p>Competições Estaduais - 22 títulos do Campeonato Paraibano.</p>
Treze-PB	<p>Competições Regionais - Campeão da Taça Brasil / Zona Nordeste (1967);</p> <p>Competições Estaduais - 18 títulos do Campeonato Paraibano.</p>
CSA-AL	<p>Competições Nacionais - Campeão Brasileiro da Série C (2017);</p> <p>Competições Estaduais - 40 títulos do Campeonato Alagoano.</p>
CRB-AL	<p>Competições Estaduais - 33 títulos do Campeonato Alagoano.</p>
Confiança-SE	<p>Competições Estaduais - 22 títulos do Campeonato Sergipano.</p>
Sergipe-SE	<p>Competições Estaduais - 37 títulos do Campeonato Sergipano.</p>